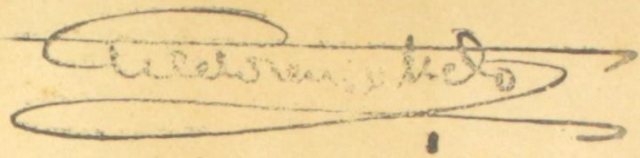

São Paulo 30/X/937.

João Ribeiro

Prof. Dr. Antonio Delorenzo Neto
R. G. 1.183.532

MUCIO LEÃO

João Ribeiro

Estudos Criticos

Prof. Dr. Antonio Delorenzo Netó
R. G. 1.163.552

1934

EDITORIAL ALBA LIMITADA
Rua do Lavradio, 60 — Rio de Janeiro

Composto e impresso na tipografia ALBA, de Moreira, Cardoso & Freitas, Ltda. – Rua do Lavradio, 60 — Rio

Advertencia

Entrego ao leitor a primeira parte de um longo estudo sobre João Ribeiro.

Meu intuito teria sido o de escrever um livro que, em duas ou tres centenas de paginas, encerrasse o comentario essencial acerca da figura e da obra do escritor.

João Ribeiro, porém, é demasiado complexo. E, á medida que lhe fui meditando a obra, á proporção que lhe fui penetrando os desvãos inumeraveis do espirito, verifiquei que o meu projéto teria de expandir-se muito além do que eu supunha.

O trabalho sáe, pois, em dois volumes — o que é talvez uma temeridade insana.

Grande coisa é para um escritor obter, no Brasil, publico para um opusculo que seja ameno. Que sonho desvairado será esse, de arran-

jarmos leitores para dois tomos de uma arida obra de critica?...

Como quer que seja, dou agora o primeiro volume da obra. Aqui, eu estudo João Ribeiro sob varios aspectos: o homem, o poeta, o historiador, o filologo, o professor, o folquelorista, o jornalista, o academico... Em torno desses têmas centrais, fixo outras faces daquêle espirito, como, por exemplo, as suas idéas politicas, os seus pontos de vista com relação ás mulheres, as suas teorias de estetica, as suas relações de amizade com Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, e tantos outros.

O segundo volume, conto poder dá-lo no ano proximo. Nêle fixarei outras feições do espirito de João Ribeiro: o seu estilo de escritor, a sua imaginação de romancista, a largueza de sua erudição, a sua argucia e o seu bom gosto de critico, a sua concepção de religião e de moral, a intuição clara de sua doce e generosa filosofia...

Acredito que os dois volumes formarão um estudo aturado, e tão completo quanto é possivel realizá-lo ás minhas poucas forças, sobre aquêle homem tão singular.

Devo dizer que tambem o trabalho de coordenação e escolha dos ar-

tigos avulsos de João Ribeiro se acha feito; falta apenas completar uma parte insignificante. Temos, assim, organizada uma serie de perto de trinta livros, os quais abrangem os materiais mais varios, indo desde a ficção até á filosofia e desde os amaveis capitulos autobiograficos até aos severos estudos da gramatica. Cumpre-me acrescentar que, de acordo com o plano a que obedeceu esse trabalho — plano qüe traçámos juntos, Joaquim Ribeiro e eu — só a parte da critica se estenderá por perto de dez volumes.

Espero que em breve tempo possam ir saindo as obras completas de João Ribeiro.

Meu estudo ficará, pois, como uma especie de prefacio — bem apagado e vil prefacio, sem duvida! — a essa obra prodigiosa, gigantesca e fascinante.

M. L.

João Ribeiro

CAPITULO PRIMEIRO

O HOMEM

I

No limiar de um estudo sobre a vida e a obra de João Ribeiro, é natural que nos interroguemos:

— Nesse homem, tão rico de feições intelectuais, qual será a manifestação mais interessante? Qual, dentre todas as suas formas de espirito, aquela que mais longamente nos fére a imaginação?

Clara é, para mim, a resposta a estas perguntas. — Certo, êle é sabio e é creador de belêsa; é douto e é amigo das reflexões. Seu espirito floresce nas imagens ardentes ou misteriosas da ficção, e nas meditações sutis da critica, da analise e da filosofia. Possue mil ressonancias altas, que se prolongam indefinidamente. E tudo isso, sem duvida, é sugestivo.

Mas ha, nêle, uma feição que abrange e envolve todas as outras: é a sua capacidade imensa de sêr humano.

João Ribeiro nasceu no sertão de Sergipe, na quieta e repousada Laranjeiras. A vida, em sua inconstancia, ofereceu-lhe á contemplação quadros brilhantes de civilizações opulentas. Encheu-o de noções, de ideias, de impressões. Seu cerebro tornou-se um dos mais intensos, um dos mais povoados cerebros, que ainda têm existido no planeta.

E, todavia, êle aparentava, sempre, a simplicidade dos rusticos. Suas roupas são modestas, e iriamos apostar que êle as compra feitas, tão desageitadas lhe correm no contacto do corpo. Sua atitude é a de um tabareu sempre cançado.

Não! Não ha, positivamente, nesse homem, tão cheio de contradições, a menor coerencia entre o que êle é e o que aparenta ser.

Na aparencia, um rude camponês de Laranjeiras, perdido, sem cuidado, na metropole que não compreende. Na realidade, um cerebro de diamante, lusente como uma estrêla, um arcanjo inspirado igualmente no amor e na rebeldia, na malicia, na volupia e na piedade, um demonio suave, que se move, entre as ideias, com a volubilidade e a graça de Ariel.

II

O que me parece sobretudo curioso é acompanhar a imensa aventura humana de João Ribeiro.

Nasceu êle num lar modesto, onde o destino parecia apenas prometer-lhe um lugar de guarda-livros, numa cidade do interior. Na melhor hipotese, sorria-lhe uma carta de bacharel, para que êle pudesse ir decidir de chochos pleitos no sertão; ou, em sonho mais alto, um diploma de medico, um diploma de politecnico.

Mal começa o menino a ter a consciencia das cousas, morre-lhe o pai. Ficam na orfandade duas crianças e uma viuva pobre. O pequeno João vae morar, com a mãe e o irmão, na casa do avô.

Segundo depoimento do proprio neto (1), o avô de João Ribeiro era um velho vivaz, de espirito aberto ás ideias, inimigo das caturrices e dos preconceitos — das caturrices e dos preconceitos que não fossem os seus, é claro. Potencia á geração do cartistas e dos francmaçons. Detestava os padres e os frades. Imaginava um catolicismo puro. Adorava Herculano e Saldanha Marinho.

(1) João do Rio — **O momento literario.**

O menino gosta muito do avô, mas não o acompanha em suas idéias. Diverte-se, apenas, com os grandes pensamentos que lhe inflamam o cerebro.

O velho tem uma cousa ótima em casa: são os livros. Ha uma coleção do *Panorama*, uma outra do *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*. O garoto passa os dias lendo essas publicações, em que descobre muita materia interessante.

Começa de frequentar a escola publica, e ali lhe dão os rudimentos do latim e do francês. Dão-lhe, tambem, a estudar, o *Manual enciclopedico*, de Emilio Achilles Monteverde.

Esses tres rumos de estudo infantil acentuam as tendencias que mais tarde hão de orientar João Ribeiro no sentido do diletantismo espiritual. No *Panorama*, êle contrái o gôsto da historia, o amor da filologia, a vontade de ser preciso, claro, nitido, limpo, no que escreve. Desenvolve, tambem, os primeiros impulsos para a pintura, copiando e recopiando as gravuras que ali existem. No *Manual Enciclopedico* estuda a mitologia, os principios das ciencias. No *Almanaque de Lembranças* aprende essa cousa admiravel, que foi um dos marcos decisivos da sua formação intelectual: aprende a fazer charadas. O amôr das charadas ha de leva-lo, atravez da

vida, a varios resultados: leva-lo-á á poesia, leva-lo-á aos assuntos da erudição, dar-lhe-á a curiosidade pelos problemas da cultura e da ciencia.

E' ainda bem criança, e os seus parentes, os seus conhecidos, já o consideram uma especie de prodigio: pois se o raio do menino pinta para os presepios de Natal e até sabe fazer versos!

A verdade é que êle se delicia em fazer esses versos. Seu avô assina uma revista baiana, o *Arquivo economico*. Essa revista é impressa num papel excelente; tem longas margens brancas. João Ribeiro apara-lhe as margens, e é nelas que vae escrevendo os seus primeiros versos. Imagina um largo poema patriotico: a *Brasiliada*, ou *Brasiléida*. Seria um poema em *oitava rima*, penetrado do largo sôpro dos mares americanos. Achara o assunto numa pagina do *Panorama*, num romance historico de Varnhagen. A *Brasiliada* havia de contar os amores de Ypeca, uma india tupinacuim, com um português da frota de Cabral. A ideia morreu logo, porém. E esse grande poema de navegação e de amor jamais foi escrito.

Mais tarde, passa João Ribeiro para o Ateneu de Sergipe, em Aracajú. Seu amor ao estudo é longo, e o menino está sempre nos

primeiros postos. Ha classificações entre os colegas: o primeiro é o *Imperator;* o segundo, o *Consul;* o terceiro, o *Pretor*. João Ribeiro é sempre o *Imperator*. Sómente uma vez cedeu o seu logar, para, logo depois, readquiri-lo.

Feitos os exames do Ateneu, vae para a Baía. Sua ambição é formar-se em medicina. Mas sente, logo, que não está no rumo verdadeiro. Parte para o Rio, com o designio de formar-se em engenharia.

Nos intervalos dessa atividade, continúa pintando — e pinta com entusiasmo tal, com tal ardor, que acaba acreditando ser a sua vocação a vocação da arte. Estuda a escultura. Toma lições de musica...

Esse enciclopedismo inquieto vae encontrar um campo apropriado. João Ribeiro faz-se jornalista. E' a penultima decada do seculo. O momento é das grandes campanhas, que vão dar uma face nova ao país. João Ribeiro mete-se, com o seu entusiasmo adolescente, na atuação jornalistica.

Passam alguns anos.

As grandes reformas vão-se fazendo. Vem a libertação dos negros, momento culminante de epopeia. Vem a mudança do regimen politico, momento de ridiculo entremez.

A situação dos jornalistas torna-se dificil no Rio. Os dominadores da ocasião mostram-se pouco tolerantes para com a imprensa que não seja sua apaniguada. Surgem inexplicaveis complicações; perseguições, castigos, ameaças... Muitos dos amigos e companheiros andam foragidos pelo interior, presos em fortalezas...

João Ribeiro encara a tentativa republicana como um terrivel mal para a patria. Receia provavelmente que a nova organização politica venha mudar os destinos do Brasil. Sua ideia é que para o nosso país é de toda a conveniencia a autoridade e a centralização do Imperio.

Desiludido e timido, abandona os jornais. Dá-se inteiramente aos estudos e á meditação. Seu lar enche-se, pouco a pouco, da alegria ruidosa das crianças. Ele dedica-se com assiduidade aos estudos de português e de historia. Medita os grandes autores da filologia e da filosofia. Viaja. Sente. Em uma palavra: vive.

III

E é verdadeiro, espontaneo, em tudo isso. Sua sinceridade perfeita leva-o a não querer ser senão êle proprio. "Quero viver sem glo-

ria, com o só prazer de viver", disse certa vez.

Chegavam-lhe os cincoenta anos de sua atividade intelectual, quando um amigo, que residia em Minas, o Sr. Lindolfo Gomes, escreveu um artigo afetuoso, propondo que, consagrado á comemoração daquela gloria, organizassem os discipulos, os amigos do escritor, e, em geral, todos os brasileiros, um *livro jubilar*, a êle dedicado. Leu João Ribeiro o artigo, e contra a proposta vivamente se insurgiu. "Oponho-me quanto em mim está a essa demonstração de amizade, que julgo não só imerecida, como inoportuna", disse êle, com insolita aspereza.

Sua alma é sinceramente modesta. Ele sabe que sómente na humildade filosofica existem as verdadeiras delicias do espirito.

Sua simplicidade, quasi ascetica, não o deixa aspirar a grandes recompensas pelo seu trabalho. Quando pensa em obter uma honraria, uma dignidade oficial, pelo muito que elevou o pensamento e a cultura em nosso pais, o que mais lhe sorri é o titulo de conselheiro... Tem uma sedução indefinivel por esse titulo. E' só usando dessa palavra que se dirige a Ruy Barbosa. Se sua opinião pudesse prevalecer, Machado de Assis seria conse-

lheiro; se-lo-ia Nabuco, se-lo-ia Graça Aranha, se-lo-ia o Sr. Coelho Netto...

Ele tambem, João Ribeiro, obteria esse titulo. E se sentiria feliz...

O governo provisorio, em 1933, encarregou-o de fazer a revisão geral do ante-projéto da Constituição; êle interrogava os amigos:

— Vocês acham que eu serei pago por essa trabalheira infernal?

Os amigos diziam-lhe que sim. Ele fazia calculos.

— Dar-me-ão dois contos?... Tres contos?...

Quando um dia alguem imaginou que êle havia de receber talvez dez contos pelo trabalho, seu assombro foi grande. Parecia-lhe aquela uma cifra quasi inexistente!

E, de facto, quando recebeu, no Tesouro, essa soma, sentiu-se um pouco perdido, como se estivesse flutuando nas alturas cresulescas dos Morgans e dos Rothschilds... Tanta era a simplicidade de sua alma.

IV

Esse clima moral é que lhe inspira uma indisposição marcada contra certas exibições dos homens.

Ele sente um sagrado horror pelos eloquentes. Foge de todos os que fazem discursos. Tem uma *ogerisa figadal* contra os oradores. Onde houver o perigo de ouvir um orador, é certo que aí êle não põe os pés.

Seu pavor de ouvir discursos só é comparavel ao seu pavor de fazê-los. Academico por mais de trinta anos, êle nunca deu as bôas vindas a nenhum de seus confrades. Seus maiôres amigos entraram na Academia, sem que êle os fosse receber ao limiar. Quando, pela imperiosa determinação das cousas, tivesse que falar, a sua palavra era curta. Seu discurso de recepção é talvez o mais breve que a Academia Brasileira ainda ouviu.

Esse pavor leva-o a situações ineditas. Ele chega a sonhar que lhe fazem uma manifestação! Em meio a essa manifestação, ha sujeitos palradores, que desandam, desafinados, a dizer asneiras...

Mais ainda do que os discursos, odeia as estatuas. Uma estatua parece-lhe ser o epigrama mais triste que se pode impôr á memoria de um homem de espirito.

Protesta contra a ideia de se levantar uma herma a Lima Barreto. Enquanto era vivo, dir-nos-á, "mão alguma amparou-o no seu mofino desmoronamento"... E agora querem arranca-lo do *silencio amigo da terra ou do livro,* para expô-lo á irrisão da praça publica! Não no perturbeis no tumulo!

Protesta, tambem, contra a subscrição que se destina a angariar os fundos para a estatua a Machado de Assis. Parece-lhe quasi uma heresia que dê agora dinheiro para a estatua do romancista a multidão que em vida tanto o desdenhou e desconheceu. E conta, a proposito, essa historia desenganada:

> "Quando Machado de Assis morreu, o Barão do Rio Branco ordenou que fossem feitos funerais opulentos, proporcionados ao genio do escritor.
>
> "A multidão, porém, desatinava com essa pompa. A' porta da Garnier, onde aparecem presumidamente pessoas que sabem lêr, uma delas perguntou:
>
> "— Mas quem é esse Machado de Assis tão rico? Será o Assis das loterias?
>
> "Estou certo de que, se pudesse reviver por um momento, o romancista gaguejaria a resposta:
>
> "— P... p... parece que é o Assis da sorte grande!" (1)

(1) **Estado de São Paulo,** 22-8-1925.

V

Quando recebia uma prova de consideração excepcional, João Ribeiro tinha o ar de não crêr, o ar de quem pensasse para si mesmo: "Mas isso será de fáto comigo?" Assim foi quando aqui chegou Lopez Mesquita, o famoso pintor espanhol, encarregado de retrata-lo, bem como a outras celebridades brasileiras. Seu espanto foi enorme.

Ele diverte-se, ás vezes, usufruindo uma fama que lhe não cabe. Ha, na cidade, um seu homonimo, que é milionario, politico e banqueiro. O correio e o telegrafo enganam-se, e mandam para êle a correspondencia do homem rico. Ele experimenta, por um momento, uma importancia que a vida lhe negou... E se diverte com essas confusões. A's vezes, porém, elas são crueis. Quando morreu o banqueiro, muita gente acreditou que tinha morrido o gramatico; houve mesmo quem acreditasse que tinham morrido os dois. Numa capital do Norte, um jornal noticiou o falecimento do *grande filologo*, que era tambem um *ilustre banqueiro* e *tinha sido ministro da Fazenda*. A' casa de João Ribeiro chegaram telegramas magoados de condolencias. E êle poude ser testemunha da tristeza que a sua morte causava aos amigos e ao país.

Sua ironia bemfazeja aconselha-o a sorrir disso tudo. Ele recorda uma aventura semelhante ocorrida a Marck Twain, quando esse humorista se encontrava em passeio em Viena. Sabendo que na America circulavam noticias de sua morte, o escritor assim telegrafou aos amigos: "As noticias a respeito de minha morte são muito exageradas". João Ribeiro aproxima a sua funebre aventura da aventura de Marck Twain, e comenta: "Eu não tenho consolação tamanha; tenho-me por agonizante desde que vinguei os setenta neste vale de lagrimas".

VI

Sua simplicidade é grande, sem duvida!

E' essa simplicidade que o induz a confessar-nos os enganos e as tolices que tem cometido. Está pronto, realmente, a reconhecer as loucuras que faz. E, se não se poupa a fazê-las, é sómente porque não consegue jamais discernir o Bem e o Mal, os dois lhe aparecendo apenas como conceitos metafisicos, que se interpenetram e mutuamente se explicam. Ele confessa os seus erros — e até mesmo os seus erros de filologia...

Um desses refere-se ao vocabulo *bieleza*. Traduzia o *Coração* quando viu que, referindo-se á mãe de uma criança, de Amicis dizia que ela era *bieleza*. Honestamente, João Ribeiro vae aos dicionarios, e entra em indagações. Nada! Ninguem lhe dá a explicação da palavra! Como o sentido se presta, êle crê que o vocabulo quer dizer costureira, bordadeira, ou cousa que o valha. Foi quando, — já cometido o pecado de *traditore*... — teve ocasião de conhecer um erudito padre, o Conde de Meles. E com esse padre teve a chave da complicação: *bieleza* era apenas o adjetivo para uma mulher nascida em Biela! *La madre era bieleza* queria dizer tão somente isto: *a mãe era de Biela* (1).

João Ribeiro alude aos seus erros de pontuação. Sabe que os tem. E'-lhe dificil colocar bem as virgulas e os pontos, toda essa complicação artificiosa dos sinais... No mesmo caso estava George Sand, cuja pontuação era arbitraria, ou, pelo menos, incorreta. A escritora defendia-se, dizendo que aquilo correspondia a misterios psicologicos. João Ribeiro não está longe de crêr que essa observação seja exata.

Por ocasião de ser publicada a *Floresta*

(1) **Estado de São Paulo** 6-10-1931.

de Exemplos, recebeu êle do interior de Minas Gerais uma longa carta, em que lhe eram criticados varios erros de pontuação e crase, existentes no livro. Verificou que o missivista tinha razão em tudo. Mas verificou tambem que haveria uma copia muito maior de erros a apontar. Sua vontade foi advertir ao amavel correspondente:

— Releia a minha gramatica, e acabará encontrando muitos outros erros na *Floresta*.

VII

Sua tendencia é evitar os ricos, os poderosos do dia, os dominadores. Se o vemos aproximar-se de um dêles, na rua ou na Academia, é certo que o acharemos timido, enleiado, fóra do seu natural.

Tendo vivido sem fortuna e sem poder, gosta da atmosfera modesta que o cerca.. E a verdade é que, como S. Francisco de Assis, êle ama a irmã Pobreza...

Esse aprazimento na pobreza tem a sua explicação: é que João Ribeiro encontrava, na sua alma, na intimidade do seu espirito, as riquezas da imaginação e as opulencias do pensamento. Se alguma cousa o entristece ou o desencanta é a extrema esterilidade de alma

dos contemporaneos. Ele chega, um dia, e clamar: "Sejamos transcendentes!"

E de certo a aridez dos dias que passam lhe daria reflexões bem melancolicas... A nossa civilização tem o seu simbolo em uma historia que Heine gostava de contar. E' a historia daquêle artista inglês, perito nos segredos da mecanica, que certo dia deliberou inventar um homem. Fez um corpo semelhante ao dos homens que vivem; e por dentro colocou um aparelho, que funcionava como um coração. Depois, por meio de engenhoso artificio, conseguiu dar ao boneco o uso de certos sons, que muito se aproximavam da palavra humana. Estava o enguiço assim feito, quando se dirigiu ao seu autor:

— Tú criaste o meu corpo. Agora eu quero uma alma!

O artista não soube como dar uma alma ao boneco. E este, inquieto, aflito, desesperado, não cessou mais de pedir aquilo que tanto lhe faltava. Dias correram, assim, de desespero para os dois — e, afinal, o artista não poude mais permanecer ao lado da sua creatura. Para deixar de vê-la, para deixar de ouvi-la, fugiu, atravessou mares, transpoz continentes. Mas o boneco soube acompanha-lo, em todos os recantos, gritando-lhe, sempre, com desespero cada vez maior:

— Tú, que me deste o meu corpo, porque me negas a alma?

Nessa pequenina tragedia está fixada toda a inquietação do mundo contemporaneo — deste desventurado mundo, criado pela mecanica, mas esquecido de cultivar os encantos da alma. Deste imenso universo de progresso, que vemos crescer ao nosso lado, multiplicando-se em fabricas, em estaleiros, em oficinas, parece que sóbe para as amplitudes o grito ancioso das gerações, esmagadas pela brutalidade dos interesses rudes:

— Oh, homens! se multiplicastes de tanta maneira as nossas possibilidades materiais, porque abandonastes a nossa alma?

Esse brado angustiante João Ribeiro o ouvia, nas suas horas de meditação e recolhimento.

VIII

Sua sinceridade, seu amor ao natural, aproximou-o de Montaigne, autor que êle tanto leu, autor que ele tanto amou.

Num dos seus estudos, Sainte-Beuve traça o terreno reservado ao espirito magnifico que escreveu os *Ensaios*. Observa que o de Montaigne é o terreno do homem natural, isento das regenerações e das purezas cristãs. "Essa

nudez desprevenida a que voltamos pela nossa alma natural, e como se ela nunca tivesse sido regenerada, essa verdadeira *Otaití* de nossa alma, para chama-la com o seu nome, é, em uma palavra, o dominio de Montaigne e de seu livro".

Eis o que é verdadeiro para Montaigne. Eis o que é verdadeiro, tambem, quando aplicado a João Ribeiro.

Montaigne refez o misterio do aparecimento do homem, se assim pudemos dizer. Retomou o homem e o mundo, dentro de uma intensa poesia primitiva. Nas longas virgindades de um paraizo onde não sôa a voz do Senhor, nem brilham as espadas dos arcanjos, colocou, tão naturais como a propria natureza, o Adão e a Eva das suas meditações. A grande revelação do seu livro prodigioso está nisso: em que êle poude manter-se livre entre as filosofias, e, cheio de um saber secular, teve o segredo de guardar intacta a originalidade de seu espirito.

Otaiti, a ilha da virgindade eterna, a ilha feliz das solidões felizes, foi, sem duvida, o seu dominio.

Mas, aí dêle! tambem ás grandes solidões tropicais chegam os emissarios das regenerações religiosas! Stendhal verificou que mesmo em Otaití os sacerdotes metodistas tinham

aportado. "Nem mais o amor se póde fazer ali!" exclama êle, desalentado. "Como não ha mais amor, não ha mais alegria; morre-se de fome. Os novos cristãos não cultivam mais os campos. A população diminue. Mas, por Deus, êles têm razão: não vale a pena plantar batatas para continuar uma vida tão triste".

Otaití está invadida pelas novas hipocrisias das redenções religiosas. De ora por diante, não mais o encanto selvagem, perfumado e livre, de suas solitudes batidas do vento do mar, onde o homem e a mulher se conjugavam, livremente, sob o misterio do sol e das estrêlas, obedientes ao conselho fecundo da natureza! Nada mais de tudo isso! De ora avante, resigne-se o homem á melancolia profunda dos salmos, ao conselho cheio de terror dos sermonistas portadores de virtudes, á longa e triste poesia de uma religião que só lhe fala de pecados, de renuncias, de consolações dentro do sofrimento, de dôres sem remissão reservadas aos condenados, de monotonias interminaveis na bemaventurança, de crucificações, de cilicios e de mortes...

IX

Como explicar a humildade de João Ribeiro, o seu desencanto de filosofo, senão como um fruto do seu imenso saber? Não ha duvida que êle se proclama ateu; mas negar a existencia de Deus não seria, logicamente, ainda uma fórma de afirma-la? Depois o seu ateismo era contraditorio. Era o ateismo renaniano, ateismo de quem acredita que Deus póde muito bem não existir ainda, mas já estar em começo de criação, nas almas bem formadas...

Doce ateismo, que ainda é feito de amor!

Ha um melancolico momento na vida do filosofo. E' quando, tendo percorrido a estrada real de todos os conhecimentos possiveis, êle se abeira das verdades inalcançaveis. Diante dos seus olhos cerra-se o véo espesso de todas as teorias. E êle tem que repetir, humilhado, o estribilho eterno: *Ignorabimus!*

Nessa hora, em vão se socorre das explicações diversas das escolas. Refugia-se no espiritualismo, e apéla para as hipoteses da metafisica. Refugia-se no materialismo, e apéla para as hipoteses da negação. E' inutil. Ao lado de tudo isso, acima de tudo isso, pairam incognitas e misterios, que não encontram soluções. E a esfinge sorri, desafiando-lhe a argucia...

Que fazer, então?

Comte propõe que se eliminem da inteligencia as questões do absoluto. Hamilton elimina-as da filosofia, banindo-as para as religiões. Ambas essas soluções eram simples de mais para problemas tão complexos.

E, afinal, hoje, o absoluto, o incognoscivel, os velhos fantasmas da Filosofia, continuam a desafiar os sabios, para as suas cabriolas transcendentes no ilimitado das teorias.

João Ribeiro não se compraz nessas excursões perigosas. E, docemente, fica no seu recanto, sem sentir angustias nem terrores metafisicos diante dos misterios da Eternidade e do Infinito, esses dois limites da inteligencia do homem.

X

— Filosofo sem sistema, eis como eu o definiria, se esse espirito singular precisasse de uma definição.

Sempre direi, porém, que a posição filosofica de João Ribeiro, adversa á rigidez e á intolerancia das escolas, encontra o seu simbolo em certa poesia de Ruchert, que o nosso

patricio amava particularmente. Fala-se nessa poesia de uma pessoa estranha, que é superior ao tempo e ás idades. Essa especie de judeu errante passa por um logar, e vê uma cidade ruidosa. Passa mais tarde, e, no mesmo lugar onde outróra a cidade se erguia, encontra um lago tranquilo. Outra vez volta, e, no lugar da cidade e do lago, está um campo viridente, onde os rebanhos pastam. Ainda uma vez regressa, e, já agora, no lugar da campina viridente, levanta-se uma outra cidade, mais bela que a primeira, capital de um Imperio novo. Essa estranha personagem assiste, indiferente, a todas as mutações dos homens, e a todas as transformações das épocas...

A posição dos filosofos alheios aos sistemas e ás seitas, que olham com igual impassibilidade as pretensões vãs das doutrinas, não lembra a situação do personagem de Ruchert?

E, acaso, não será essa a unica posição capaz de garantir ao homem o mais precioso dos bens espirituais: — a liberdade entre as ideias?

A mim, me parece que é.

Eis porque eu proclamo que João Ribeiro foi feliz. Ele é livre; êle é, filosoficamente, livre. Pela imaginação, consegue ir ao encontro de Montaigne. E descobre, enfim, a delicia virgem e áspera de sua Otaití intima, entre as corrupções impostas aos homens por todos os preconceitos das sociedades e das religiões.

Sim, êle foi feliz, infinitamente feliz, na sua inconstancia e na sua humildade. Sómente aquêles que se conciliam com a sua propria inutilidade encontram a ventura na terra. Aceitar as renuncias totais, resignar-se ás resignações sem limites — eis os segredos da unica alegria inalteravel.

Essa alegria João Ribeiro teve-a longamente, indefinidamente.

CAPITULO SEGUNDO

POESIA

I

Inicialmente, é preciso dizer que João Ribeiro foi sempre um insigne organizador de projétos de livros. Havemos de encontrar, em varias passagens deste estudo, planos e planos de obras, que surgem e que não são levadas avante. Eram trabalhos que lhe surdiam no cerebro, tinham fosforescencia de momentos, e logo desapareciam.

Na adolescencia, sua atividade foi longa e segura. Tenho noticia, por depoimento do proprio João Ribeiro, de um romance por êle escrito aos quinze anos. Era um romance á Julio Verne, com varias *adivinhações* cientificas. Os originais desse livro ficaram em mãos dum amigo do autor, em Aracajú.

Além desse romance, ha outro trabalho da adolescencia do escritor, que eu nunca vi,

E' o drama que êle compôs, ou concertou, aos vinte anos, para a companhia de um velho ator português, que visitou Sergipe. Couto Rocha era esse ator; êle entregou a João Ribeiro apenas os dois primeiros atos de uma peça; João Ribeiro teve que escrever mais tres. Mais tarde, êle daria quanto pudesse para tornar a vêr aquela *asnidade integral* de sua pena... (1).

II

O primeiro livro que êle conservou foram as *Sensações*. João Ribeiro tem dezoito anos, quando reune os versos desse livro. O exemplar que hoje existe, e que provavelmente foi o unico que existiu, está sob a guarda de D. Nhanhã a desvelada viuva do escritor.

João Ribeiro compôs, com minucias de desenhista, a pagina de rosto de sua coleção de versos. E assim está nela escrito:

"Sensações — contribuições á poesia moderna — por João Ribeiro Fernandes (estudante do Ateneu de Sergipe) — Aracajú e Laranjeiras (1878 a 1879) — 1879".

Que valem esses versos de João Ribeiro? Que significação pode ter, na obra do escri-

(1) **Revista Nacional (O problema de Hamlet).**

tor, esse primeiro livro? Claro que as *Sensações* são, principalmente, sensações infantis. Na primeira pagina do livro, achamos uma dedicatoria, ou cousa semelhante, em caligrafia perfeitamente ilegivel. No primeiro periodo, unico que é possivel decifrar, está escrito:

"Exmo. Sr. Dr. A. Não é sem um certo constrangimento, sem uma certa obrigação moral imposta pelo coração á minha consciencia, que eu, roubando sua atenção preciosa, tomo como objéto do meu canto a mulher — este anjo que rolou do infinito sobre a terra, esse beijo de luz deposto por Deus na fronte da humanidade".

Os versos do livro estão perfeitamente dentro do teor menineiro dessas frases.

Perolas e lagrimas é a primeira composição do volume.

Que semelhança não ha
entre as lagrimas e as perolas?
Umas — dentro do peito,
Outras — nas vagas cerulas!

São umas — anjos do pego,
As outras — prantos dos anjos!
Que semelhança não ha
Lá no céu entre os arcanjos!

O' lagrima da madrugada!
Orvalho! perola de flôr!

Perola! lagrima do oceano!
Lagrima! perola da dôr!

E o romantismo enche de ingenuidade esse livro de adolescencia. João Ribeiro conhece todo o arsenal da escola de que, no momento, Tobias Barreto, Castro Alves e Silvio Romero dever ser as vozes que êle mais ouve. Faz poemas a uma judia. Celebra uma mulher chamada Lucia. Compõe vibrantes hinos ao amor que o faz sofrer... Canta endeixas meigas á lua...

Filha das nevoas, das gentis neblinas,
Anjo divino que rolou dos céus...
Serás o pranto que a rolar constante
Se escorre frio dos olhares meus?

Serás o marmor que na tenda imensa
Talha-se ao raio no jardim de Deus?
Lindo cadaver das marés frientas,
Anjo perdido, quem te é patria? os céus?
.. ..
Tens a brancura dum idear de virgem
Quando te embalas do infinito aos véus...
Deus fez o marmor prós jardins da terra!
Deus fez a lua pr'os jardins dos céus!

Mas, mesmo nesse arsenal bolorento, ha um curioso trabalho a fazer: o de fixar as influencias que João Ribeiro vae sofrendo, essas influencias que lhe vinculam a adolescencia, e que hão de perdurar-lhe no espirito por todo o tempo. Ha vestigios de Guerra Junqueiro, por exemplo, no soneto *Apostrofe*:

Hidropicos dons Juans, bardos sentimentais,
Dizei-me de que vale o velho romantismo,
Vós, que sabeis tecer uns ternos madrigais,
Vós, que viveis sonhando um doce idealismo.

Depois, um poema curto e leve, com a gentileza de Campoamor.

Não sei que razão te arrasta
A trazer uma cruz ao lado
Do coração.

Talvez essa crença gasta
De que livra de um pecado
Da tentação.

Quero crer. Mas eu te aviso
Que nunca terás razão,
Se em teimas vens.

Se é certa a crença, é preciso
Que se tenha um coração.
E tu não tens!

Neste livro, de tanta mocidade, de vez em quando descobrimos brados do poeta contra os preconceitos da rima e do ritmo, que o enleiam e prendem. Que pena não existissem ainda, em 1879, as rimas livres, os ritmos livres, os campos livres, que a poesia brasileira conquistou em 1922!

E', afinal, com um gesto de colera que João Ribeiro fecha as suas *Sensações*:

"Não posso poetar. Estou prosaico, muito prosaico.
Minha lira desafinou. Quem me vende uma corda?"

Esse é, em linhas gerais, o primeiro livro, que conheço de João Ribeiro. Sua significação não será grande, sem duvida. Os livros de estréia infantil nunca têm maior significação na obra dos artistas.

Mas as *Sensações* servem para indicar o horizonte espiritual de João Ribeiro aos 17 anos; servem para revelar as varias influencias que dentro dêle se jogavam; e servem, enfim, para mostrar que já aqui e ali, na alma do menino que fazia versos, ia-se acentuando o seu proprio feitio.

E' que, pouco a pouco, o seu talento mobil, inquieto, e fascinado com as coisas, ia procurando a sua expressão na liberdade.

III

Depois das *Sensações*, João Ribeiro escreve os *Idilios Modernos*. Tem 20 anos, e a sua arte está ainda cheia de vacilações. Ele não tem ilusões acerca do que realiza. E mais uma vez o seu senso de auto-critica leva-o a guardar na gaveta os originais de uma obra.

Ao vir para o Rio, mostrou êle os originais dos *Idilios Modernos* a Silvio Romero. Leu o critico os versos, e escreveu um artigo de louvor, destacando, na musa que aparecia, tres notas caracteristicas: a lirica, a humoristica e a realista. Se João Ribeiro se deixasse dirigir pelos elogios, teria publicado o livro. Desconfiado e sutil, não quiz ouvir o que Silvio doutrinava aos povos pelas paginas da *Revista Brasileira*.

Os *Idilios Modernos* são ainda tudo o que pode haver de mais romantico em poesia. As sombras de Guerra Junqueiro, Alvares de Azevedo, e Castro Alves andam pairando sobre essas estrofes. Toda a aparelhagem da velha escola aqui achamos. Ha luares dolentes que induzem á tentação do amor, ha cavaleiros que raptam mulheres, ha virgens que dormem, brancas, em alcovas puras...

João Ribeiro imagina, entre outras anomalias, um largo poema, cheio de reminiscencias da *"Morte de D. Juan"* e das *"Noites na Taberna"*. — Essa epopeia do pessimismo tem como personagem central um individuo chamado Grantaire. E o nome do poema é *"Grantaire em Carpe Horas"*. Em nota aposta ao manuscrito, João Ribeiro vae explicar-nos: *"Grantaire em Carpe Horas*. E' o pessimismo pelo lado disforme, ateismo não com a ciencia mas com Proudhon. Ateu porque não tem esperanças. E' a filosofia da miseria".

O poema começa numa tasca. Grantaire bebe mais do que come. E, enquanto bebe, fala com amargura:

E' o que eu digo: — O mundo é uma ruina,
Um remendo servil, esfarrapado
Como um sabio alemão.
Lança de si um cheiro de latrina,
Muito podre, muitissimo estragado,
Desde a galinha que não tem um grão
Até eu, que não tenho
A miseravel renda de um milhão...
Um nada, ninharia
Que qualquer burguês por aí teria,
A' custa de engraxar um par de botas.

E o desvario de imagens junqueirianas é imenso. Ele afirma que Jehovah abriu a banca-rota; assegura que a lua já faliu no céo,

e, como ninguem lhe quer emprestar dinheiro, ela rouba o candieiro do sol; proclama que Nero era um sabio

Nero, eras um sabio!
E a tua ciencia era profunda...
Foste o unico leitor deste alfarrabio!
Dizem que pareço-me contigo,
— O mais belo homem do tempo antigo
Que bebia falerno...

Bebedo, caindo nas calçadas, em espasmos, Grantaire acaba apelando para a criada do taverneiro, a lhe pedir a consolação miserrima do amor:

Um beijo, Luizon! Oh! Luizon!

Romantismo tudo isto, romantismo descoberto e louco, estamos vendo bem...

Mas, ao lado disto, vemos acentuar-se a graça, o espirito, a finura do poeta que já leu o seu Heine... E' um poeta de bom-humor, que não parece disposto a levar muito a sério as cousas que diz á bem-amada... E que, mesmo quando se declara, tem o ar de querer que não lhe creiam muito nas declarações... E' assim, por exemplo, que êle se confessa nas estrofes de *Contradição*:

A tua aspiração,
Segundo posso lêr
Em teu casto viver,
E' ter um coração

Que queira o teu querer
E viva dos teus beijos,
Deseje os teus desejos...
Depois... depois morrer.

Porém, o que eu aspiro
Não é a meiga sina
Que a tua alma deseja:

Quasi nada é que miro:
Apenas esterlinas...
E além disso... cerveja!

Pilheria de trovador enamorado e ironico, que gosta de sorrir de suas proprias paixões...

Isso não o impede de ter uma gentileza extrema, quando se dirige á sua dama e lhe diz, por exemplo, um madrigal desse genero:

Bem me lembro. Ha quasi um ano

Que li isto num cartaz:
— "Perderam-se dois corais
Com fórma de labio humano".

Se teu labio se perdesse
Ninguem to daria, não.
Vale bem ser-se ladrão
Duns labios... Que te parece?
Se assim fosse, outro cartaz

Diria, talvez, ufano:
— "Perderam um labio humano
Com fórma de dois corais".

Da tendencia para o humorismo, existente nos *Idilios Modernos*, é caracteristico o poema *Entre calouros*:

ENTRE CALOUROS

DRAMA A GALOPE

ATO 1.º — (Luiz e Julia deitados. Arde uma vela na boca de uma garrafa).

JULIA:

— Sabes, Luiz, não sabes?
Nasci toda para ti.

LUIZ:

— Nasceste, filha?

JULIA:

— Nasci.

LUIZ:

— Oh! santo Deus, que esparrela!
Ainda ha aula amanhã...

JULIA:

— Luiz, apaga esta vela...

(Sôam beijos).

LUIZ:

(bocejando musicalmente):

— Ahn! ahn! ahn!

(adormecem entre suspiros).

ATO 2.º — (Abre-se uma janela. Por ela uma mulher atira-se aos braços de um cavalheiro. Luiz acorda-se).

LUIZ:

(cochilando):

— Oh! que maldito trovão!
Roncam as tripas de Deus!

(refletindo):

Parece o trote de um burro
(vendo a cama vasia):
Minha Julia! Julia! Oh! Céos!...
(vê a janela aberta; põe-se a chorar):
Foi por ali! Oh! perjura!
Eu que estava idealizando
Tantos sonhos de ventura!
(Depois de muito tempo):
Homem essa! Eu chorando!
(Vira-se para a parede e dorme profundamente).

ATO 3.º — (Já é alto o dia. Luiz ainda dorme. Chega um colega qualquer).

O COLEGA:

— Acorda-te, meu Luiz!

(abalando-o):

Tens sido muito infeliz!
Ha dias de mau condão!

LUIZ:

(O mais friamente possivel):

— Não! Já a tinha abandonado!

O COLEGA:

(Sem entender):

— Que dizes? Levaste o ponto
Lá na escola... E como não?
Se dormes assim, oh! tonto!
Se dormes assim de dia...
Mas dizias ter deixado
Com uma cara de luto...

LUIZ:

(embaraçado e olhando para o této):

— Eu? Ah! sim, o que eu dizia
Dizia ter... ter largado

(tendo uma inspiração):

Estava dormindo, bruto.

(O colega sáe).

LUIZ:

(escovando um paletó devoniano):

— Fizeste bem, muito bem,
Minha Julia, minha Huri!
(batendo nos bolsos que tilintam):
São chaves! Nem um vintem!
Fizeste bem, muito bem!

Nos *Idilios Modernos* vamos acompanhando a marcha de liberdade de espirito, que em João Ribeiro ha de ser uma orientação constante. Uma parte do livro intitula-se — *As coleras supremas*. Explica-nos êle em nota: "As coleras supremas?... Porque? E contra quem? Contra a providencia, quero dizer, contra o jejum, a morte da higiene, os sacrificios do corpo pelo nada, o esbanjo da fortuna pela causa do vacuo, as preces, a estupidez do coração, o rebaixamento do ideal, enfim".

Ancia de libertação contra Deus, e contra a providencia... No prefacio do livro, tinha-se êle revoltado contra o rigor dos hemistiquios nos alexandrinos. E, tendo explicado que não respeitava essa exigencia dos doutrinadores da poetica, acrescentava: "Foi, pois, propositalmente, calculadamente, que o autor usou daquela fórma extranha para alguns, mas que sem duvida nenhuma é de um magnifico efeito na poesia moderna. O autor corrigirá os seus versos; mas fará aqui um protesto em nome da novissima intuição da arte. O Rio de Janeiro, agora que aprecia na musica o *Mefistofeles* de Boito e talvez em breve o *Tannhauser* de Wagner, far-me-á a justiça que me deve".

Nesse livro de adolescencia diriamos que já aparece o critico de 1922, que havia de apoiar, com um calor de tanta compreensão, os iconoclastas da poesia moderna.

Prof. Dr. Antonio Delaremo Mato
R. G. 1.183.532

IV

Nesses primeiros anos de estudo e meditação, João Ribeiro concebe mil planos sugestivos... Enche de notas, projétos, programas, todos os papeis que encontra. Os originais dos livros que vae compondo ficam atulhados de rabiscos, desenhos, garatujas, — e são cheios tambem de esperanças fecundas.

No manuscrito das *Sensações*, achamos, em baixo e ao lado dos versos, observações de toda a ordem. Em certa pagina, abaixo de um soneto satirico, encontramos esta nota: "Preciso de estudar e estudar muito Filosofia e Alemão". E frases soltas: "Trabalharei bem... Lerei muita cousa..."

Em outra pagina, uma especie de exame de consciencia, no qual João Ribeiro define o seu estado de espirito:

"Em moral: Materialista.
Em religião: Ateu.
Em civilidade: Misantropo.
Em politica: Comunista.
Em filosofia: Pessimista.
Em ciencia: 0".

Logo adiante, ha a afirmação positiva em letras destacadas, para que ninguem duvide:

— Sou materialista!

Em meio a isso, listas de livros consideraveis a comprar: os livros para estudos didaticos, sobretudo de historia; os grandes livros da ciencia e da filosofia, os grandes livros da literatura.

E com isso, os planos de um trabalho gigantesco, João Ribeiro parece imaginar uma *Historia da Civilização Brasileira*. Terá tres volumes a obra. Num, estudará a prehistoria; nos outros dois estudará a historia. Terão os tres volumes 58 estampas. A obra completa será vendida modestamente a doze mil réis...

Depois dessa *Historia da Civilização Brasileira*, êle pretende escrever outro livro igualmente interessante: — *A historia do homem brasileiro*. Sobre este ultimo, não nos deixou nenhuma informação. Percebe-se que havia de ser um trabalho da maior curiosidade etnografica.

E os belos sonhos vão por diante... Ele redige um anuncio, naturalmente, para publica-lo em jornal da terra: "João Ribeiro ensina particularmente inglês, francês, e geografia". Toma nota dum livro que tem a compôr: *O poema da miseria*. Imagina a elaboração de outro livro de poemas: — *As energias esteticas*. Deixa já prontos os indices desses dois livros...

Trabalho, trabalho sem interrupção. O adolescente sabe que tem o seu lugar a conquistar ao sol. E lança-se na vida, cheio da ambição ardente de conquistar esse lugar. Suas armas são o talento e o anhelo insatisfeito de saber, saber cada vez mais.

V

Aos vinte e um anos, publica João Ribeiro o seu primeiro livro. E' a *Tenebrosa Lux*. Esse poema êle o compõe em homenagem ao seu amigo Dr. Luiz Alves de Oliveira Bello, "por ocasião da morte de sua inocente filhinha".

Tenebrosa Lux é um poema de oitenta e seis versos. João Ribeiro retoma o famoso tema de Malherbes, para chorar a morte de uma criança. Servem-lhe de epigrafe alguns versos de Pope.

Temos aqui João Ribeiro de novo no dominio do seu romantismo. Continúa embebido dos seus autores, e principalmente de Guerra Junqueiro. Delicia-se em encontrar os grandes contrastes, as comparações que dão vertigens. Seus versos são largos écos dos versos deste mestre. Assim começa a *Tenebrosa Lux*:

Ela que mal fazia, a timida inocente,
Que ia pela vida, alegre, sorridente,
Tranquila como o céu? Que mal fazia ela?
Beijo que fez-se astro, ave que fez-se estrêla.

Essa criança o poeta descanta-a em queixas sentidas. Sua alma parece-lhe ter sido "feita de sol, de orvalho, e de pureza".

Quando ela sorria, lembrava

as perolas serenas,
Que pendem, num colar, das brancas assucenas,
Ao toque virginal das criancinhas louras!

Mas que importa a beleza, a bondade, a sabedoria, e até o amor, áquela força eterna, "que arrasta tudo ao ignoto, á treva, ao invisivel?" Nada valem esses divinos milagres, é certo. E' João Ribeiro quem no-lo diz:

E' uma força gigantea, enorme, destrutiva.
Diz ao vivente: morra! Diz ao cadaver: viva!
E' como no Oceano a vaga furibunda.
Arrasta, se encapela, ergue-se, desce, inunda...
Visão, mas ninguem vê; ruido, mas não se ouve...
Mata ao que blasfema, mata inda que louve.
Perdoar... Não! A ninguem! Assim quando ela passa
A fatalidade vem fria como a desgraça
E arrasta tudo ao nada, á funebre jazida!
Esta vaga é a morte; e este oceano — a vida.

O leitor terá notado as vacilações, a pequice de muitos desses versos. Ao lado de

versos que são claros, harmoniosos e perfeitos, ocorrem, nos trechos que acabei de citar, incorreções que haviam de encher de colera o poeta austero e castigado que depois escreveu as miniaturas impecaveis do *Museon*. João Ribeiro fazia ainda o alexandrino pre-castilhano, o alexandrino que êle proprio defendeu no prefacio dos *Idilios Modernos*. "Fez um ultimo esforço... Chegou ao paroxismo..." "A ideia é invulneravel, é Deus contra a procela..." etc. Compõe os dois hemistiquios e os casa. Não cogita, porém, da maneira como ha de fundir um com o outro, para que o alexandrino saia perfeito.

Outras vezes a incorreção é maior ainda. Ele arranja versos que, sem ser pela necessidade dos hemistiquios, andam corajosamente com onze ou treze silabas. Estes:

"Não ouves, o tufão da fatalidade passa"
"Mata ao que blasfema, mata ainda que louve"
"A fatalidade vem fria como a desgraça"
"Por clinas tem a espuma alva que flutua"
"Porque se apagou tão cedo, ela que mal fazia?"
"Se acordava apenas... voltava ao silvedo"
"Pareciam-lhe talvez uns ninhos de brancura"

São numerosas as falhas e as incorreções que podemos encontrar no poema de estreia de João Ribeiro. Iremos vêr como êle compõe a sua sintaxe e a sua poetica, arranjando os seus tortos *alexandrões*, até atingir a rigorosa perfeição metrica dos *Versos*.

VI

Tudo o que até agora analisei foram méras tentativas. No silencio da noite, o cavaleiro fazia a sua vigilia de armas.

Em 1883, êle publica os *Dias de Sol*; em 1884, publica a *Avena e citara*. Os dois opusculos são reunidos em um só volume em 1890 e vão formar a coleção dos *Versos*.

Aqui encontramos novos elementos na poesia de João Ribeiro.

Ele distancia-se do seu romantismo exagerado, á maneira de Alvares de Azevedo e Junqueiro. Suas imagens não revelam mais o delirio que traiam no tempo das *Sensações* e dos *Idilios Modernos*. Seu Grantaire está morto, e dorme sob os heliotropios. Sua fórma está correta. Sua gramatica está policiada.

O *Museon* leva-nos a velhas épocas de arte ritmica e de pensamento perfeito. Estamos a amanhecer, num claro recanto da Atica...

Museon! Museon! Meu templo de Arte
Feito de sangue, de meu sangue. Feito
Das maguas concentradas
Das minhas dôres todas amontoadas.

E a sucessão das imagens gregas — as ninfas e os egipans, os faunos, os baixos relevos, as colunas, os palacios de marmore resplandecendo sob o sol de Atenas — tudo isso aqui vemos. Vemos, por exemplo, a sedutora Helés que surge...

Helés, a formosissima das gregas,
Roseo trecho de marmor sob escombros
Dum Panteon que as divindades cegas
Soterraram depois de tê-lo aos hombros,

Helés, um dia, sobre a praia chegas...
Inclinam-se, extensissimos, os combros
E o vento alarga, em fremito de assombros,
Da tunica do mar as verdes pregas.

E tu reinas, tu só! Debalde, vagas
Sobre outras vagas se atropelam, correm
Uma por uma, indiferente, esmagas,

Como as paixões na tua vida ocorrem,
Uma e mais outra, nas desertas plagas,
Chegam e morrem, e chegam e morrem.

Aqui, é o braço impudico de um satiro que o poeta canta... Ali, é uma cavalgada que êle evoca; os cavaleiros estão, de certo,

bem abroquelados, mas João Ribeiro os adverte, prudente: — Tomae cuidado, cavaleiros! O amor, sorrateiro e sutil, sabe atravessar esses broqueis!... — Além, é a exortação a Telassipa, o canto ardente em honra a Teus. Depois, é uma panoplia, que lhe sugere as almas luminosas dos heróes... Mais longe, é a celebração da "maçã de ouro polida" com que Hipomenes seduziu Atalanta... Adiante, é a narração do idilio de Laís com a purpura que a veste... Ainda mais adiante, é a propria vida do poeta, do poeta que vae errando dentro dos bosques, a buscar as deusas esquivas... E, enfim, é este lindo soneto anadiomenico:

Do mar e das espumas tu nasceste,
Oh forma ideal de todas as belezas!
Inda teu corpo, mal vestindo-o, veste
Um colar de maritimas turquezas.

Milhares de anos ha que apareceste.
Outros milhares de almas sempre acesas,
No teu amor, lá vão seguindo, presas
De tua garra olimpica e celeste.

Beijo-te a boca e sigo embevecido,
Ondas sobre ondas, pelo mar afóra,
Louco, arrastado qual os mais teem sido,

Ora te vendo as formas nuas, ora
Toda nua a sentir-te em meu ouvido
Do eterno som dos beijos meus sonora.

Seu idilio com a Grecia tem a ressonancia alta de uma nova oração na Acropole. Ele encontra a emoção e a humildade de Renan, ao penetrar no recesso do templo da deusa. "Je suis né, déesse aux yeux bleus, de parents barbares, chez les Cimmériens bons et vertueux qui habitent au bord d'une mer sombre, hérissée de rochers, toujours battue par les orages..." dizia o autor da *Vida de Jesus*. Com iguais acentos de poesia e emoção, João Ribeiro evoca a modestia do seu primeiro lar: "Calculais acaso o que isso seja para uma alma agreste e rude como é a minha, que viu a luz na aridez do deserto, não viveu senão sob o clima provinciano e cupido da barbaria e só uma vez, tarde e para mal seu, sentiu o terror panico da grande civilização?"

João Ribeiro imagina partir para a Grecia, imagina longas peregrinações nas cidades ilustres, entre a doçura das ilhas do Arquipelago, que são perfumadas como flores. Chamam-no, de longe, Afrodite de ouro, Helena calma como o mar tranquilo... Ele conta-nos a aventura de sua viagem matinal á Grecia.

— A' Helade!

E' na Jonia, e a trireme sae mar fóra, cavando as aguas azuis, o rostro agudo mordendo as espumas. Ele vê o Egeu, coroado de

rochedos, que emergem, sonoros, dos abismos; êle vê Lesbos, onde os salgueiros choram; êle vê Chios, êle vê Samos, onde as nuvens descem até ás montanhas, como ovelhas brancas, nostalgicas da planicie.

"E depois o mar. E mais tarde o mar...

"E sempre o mar azul, ilimitado. Longe, para o meio dia, anda nos ares o cheiro sensual de Citera, onde, á meia noite, quando Artemis clara derrama o luar pelas trevas, vai surgindo Afrodite, núa, a cabeça núa emperolada pelo borrifo enluarado da agua, os hombros rijos núa, os seios tremulos núa, o ventre nú em declive para o boqueirão procreador, onde se perdeu e se abismou a primitiva felicidade humana. E Afrodite surge, alva, esplendida, aos poucos, como um bloco levissimo de espuma, cinzelado pelos golpes continuos, rudes e dolorosos da onda artistica, da Tempestade genial.

— A Helade! A Helade!" (1)

Esse idilio do poeta com as ondas dos mares gregos, esse embevecimento pela beleza clara e harmoniosa das vagas donde brotou Afrodite, é que anima os versos do cantor do *Museon*.

José Verissimo, que amava os versos de

(1) O Paiz — 14-6-1890.

João Ribeiro, observa que, pela sua correção, esse poeta se aproxima de Olavo Bilac. O critico adianta que João Ribeiro deve ter recebido pouca influencia de Heredia, pois que o aparecimento dos *Trofeos*, data de 1893.

Esse reparo não tem o alcance que lhe parece querer dar José Verissimo, sabido que Heredia, antes de reunir em volume os seus sonetos, publicara-os em revistas. Ledor curioso, em dia com todas as novidades da literatura, João Ribeiro de certo havia de conhecer os trabalhos do ourives do verso francês.

Como quer que fosse, a influencia de Heredia sobre João Ribeiro é realmente reduzida.

VII

Certo, João Ribeiro tem da poesia uma ideia alta e prodigiosa.

A poesia parece-lhe ter o sortilegio magico de crear os mundos e levantar os universos. Ela prescinde do "concurso arido e esterilizante das cousas". O poeta, e sómente o poeta, tem o segredo de fazer com as paixões, que para nós são aereas e fugaces — "catedrais goticas, cheias de musica, complicadas e imorredouras".

Encontro esses conceitos no discurso de

recepção da Academia. E não posso dizer se a produção de João Ribeiro como poeta corresponde á concepção de João Ribeiro como critico.

A verdade, porém, é que êle encontra em si mesmo, "em seus sonhos e em suas ilusões", a substancia de que seu éstro se nutre.

Sua poesia é penetrada de lirismo. Aqui e ali ha, em seus versos, doces toques de ingenuidade. Ele sonha uma noiva, um dia de casamento, o repouso tranquilo dentro do lar, onde uma creatura suave lhe sorria... Sua felicidade consiste em cumprimentar a moça simpatica que ás vezes lhe sorri da janela: — "Bons dias, minha palida vizinha!"... Lembra a sua cruel namorada Maria, que se foi embora, deixando-o em prantos... Evoca um dia em que, entre os ciumes e a inveja do mundo, saiu a passear com a bem-amada, um confiando ao outro "as suas mutuas dores".

Relembra as passagens de um amor desfeito — passagens que foram rapidas, mas para sempre se gravaram na sua alma...

Certa tarde, uma bela roseira abrira em seu jardim... A mulher amada visitava-o. Em dado momento, a bem-amada levantou-se na ponta dos pés, para colher uma rosa. O poeta foi ajuda-la. Mas o galho escapou-lhe

á mão. A rosa desfez-se. E as petalas soltas vieram cobrir a cabeça da mulher...

Não é muito senhora (eu lhe disse) atentando
Que quem amor nos dá partido em muitas dores
Uma rosa receba em petalas partida.

Outra vez, êle traça, no *Esboço*, um quadro suave e comovido.

Numa pequena alcova... Antes um ninho d'aves,
Onde chilreia a brisa em tremula vertigem,
Do cortinado branco ás vibrações suaves
Desenham vagamente as fórmas de uma virgem.

Tudo dentro da alcova — as flores, os cristais, "os goticos florões do leito" — tudo contribue para a magia. Ali, no ambiente misterioso, onde a volupia parece errar, o corpo da mulher adormecida adquire um encanto inexprimivel.

E' de ver-se e notar-se as linhas perfumosas,
As santas perfeições do marmore esculpido,
Linhas que estão lembrando o desenho das rosas
E tudo quanto é belo e tudo que o tem sido.

Ela dorme a sorrir! Os seios anhelantes
Arquejam sobre o torso imovel — como aos ninhos
Fazem estremecer as vozes pipilantes...
Seios donde as paixões são meigos passarinhos.

Lirismo... Talvez candura... — eis o que achamos na poesia de João Ribeiro.

Essas qualidades de sua alma de poeta aproximam-no dos liricos alemães. Seu livro é cheio de traduções de Heine, Goethe, Uhland. Isto sem falar de poetas de outras nacionalidades, que êle tambem traduziu.

Algumas de suas traduções são deliciosas. Vou citar um epigrama que parece da *Antologia*. E' o epigrama a uma criança, traduzido de Blumenthal:

No berço (e não na pedra fria,
Onde em geral o mundo escreve)
No berço é que eu escreveria:
— A terra te seja leve!

Suas melhores traduções são feitas sobre Heine. Assim verteu êle um dos numeros do *Intermezzo*:

O Amor, a casta Amizade,
E a Pedra filosofal...
Triplice preciosidade!

Pois desde que me entendi
Andei atrás delas... Qual!
Uma sequer nunca vi.

VIII

Cabe-me aqui falar do ultimo trabalho longo que João Ribeiro compôs em versos. E' o *Auto das Guerras de Amor*. João Ribeiro escreveu-o "por obedecer a Coelho Netto, — diz êle — que fraternalmente manda e acredita em mim". O *Auto das Guerras de Amor* foi representado a 24 de Dezembro de 1911, pelos alunos da Escola Dramatica: D. Laura Cunha (Maria), Cunha Junior (João), Brasilia Lazzaro (Emilia), e Oswaldo Novaes (Luiz).

Publicado na revista da *Academia Brasileira de Letras*, trazia ali uma nota, segundo a qual a representação obtivera *algum exito* ao ser feita.

Trata-se de um curto episodio domestico. — Um casal, João e Maria, têm uma filha, Emilia, que está enamorada de Luiz. Esse Luiz, "rapaz sem eira nem beira", é um poeta lirico e sentimental. O pai da moça, que é um espirito pratico, não deseja casa-la com um sujeito que não sabe como ha de ganhar a vida, um sujeito que só sabe fazer versos.

Um poeta! Porém que val
Dizer cantigas ao vento?
E que adianta esse tormento
Dos ouvidos?

Estão as cousas nesse pé, e Emilia e Luiz temem ser impossivel o seu casamento, quando D. Maria e o marido se travam de razões acerca do magno problema que agita a familia. No decorrer da discussão, D. Maria acusa o marido de andar de amores com uma comadre. João nega, e torna a negar, a pés juntos. E é então, que tira do bolso uma carta, que ha pouco recebera. Ele não a tinha lido, porque estava sem oculos; mas não havia mais que vêr: era uma carta de amor de Luiz, "aquêle bisborria, aquêle malandrim", para Emilia! Chamam os velhos a menina, e dão-lhe a ler o papel. Ela começa: "Meu amor! Compadre João!" O velho ouve essas palavras e sente-se aterrorisado; manda que a filha suspenda a leitura. E fica a ouvir as palavras irritadas, cheias de amargura e de colera, da esposa, que, assim, tem diante dos olhos a prova de uma traição miserrima.

Dou aqui o final do *Auto*.

JOÃO:

(acobardado e mudando de tom):
— Isto não é para mim.

MARIA:

P'ra quem ha de ser então?
"Comadre", eu?! A minha filha?

JOÃO:

(com a voz doce e em tom de explicação):

— Senhora!... E' pois maravilha?
Nesta rua ha mais de um João,

(Neste interim entra Luiz; e Emilia, correndo para êle, mostra-lhe a carta e fala-lhe como explicando a situação dificil dos pais).

João do canto, João Diniz,
e outros... e sempre a balela!

MARIA:

— Caiste, enfim, na esparrela!

EMILIA:

(Em tom confidencial para Luiz):

— Salva papai, meu Luiz.

CENA IV.

— Os mesmos e Luiz.

LUIZ:

(para Emilia):

— Descança, tenho de cór
um improviso adequado...

(alto, para todos):

Sei que estão rindo um bocado
Das minhas **Guerras de amor,**

Versos que ontem escrevi,
Versos tão indignos dela!
Pu-los ali á janela...

(para Emilia):

Perdôa, se te ofendi!

(lendo):

Guerras de Amor

JOÃO:

(sentindo-se salvo):

— Que talento, que primor

LUIZ:

— "Meu amor com tanta guerra...

MARIA:

(interrompendo, para Emilia):

— Mas leste **João**... ou **compadre**...

JOÃO:

(já rehabilitado):

— Qual compadre nem comadre!
Deixa-o lêr lá como fôr.

LUIZ:

(exculpando-se):

— A letra é feia... um borrão!
Na minha caligrafia
Qualquer, pois, confundiria
Jotas, ésses, ao til-ão.

JOÃO:

(com força):

— Que talento!

LUIZ:

— Volto a lêr.

(Recitando e lendo):

"Meu amor com tanta guerra
Não se querendo render
Preferiu morrer,

Por muitos anos vivi,
Pastor de gado na serra,
Dia e noite combati
Meu amor com tanta guerra
Que não sei bem se morri...
Agora ao mudar de terra
Vim acha-lo vivo aqui,
Esse amor que a combater
Não se querendo render
Preferiu morrer!"

(A companhia aplaude. Todos dão sinais de alegria).

EMILIA:

— Meu pai é um anjo

LUIZ:

— Uma flôr!

JOÃO:

(amantetico, para a mulher):

— E's minha unica comadre!

(péga das mãos de Emilia e Luiz e une-as, dizendo):

Agora isso é lá com o padre

MARIA:

(alegre, abrindo os braços):

— Ei-las, as **Guerras de Amor**.
Vale o mesmo, podeis crêr,
Nas **Gueras de Amor** (nas guerras
Que abrasam todas as terras)
Ou ser vencido ou vencer.

Essa é a pequenina comedia á maneira camoneana, que encontramos no *Auto* de João Ribeiro. E por ela facilmente percebemos

que João Ribeiro poderia ter sido um excelente escritor de teatro, se tivesse cultivado com amor esse genero.

IX

João Ribeiro terminou por condenar a definitivo exilio o poeta que nêle havia.

Um homem que com João Ribeiro tinha profundo parentesco espiritual, Sainte-Beuve, disse certa vez, em artigo de prosa austera, estes versos encantadores:

"Il existe, en un mot, chez les trois quarts des hommes
Un poête mort jeune ã qui l'homme survit"

Em João Ribeiro, como em Joseph Delorme, o poeta de certo morreu jovem. Mas sobreviveu o prosador, o homem de ideias, o sabio, o filosofo.

X

Não acreditemos, porém, que em seu espirito o poder de sentir e de viver a poesia esteja extinto. — Em 1928, uma mocinha sergipana procura-o: vai pedir-lhe uma ilustração para um album. Ele vacila... Tem horror a essa historia de albuns!

Mas a menina é suave e de si mesma poetica... João Ribeiro toma de um velho livro

de Heine, onde ha versos musicados por Schumann. Toma do livro... Heine e Schumann "induzem-no ao pecado..." E então, compõe, para a mocinha de Sergipe, essas duas estrofes:

Do pranto que estou chorando
Brotam flores ao depois.
Meus ais se vão transformando
Num bando de rouxinóis.

Se me amasses eu podia
A ti as flores mandar
E os rouxinóis eu faria
A' tua porta cantar.

Publicando esses versos, em artigo do *Estado de São Paulo*, João Ribeiro acentuava o cacofato que ha na expressão "se me amasses". E escusava-se, dizendo que tinha em pequena conta "a mania dos cacofatos".

Eu creio que os ouvidos delicados hão de na tradução increpar de preferencia aquêle estranho "ao depois" (tão estranho, realmente, num artista como João Ribeiro!) e a rima de depois com rouxinoes.

XI

Tal é essa musa gentil e graciosa. João Ribeiro, porém, não parece levar muito a serio os seus meritos de poeta. E' curioso! Esse homem, como critico, exerceu sempre, e para todo mundo, a *eutrapelia* renaniana. Docemente coroou de rosas — bem ironicas rosas, ás vezes... — a fronte de qualquer lhagalé da poesia que lhe aparecesse... Pois esse homem é rigoroso para um unico poeta: e em poeta é êle proprio...

O Sr. Prudente de Moraes Netto escreveu, certa vez, que João Ribeiro era um mau poeta. João Ribeiro concordou. Achou apenas que o critico poderia fazer uma pequena alteração na prova do seu artigo. Se lhe tivesse sido dada ocasião, teria dito a Prudente de Moraes Netto:

— Tire daí esse *mau*. Escreva *pessimo*. Assim é que está certo.

Ele acreditava que, no Brasil, ninguem conhecia o livro em que estão recolhidas as suas poesias. O volume acha-se esgotado. João Ribeiro conservava alguns raros volumes, e era uma prova da afeição profunda que êle tributava a alguem, dar-lhe um exemplar da obra. Se alguem comentava o fato de se haver esgotado a edição, êle apressava-se a corrigir uma impressão erronea:

— Esgotou-se, sim. Mas não foi porque o publico tivesse comprado o livro. Foi porque houve um incendio no deposito da Livra-

Prof. Dr. Antonio Delorenzo Neto
R. G. 1.183.532

ria Jacinto, e o fogo levou quasi todos os livros que lá se encontravam.

Verdade? Ironia contra si mesmo? Que sei eu?...

O que sei é que a contribuição de João Ribeiro para o espirito geral da poesia brasileira foi muito interessante. Dêle é que vem, em grande parte, a força de combate contra o excessivo rigor do parnasianismo; e é com êle principalmente, que, já nas gerações de 1890, reagem as caracteristicas eternas da poesia brasileira: o lirismo suave, a emoção amorosa, a ternura idilica e quasi ingenua.

CAPITULO TERCEIRO

ESTUDOS DE HISTORIA

I

Confessa João Ribeiro que "a pesquiza é ainda mais agradavel que a descoberta da verdade". Eis uma frase que póde ser tomada como o espelho desse espirito, feito para as vigilias da erudição e do pensamento.

E' como um pesquizador da verdade que o vemos em todas as suas obras que tratam de historia.

Professor, êle sente quanto são incompletos os volumes de que os alunos dispõem para estudar os programas complexos que lhes são dados. E' para obviar a essas dificuldades que se lança a um trabalho util: o de escrever livros, que, numa forma acessivel, contenham a materia necessaria aos estudantes. Assim nascem os seus livros de ensino gramatical e historico. E' assim que se formam

alguns dos volumes mais ilustres da sua bibliografia, volumes que se contam, tambem, entre os mais solidos, ainda elaborados por um autor brasileiro.

Estão nesse grupo as diversas historias — a *Historia do Oriente e Grecia*, a *Historia Universal*, a *Historia do Brasil*.

II

João Ribeiro, que proclama a volupia incomparavel da pesquiza, deleita-se na meditação das controversias historicas. Ha paginas de sua *Historia Universal* que são caracteristicas desse sentimento. Como que o vemos voltar o verso e o reverso da mesma medalha, examinando-a, com uma curiosidade sutil e paciente. Velhos historiadores, desde o veneravel pai Herodoto, êle os folheia, os consulta, os compara... Transporta-se aos novos, aos novissimos... E é da meditação de todo esse material que vai tirando a verdade, ou o que lhe parece ser a verdade.

Em suas paginas, esfumam-se, numa nevoa triste, aquêles todos que foram vitimas da vacilação ou da tibieza. — Aqui, é um rei infeliz, Carlos I, que sóbe ao cadafalso, dizendo as palavras de uma resignação quasi irrizoria: "Eu vou de uma corôa corruptivel a outra incorruptivel". Além, é o imperador Diocleciano, que abandona o trono de Roma e retira-se para a Dalmacia, afim de cultivar seu jardim; e a Maximiliano, que o concita a voltar aos negocios de Estado, êle responde: "Se visses os belos frutos do meu horto, não me falarias em imperio". — João Ribeiro simpatiza, talvez, com essas naturezas doces ou filosoficas; mas, na sua simpatia, ha um pouco de desdem, um pouco de misericordia, e muito de ironia.

No intimo, os espiritos que êle admira são aquêles que, pela coragem e a energia, alteraram o ritmo da vida e transformaram a face do mundo.

Não é possivel negar a sua simpatia pelos caracteres da ação. Esse amigo da contemplação indolente, esse sonhador, que se deliciou em viver num gabinete cheio de livros, ao lado das sombras aereas que povôam as obras-primas dos poetas, amava os reformadores, os homens de grande tempera. Na historia universal sua simpatia vai para os heróis: vai para Alexandre e para Carlos Magno, para Henrique IV e para Pedro Grande. Um dos retratos mais vivos e eloquentes que êle traça é o de Cromwell. Seu Napoleão tem recortes de esplendor carlyliano.

Sua predileção vai tambem para os gran-

des capitães audaciosos, para "os homens semelhantes aos deuses", que não temem o misterio dos mundos a descobrir, que afrontam a insidia tormentosa dos mares, que desafiam o perigo eterno das lutas com o desconhecido... Ele deslumbra-se diante dos aventureiros que crearam a America. "O Novo Mundo nasceu da vontade de ferro, de loucuras sublimes e desempregadas", diz-nos êle. E acrescenta, no fervor de sua admiração assombrada: "Os que emigram são videntes de longo alcance, que não põem as suas colunas de Hercules na primeira montanha azulada que avistam da aldeia natal. Trazem em si a elasticidade maxima do espirito" (1).

Esse deslumbramento diante da ação, inspira-lhe o amor pelos destinos da audacia e da luta. E' com entusiasmo que fala dos bandeirantes. E' com respeito que modela o alto relevo dos revolucionarios e dos guerreiros. E' com enlevo que escreve o nome de todos os aventureiros. Villegagnon ressalta, em uma de suas paginas, como um herói, e quasi como um santo. Vemo-lo, na moldura que João Ribeiro lhe dá, "austero até o ascetismo, bravo até o sacrificio, e ousado até a loucura". Ao lado de Villegagnon, resplandece, no seu entusiasmo, outra figura da historia do Brasil: é o grande, o magnifico vagabundo — é Hans Staden. João Ribeiro retrata-o com a minucia de um agua-fortista. Para êle Hans Staden "é a flôr do seu tempo".

(1) **Notas de um estudante**, 25.

III

E', de resto, essa orientação que o guia no escrever a historia do nosso país.

Esse livro é um monumento da cultura historica em nossa patria. Alguns dos seus traços gerais — o senso exato da realidade, a consciencia e a segurança da critica, a interpretação dos fatores economicos no desenvolvimento da historia — dão-lhe um raro merito.

No *Fabordão,* ensinara João Ribeiro que "são os interesses grosseiros e economicos os que determinam quasi sempre a vitoria dos principios liberais".

Em um do seus artigos sobre "Democracia e Socialismo" — artigos que são interessantissimos, como depoimento de convicções politicas e sociais — êle doutrina que "são principalmente as fórmas economicas que determinam os tipos de organização social" — (*Revista Brasileira,* 1898).

Não sómente esse criterio de submeter a vida e a evolução historica ao fator economico dá a João Ribeiro uma certa orientação marxista no conceber a historia. Ele conhece tambem a luta de classes, como se evidencia na narração da revolta dos negros na Baía, em 1835. Ali, chega a essa conclusão, que é o resultado do seu metodo materialista. "Não é uma rebelião politica, mas é alguma cousa mais, porque é a rebelião social".

Com êle, estamos longe das concepções teologicas, ou metafisicas, ou espiritualistas da historia.

Para êle a historia é apenas o resultado do choque das classes em que os individuos se distribuem, na prossecução de uma finalidade propriamente material.

IV

Martius traçára, num dos trabalhos que ficaram celebres na nossa bibliografia historica, o rumo que havia de seguir o historiador brasileiro, que quizesse escrever obra perduravel. — Achava o sabio que o historiador brasileiro deve considerar, cada uma de per si e na sua orbita de ação, as tres raças que nos formaram: a indigena, a branca, e a negra. Cada uma dessas raças parece-lhe ter

um movimento historico "caracteristico e particular". Um povo que é a reunião dessas tres raças terá a sua historia processando-se segundo "uma lei particular das forças diagonais".

Além das raças, ha as zonas. — Martius achava que a historia do Brasil devia ser estudada numa especie de visão simultanea, no tempo e no espaço; de tal maneira que em cada momento fosse feito o estudo historico de cada região em que se divide o Brasil. Essas zonas de desenvolvimento seriam as seguintes: São Paulo, com Minas Gerais, Goiás, Mato-Grosso; Pará, com o Maranhão; Pernambuco, com o Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba; Baía, com Sergipe, Alagôas e Porto Seguro.

A monografia de Martius foi fecundissima, na influencia que teve sobre os historiadores e os etnografos brasileiros. Um dos que receberam mais salutarmente o seu influxo foi João Ribeiro, na elaboração da sua *Historia do Brasil*.

Esse livro êle elaborou-o num proposito modesto. "Quando me propuz escrever este pequeno livro, diz-nos, pensei em retornar á antiga tradição, dos nossos cronistas e primeiros historiadores, que ás suas historias chamavam de *noticia* ou *tratado* do Brasil. Com

isso queriam significar o modo como supriam a escassez de fatos politicos com o estudo da terra e das gentes que a habitavam". E explicava a sua contribuição para a *Historia do Brasil*: "Do sentido em que se deve tratar a historia interna, von Martius deu apenas indicações vagas e inexatas, mas caracterisou a multiplicidade de origens e de pontos de iniciação no vasto territorio; sem embargo da contestação de alguma critica menos bem informada, fui o primeiro a escrever integralmente a nossa historia, segundo nova sintese. Ninguem, antes de mim, delineou os focos de irradiação de cultura e civilisamento do país; nenhum dos nossos historiadores ou cronistas seguiu outro caminho que o da cronologia e da sucessão dos governadores, caminho seguro mas falso, em um país cuja historia se fazia ao mesmo tempo por multiplos estimulos em diferentes pontos".

Esses "focos de irradiação de cultura e civilisamento", que João Ribeiro descobre no Brasil, são cinco, tendo cada um dêles a sua caracteristica peculiar. Ei-los: 1.º — Pernambuco (com o radicalismo republicano e extremo de todas as revoluções); 2.º — Baía (com a religião e a tradição); 3.º — São Paulo (com o liberalismo moderado — a aclamação monarquica de Bueno, as provincias coligadas

que sustentaram a independencia com a monarquia, etc.); 4.º — o Rio; 5.º — o Maranhão ou Pará. João Ribeiro entrevê um ultimo fóco, de formação recentissima e demasiado platina — o Rio Grande do Sul.

Essa distribuição permite-lhe estudar com clareza e interpretar com logica os episodios e as correntes que se entrecruzam na historia do Brasil.

V

Louvando João Ribeiro pela publicação do *Dicionario Gramatical*, dos *Estudos filologicos* e da *Historia do Brasil*, Araripe Junior distinguia no autor de tais livros uma singular vocação "para aquilo a que os inglêses chamam num sentido particularissimo discernimento". E o critico mostra que o que predomina no espirito do historiador brasileiro é a clareza.

Com efeito, João Ribeiro vê claro, e procura aplicar a todos os fenomenos historicos um julgamento imparcial. Ele explica as contradições religiosas de Villegagnon como um fruto da época, mostrando que, na França, tambem Henrique IV, pouco mais tarde, iria vacilar entre a reforma e o catolicismo. Mostra o piedoso Anchieta, ajudando a exe-

cução de João de Bolés, ancioso por fazê-lo entrar, com esse *ato de fina caridade*, no reino dos céos. Na celebrada epopeia das *bandeiras*, discerne o que realmente houve: o furor da aquisição das riquezas. E mostra que para isso os conquistadores cupidos não escolhiam meios: aplicavam a violencia, o incendio, o assassinio, todas as devastações... — A bandeira de Antonio Raposo destróe a missão de Santo Antonio, incendeia, depreda, mata uma população; os sobreviventes da chacina são levados sob o açoite dos conquistadores... Fernão Dias faz enforcar numa arvore um seu filho, sómente porque o surpreendeu entre os rebeldes que se insurgiram contra as ordens dadas... D. Francisco de Souza, em sua expedição ao Rio Real, espalhou tal terror entre os indigenas, que estes se afugentaram, para sessenta leguas além da região em que se achava essa bandeira sinistra... Antonio Dias Adorno, captura sete mil gentios topiguaaens no Rio das Contas e os traz para escravos, atravez de duzentas leguas de um caminhar sem fim... A infamia, a torpeza, a deshumanidade são os guias desses roteiros tragicos. Segundo o padre Vieira, nos primeiros quarenta annos da conquista do Pará e Maranhão, os portuguêses tinham

destruido quatrocentas aldeias de aborigenes.

E' certo que João Ribeiro não receia dizer as verdades que desvenda na historia do Brasil. Culmina esse amor á exatidão na analise da guerra do Paraguai, analise em que êle chegou a demonstrar que havia, no momento da luta e por motivo dela, *uma antipatia universal contra o Brasil*; e chegou tambem a confessar que as simpatias da civilisação estavam, no conflito, do lado do Paraguai. Essa liberdade de opinião tem motivado reservas a João Ribeiro, por parte dos zelotas da grandeza e da sublimidade da alma brasileira.

Essa liberdade é, porém, o grande segredo do livro de João Ribeiro. E é por ela que esse volume, tão modestamente escrito para servir aos estudantes dos liceus, ha de ser sempre um dos marcos definitivos da cultura brasileira.

Mais do que uma historia geral, este livro deve ser entendido como uma historia da civilização do Brasil.

VI

Durante muito tempo, enquanto não foi Handelmann traduzido para o português,

houve quem acusasse João Ribeiro de ter seguido muito de perto o trabalho daquêle autor.

De resto, João Ribeiro não nega que deva algo a Handelmann, na composição da sua *Historia do Brasil*. Deve-lhe o que êle chama *pontos de vista*. O primeiro destes é o *particularismo* do desenvolvimento do Brasil. Nosso país não se originou "de um nucleo central que se multiplicasse ou se expandisse como Roma". Nasce e cresce o Brasil, ao contrario, por uma especie de aglutinação de centros varios. O sistema colonial apenas liga esses centros á metropole. Ora é a idéa de Handelmann; mas é tambem, em essencia, a ideia de Martius. João Ribeiro seguiu, no seu metodo, a orientação dos dois grandes estudosos da nossa civilização e da nossa natureza.

VII

Na sua *Historia do Brasil*, escrita numa orientação filosofica, sem detalhes de datas nem de fatos, muito pouco logar deixa João Ribeiro á anedota e ao pitoresco. Um pouco para preencher essa lacuna, êle imagina escrever uma historia do nosso país, que se compuzesse de *notas marginais*. Havia de

ser um livro curioso e sutil. Destinar-se-ia a investigar as relações literarias entre o Brasil e os observadores estrangeiros. Os viajantes, os sabios, os naturalistas, os curiosos que, de qualquer maneira, se tivessem interessado pela nossa terra, teriam aqui o seu lugar. A curiosidade, a lenda, poderiam expandir-se. João Ribeiro cita, desde logo, autores que haviam de ser estudados em tal livro. Dom Francisco Manoel de Mello, por exemplo. Aqui esteve, durante algum tempo, o grande classico. E escreveu sobre o nosso país o seu livro até hoje perdido — *O Brasil, inferno dos negros, purgatorio dos brancos, e paraiso dos mulatos*. Outro classico que visitou o Brasil foi Dom Francisco de Portugal, o autor da *Arte da galanteria*. Por aqui andou êle, na armada de Dom Francisco de Toledo. Outro ainda: Frei Antonio das Chagas. Viveu na colonia foragido, depois de um crime de morte, que havia cometido em Portugal. Acabou metendo-se a frade. E talvez seja santo.

Ha outros exemplos ilustres, que João Ribeiro igualmente cita: o de Barloeus, que escreveu um poema celebrando a conquista de Olinda pelos holandêses — *Olinda capta*; o de João Antonio Corrêia, que escreveu a *Perdida y restauracion de la Bahia*; e, enfim, o de Lope da Vega, que compôs uma comedia *El Brasil*

restituido, em que o nosso país pela primeira vez surge na grande literatura, simbolicamente representado por um caboclo.

Mas João Ribeiro, que imaginou o livro, não chegou a escreve-lo. E as *Notas marginais*, estão ainda a desafiar a paciencia do escoliasta bem informado e cheio do senso do pitoresco, que as queira redigir.

E' pena que as não tenha redigido o grande apreciador das historias maliciosas e das anedotas alegres, o curioso das indiscrições e das revelações inconvenientes, o homem que proclamava que ao lado de todo Tacito deve sempre existir o suplemento de um Suetonio — e que não estava longe de colocar Suetonio acima de Tacito.

VIII

Um dos ultimos trabalhos que João Ribeiro empreendeu foi um estudo acerca das fronteiras do nosso país. Chamou-o o governo do Sr. Washington Luis para que êle escrevesse um historico das questões das fronteiras do Brasil, concluindo por um apanhado do que se havia feito naquêle periodo de administração, com referencia a assunto de tão magna importancia. Ele realizou a obra, que tem o titulo de *As nossas fronteiras* (*breve si-*

nopse). Publicado o livro, não foi distribuido ás livrarias. A edição acha-se fóra do mercado. E eu creio que isso é um mal. Nada do que João Ribeiro escreveu póde ser indiferente á cultura, ou mesmo á simples camada capaz de lêr, que existe em nossa terra. Isso ocorre sobretudo agora, pois nos achamos deante de um livro cujo assunto está dentro da maior especialidade desse estudioso — um livro que, de alguma fórma, vem concluir e até completar a sua esplendida *Historia do Brasil*.

Na sua modestia, João Ribeiro não parece dar grande importancia ao livro sobre *As nossas fronteiras*. Assim diz êle: "Escrevendo esse sucinto estudo da formação e definição das nossas fronteiras, não presumiu o autor fazer trabalho de vulto como requeria a magnitude do assunto. Quiz apenas, e foi o seu intento, dar uma informação exata do termo a que felizmente chegaram as longas questões e os longos esforços da nossa diplomacia, iniciada no imperio, revigorada na éra republicana e afinal coroada hoje de exito definitivo. Coube á ação do presidente Washington Luis e á gestão do Ministro Octavio Mangabeira a boa fortuna de chegarmos a fixar a configuração definitiva do Brasil, solvendo todos os problemas propostos e to-

das as questões de limites com os paizes convizinhos do continente sul-americano. E foram obtidos tamanhos resultados sem estremecimentos e sem discordia, como aliás seria de esperar das nossas tradições de confraternidade".

João Ribeiro inicia o seu livro com o exame dos tratados da época colonial. A capitulação de Tordesilhas, firmada antes da descoberta do Brasil, encerrava as possibilidades de expansão portuguêsa dentro de limites assás fechados. Papa de origem espanhola, Alexandre VI soubera dar a seu país, com a sua decisão arbitral, condições que iriam garantir aos castelhanos todas as vantagens sobre Portugal, na expansão da conquista na America. A ocupação das Molucas e das Filipinas, porém, havia de vir, para servir de lição á Espanha e leva-la a permitir a dilatação de Portugal no continente americano. A união das corôas portuguêsa e espanhola, após o desastre de Alcacerquibir, faz com que cessem essas disputas sobre fronteiras.

Depois da restauração da independencia portuguêsa, é que começa o grande periodo da nossa expansão para o oeste. Pascoal Moreira avassala o oeste e o norte de Mato Grosso; Francisco de Mello Palheta explora o Madeira, atravessa as cachoeiras, atinge o Ma-

moré; Belchior Mendes de Moraes reconstitue o marco deixado por Pedro Teixeira no rio Napo (foz do Agari); o bandeirante Raposo Tavares vai além do Amazonas no seu curso superior... — E em toda parte são lutas formidaveis. Na região do Paranapanema e do Iguassú é a expulsão dos espanhóes e dos jesuitas e das suas missões. No extremo norte é o prelio com os holandêses, francêses e inglêses. Os capitães Pedro Teixeira e Bento Maciel Parente, daí os expulsam; êles vão estabelecer-se na faixa do litoral, fóra dos nossos limites, nas Guianas. — Eis o momento definitivo da vida do Brasil: é o momento em que esses homens, que diriamos moldados em bronze, souberam traçar as lindes de nossa patria.

Em 1750, é que os dois reis concunhados, D. João V e Fernando VI, conseguem elaborar um tratado razoavel acerca das fronteiras na America do Sul. São negociadores, por parte da Espanha, D. José Carbajal y Lencastre; por parte de Portugal, D. Thomaz da Silva Telles. Nesse tratado teve grande parte um brasileiro ilustre, Alexandre de Gusmão.

Em tal convenio prevaleceu o principio do *uti possidetis*, dizendo as preliminares do *Tratado*: "Cada parte ficará com o que atual-

mente possua, salvo o caso das cessões mutuas". Graves e insanaveis obices opuzeram-se á execução do tratado de 1750; e um ato de 1761 por fim o anulou. Aventou-se, então, a ideia de um novo acordo, que resolvesse todas as dificuldades.

Em 1777, ocorre o tratado de Santo Ildefonso.

Cerca de quarenta anos depois, D. João VI incorpora ao Brasil a provincia Cisplatina. João Ribeiro lamenta que o Brasil não tenha nessa ocasião fomentado o povoamento da Banda Oriental com elementos nacionais. "Se o tivessemos feito, diz êle, é provavel que os nossos limites se estendessem hoje até o Rio da Prata, como era natural e mais expressivo da nossa expansão".

Essa é a materia que se contém na primeira parte de *Nossas Fronteiras*, e é incontestavel o seu grande interesse geral.

Na segunda parte, João Ribeiro estuda o historico dos limites do Brasil com os varios paizes que o cercam, detalhando fatos e datas.

Ha um capitulo final, com o titulo de *Demarcações*, que nos dá conta do que faziam, ao tempo em que o livro era escrito, as tres comissões brasileiras — a do Perú, que tinha

como chefe o contra almirante A. A. Ferreira da Silva; a do sector do norte, que era chefiada pelo comandante Braz Dias de Aguiar; e a do sector do sul, que era dirigida pelo marechal Botafogo.

Enfim, dá-nos João Ribeiro noticia dos quatro ajustes celebrados durante a gestão benemerita do Sr. Octavio Mangabeira, a quem estava destinada a tarefa de concluir a grande obra patriotica do Barão do Rio Branco. Esses ajustes são os seguintes: com a Venezuela, a 7 de Novembro de 1930; com a Grã-Bretanha, a 18 de Março do mesmo ano; com a Colombia (troca de notas) de 7 a 12 do mesmo mês e ano; com o Paraguai, a 9 do mesmo mês e ano.

Conclúe João Ribeiro regosijando-se com o Brasil, e com o governo brasileiro, por havermos chegado "ao termo de todas as nossas questões de fronteiras".

Esse livro é um modelo dessa arte tão dificil de muito dizer em poucas palavras — arte que foi um dos grandes segredos desse escritor.

CAPITULO QUARTO

ESTUDOS DE FILOLOGIA

Em uma carta a João Ribeiro, Joaquim Nabuco dizia: "O Graça escreveu-me sobre a sua colaboração no *Correio da Manhã* e sobre a reação classica portuguêsa, de que levantou a bandeira. Suas opiniões são estados de espirito, e por isso no futuro far-se-ia, uma vez produzidas todas elas, o mais sedutor dos Dialogos, umas arguindo e respondendo as outras, todas com a vantagem do seu talento".

Suas opiniões são estados de espirito... Nabuco penetrou, com extrema clarividencia, a intimidade da psicologia desse homem, que não sente receio das contradições e que é bastante sincero consigo mesmo para mudar de opinião quantas vezes seja preciso.

I

Em nenhum terreno a opinião de João Ribeiro oscilou tanto como no terreno da filologia e da gramática. Suas aventuras são aqui interessantes. Em 1887, quando ele deliberou entrar num concurso de Português, no Pedro II, vinha de longos estudos classicos, longos estudos de filologia, e gramática. A tése que apresentou versava sobre *Morfologia e colocação dos pronomes*. O assunto começava a ter importancia para os escritores brasileiros. Destes, os que, como Machado de Assis e Ruy Barbosa, se davam á leitura dos classicos, sabiam bem como colocar as caprichosas variações dos pronomes portuguêses. Outros, porém, não tinham bem consciencia da existencia do problema. A essa ultima corrente, que foi chefiada por Tobias Barreto, o maior corruptor da gramatica que já houve no Brasil, pertencia Silvio Romero. Sergipano como os dois, João Ribeiro é amigo intimo de Silvio; é seu discipulo, em certa fase.

Ele empreende uma exposição sagaz e erudita acerca dos pronomes em nosso idioma. Tem o conhecimento completo da questão de que trata. Sua ideia é que o Brasil deve deixar de ser, nesse ponto, como até

agora tem sido, um apendice de Portugal. Ouçamo-lo:

"Uma obsrvação relativa á colocação dos pronomes.

"Muita gente notará, talvez como escandaloso, o pouco caso em que tenho a conhecidissima questão do purismo na colocação dos pronomes na linguagem do Brasil. Os fatos têm já uma tão longa quão inutil e fastidiosa bibliografia: uma massa de documentos controversos, ora perfurados de um patriotismo chocho, ora embutidos da mania classica dos adélos da lingua.

"Todo o *embroglio* deriva, no entanto, de um erro fundamental: a situação falsa em que se colocaram os disputadores.

"E' sómente por um abuso do metodo cientifico, que os linguistas e filologos procuram *legislar* ou determinar preferencias entre sistemas de expressão.

"Toda ciencia indutiva resume-se na analise dos fatos e na subsequente coordenação. A linguistica, a psicologia, a botanica, não indaga, nem inquire se o fenomeno A é preferivel ao fenomeno B. O seu oficio delas é verificar a existencia dos fenomenos e a generalização a que são redutiveis.

"A questão, portanto, da *preferencia* ou *correção*, é puramente literaria e artistica. Nas artes, sim, procede-se e julga-se em vista de um ideal, variavel nos temperamentos.

"Na ciencia, o ideal é a verdade que não comporta variabilidade nenhuma em nenhuma circunstancia.

"Assim, entre a vernaculidade brasileira e a lusitana, nenhuma solução póde ser ministrada pela intuição cientifica e todas as soluções são possiveis pela intuição artistica" (paginas 7e 8).

Vê-se como era largo o criterio que o inspirava na sua tese. Tolerancia para qualquer sistema de colocação de pronomes. Respeito ás tendencias artisticas dos escritores!

Eis aí, abatidos, os dois cavalos de batalha dos puristas brasileiros. E eis já delineados os limites em que João Ribeiro vai encerrar a sua magistral ação de filologo e gramatico da lingua brasileira.

II

Em 1887, estampava êle, na *Semana*, uma série de notas filologicas. Editara, tambem, em 1885, na tipografia da *Gazeta de Noticias*, um folheto a que déra o titulo de *Estudos filologicos*. A reunião daquelas *notas* e daquêles *estudos*, êle a fez em 1902. E publicou, então, os seus *Estudos filologicos*.

Nesse livro, em que aproveitou muitas das ideias da tese de concurso, achamos duas ordens de trabalhos. Os da primeira, são artigos de doutrina e exposição; nêles estudam-se assuntos interessantes, como os nomes proprios, os patronimicos, os hibridismos, os nomes de cães, os divergentes, etc. Os da segunda, são os artigos de polemica com Pacheco Junior.

O livro, em suas linhas gerais, é impregnado do mesmo espirito de liberdade da tese. Nêle sentimos, em ultima analise, que João Ribeiro compreende e justifica existam no brasileiro as aspirações de afastar-se dos modelos portuguêses.

III

Será isso o indicio de que João Ribeiro acredita numa lingua brasileira, e a defende, e a propugna? Não.

A esse tempo, imbuido de estudos classicos, êle considera quiméra de lunaticos ou subterfugio de solecistas a ideia de uma lingua brasileira.

E' nesse momento — 1888 — que Araripe Junior publica, nas *Novidades*, uma serie de artigos acerca do dialeto brasileiro. Nesses artigos, chega êle a duas conclusões:

1.ª — existe um dialeto brasileiro;

2.ª — os escritores do Brasil devem escrever no dialeto patrio.

E' facil imaginar que essa ideia de libertação provocou protestos aos conservadores da tradição classica. — Carlos de Laet e João Ribeiro inscreveram-se entre os que combatiam a ideia de Araripe Junior.

Quanto a João Ribeiro, êle deixou o seu ponto de vista bem claro, na secção o *Velho e o novo*, que mantinha na *Epoca*.

Não nega que exista um *dialeto brasileiro*. Reconhece que entre a lingua que se fala êm Portugal e a que se fala no Brasil ha diferenças prosodicas, morfologicas e sintaticas. Não lhe parece, porém, que se deva pensar em transformar esse dialeto em lingua literaria. O Chile, Perú, Cuba, todos os paises da America, têm, em sua linguagem, diferenças acentuadas do espanhol. Mas nenhum

pensa em desprezar o castelhano, para constituir *lingua literaria e culta*.

Ele quer que o escritor use os termos brasileiros, os termos tupis, africanos ou plebeus. Quer, porém, o respeito da sintaxe lusa, o respeito da tradição classica. E não acha vantagem em que se quebre a uniformidade da lingua, apenas para favorecer a incuria de escritores "que não têm alma suficiente para reagir contra a lombeira tropical".

Retrucou Araripe Junior nas *Novidades*, acusando João Ribeiro de contraditorio. João Ribeiro respondeu, chegando a esta conclusão: a de que tinha negado apenas, e terminantemente, a existencia de um *dialeto brasileiro como lingua literaria*. "Mas se apenas Araripe Junior trata de dialeto inculto, não escrito, sem escritores, *tolitur questior*. Existe de fato um dialeto brasileiro, inculto, no qual ninguem escreve".

IV

Surgem, em 1905, as *Paginas de Estetica*. *E' a bandeira da reação classica*, de que falara Joaquim Nabuco.

João Ribeiro está impregnado de saber classico. Suas leituras são solidas e profundas. Ele maneja, com diuturna paciencia, o

seu Bernardes, o seu Vieira, e, sobretudo, o seu frei Luiz de Souza, para cuja arte tem o enlevo e o encantamento de um apaixonado.

Ruy Barbosa acata-o como a um mestre. E muitos dos escritores brasileiros, que naquêle momento se firmam no rumo da tradição classica, é a João Ribeiro que pedem os modelos e as lições.

Seus livros dessa fase — devemos incluir nesse grupo, além das *Paginas de Estetica*, o *Fabordão*, o *Crepusculo dos deuses* e as *Frases feitas* — são caprichosos no lavor do estilo, tráem o amor da velha sabedoria, abundam em expressões desusadas.

João Ribeiro defende a gramatica contra os escritores que a deprimem. Cita, com irritação mal disfarçada, a opinião de um dêles, que dizia: "Isso de gramatica é cousa anti-literaria". E confessa que, nesse capitulo, prefere ficar com o parecer do velho Rodrigues Lobo, que, na sua *Corte na aldeia*, definia o letrado como sendo um *bacharel em linguagem*. Mas João Ribeiro procura esclarecer, com precisão, o seu ponto de vista: êle não quer a ressurreição da vida antiga; quer, sim, a *concatenação*, a *consciencia duradoura* da raça. "E' a memoria da mocidade que, se não refloresce, ao menos perfuma a velhice".

Seu estilo está cheio das *galas* e das *lou-*

çanias, tão admiradas pelos velhos retoricos. Perde um pouco da clara espontaneidade matinal; mas, em compensação, adquire certa graça, maliciosa e sutil. Suas paginas tornam-se cheias de surpresas para nós, leitores comuns. — *Lenessimas* por brandissimas; *alongar-se* por afastar-se; *sujeito dramatico*, por assunto dramatico. Emprega expressões de minimo uso na linguagem atual: *ouro e fio*, a *salario* e *jornal*, *a mal grado*, *mal ao meu grado*, (*Paginas de Estetica*); *muito a flôr*, *a todo serio*, *a pospelo* (*Fabordão*). Num desses livros cria um neologismo pinturesco — *papalisar*.

Essas, além de muitas outras expressões e frases de igual cunho antigo, encontramo-las em seus trabalhos dessa época.

E, mais tarde, em um dos seus ultimos livros, e naquêle que é, por ventura, o mais delicioso de todos, na *Floresta de Exemplos*, vemos reaparecer esse espirito antigo de carinho pelos artificios do estilo classico.

V

Seus livros de filologia, suas gramaticas, alcançam exito colossal. São simples e claras, cheias de sintese, de nitidez e precisão. Os alunos estudam-nas sem dificuldade. Os

doutores da filologia consultam-nas. Ruy Barbosa louva-as, na *Replica*. Candido de Figueiredo assim se pronuncia acerca da *Gramatica Portugueza*, (Curso Superior): "Certamente, e em especial para o curso de Português, não será facil mencionar um compendio que sobreleve áquêle no rigor do metodo, na exatidão da doutrina, e na pureza, clareza e correção da fórma. Poderão os entendidos na materia divergir em um ou outro ponto adiafóro sobre tal ou tal conceito; mas, por mais fundamentada que seja a divergencia, não chegará ela a invalidar a alta e talvez inexcedivel valia da obra do Sr. João Ribeiro. De mim, que com êle aprendi muito, apenas me limitaria á modesta exposição verbal de uma ou outra duvida, de um ou outro reparo, mais como quem estuda ou deseja aprender, do que como quem contesta ou levanta objeções, se eu, de tão longe, pudesse ser ouvido pelo abalizado gramatico".

VI

A verdade é que, muita vez, João Ribeiro — êle, o amigo dos classicos! — terá sentido o enfado dos classicos. Escrevendo para o *Estado de São Paulo*, enquanto fazia a revisão de sua *Seleta*, congratulava-se consigo

mesmo, por ter acabado esse trabalho. Verificara, com malicioso prazer, que os quinhentistas tinham passado — e foi bem que passassem!

Inumeras vezes confessa o seu irremediavel tedio contra os gramaticos. No *Fabordão*, chama-lhes *casta temerosa e intratavel*. E a gramatica êle a define como o *espojadouro onde vão cair todas as vocações erradas, ou o esgoto que recolhe a atrabilis e a revolta de todos os desequilibrios mentais*.

Eis um solido cepticismo, com referencia ás excelencias da gramatica.

VII

Mas esse ponto de vista em que João Ribeiro se coloca não o impede de continuar contribuindo da melhor maneira para a difusão dos estudos classicos. Ele elabora a sua *Seleta classica*, os seus *Autores contemporaneos*. Dá em ambos esses livros anotações de uma erudição bibliografica e filologica perfeita. Edita, na *Revista da Lingua Portuguêsa*, duas peças do teatro de 1500 — *a Cena policiana*, de Anrique Lopes, e o *Auto de Rodrigo e Mendo*, de Jorge Pinto. Organiza uma *Estante classica* do barão de Ramiz Galvão, ornando-a com glosas e comentarios

excelentes. Estuda, em otimos prefacios, a *Arte de Furtar*, os *Satiricos Portuguêses*, as *Obras*, de Claudio Manoel da Costa.

São trabalhos de erudição classica, e vemos que João Ribeiro os empreende com prazer. — Amor á Gramatica? Amor aos classicos? Como poderemos saber?

Sabemos é que, ainda em um dos seus ultimos livros, nas *Cartas Devolvidas*, êle voltava a sorrir, com malicia sonsa, dos gramaticos, "raça de refutadores incondicionais". E é que, em um artigo do *Jornal do Brasil*, acerca do filologo José Maria Rodrigues, êle dizia, em 1931: "Os dois grandes genios (Camões e Cervantes) escreviam acima e além da gramatica, como ainda hoje transpira nos homens de grande alma e de poucas minucias da micrologia filologica. Conta-se que, no concilio de Constança, o imperador Segismundo, interrompido por um frade, que notara um erro da sua alocução, logo replicou:

— "Rex romanus sum et super gramaticam".

VIII

Melhor que tudo, para indicar o ponto de vista em que êle se encontrava, na ultima fase da vida, com referencia á materia filologi-

ca, são os depoimentos das *Curiosidades verbais* e sobretudo os da *Lingua Nacional*. — O mestre que, ao iniciar a sua vida de estudioso, estabelecera que a questão dos pronomes, no idioma português, é uma simples questão artistica, considerava, nos seus ultimos livros, a linguagem uma manifestação estetica.

Mais do que isto. Ele reivindica, para o seu povo, toda a liberdade, em tudo o que se refere á linguagem. Acha incrivel que a nossa independencia ainda conserve essa algema nos pulsos. Não lhe parece possivel que, sem mentira e sem mutilação perniciosa, cheguemos a sacrificar a consciencia das nossas proprias expressões. Não as devemos corrigir, pois isso poderia tirar-lhes a propria sensibilidade que elas têm. Nossos modos de dizer correspondem ao espirito que os dita. Altera-los, seria uma insinceridade para conosco.

João Ribeiro invoca a opinião de um romancista americano, Rupert Hughes, que propõe a independencia de uma *Statish language*. Essa *Statish language*, tal como a quer Hughes, não será uma lingua nova: mas apenas um proposito de indiferença pela lingua alheia. Que os autores americanos escrevam sem cogitar dos leitores inglêses, sem pensar se êles hão de entendê-los ou não! Qualquer

submissão á Inglaterra parece-lhe, nesse terreno, absurda, desprezivel, servilmente colonial (1).

Igual estado de espirito existe nos outros paises da America. O Mexico, a Argentina, o Perú, propugnam a independencia da lingua que falam. Amado Nervo escreveu sobre o assunto uma pagina ironica. "Nosotros somos, y esto se lee en todas las miradas de muchos filologos de España, simples depositarios del idioma. No podemos hacer de él mas que el uso moderado y natural de que los propietarios de vivendas hablan en sus contratos de arrendamiento..."

Na Argentina, Juan Teran insurge-se contra a tirania da Espanha. O espanhol não lhe parece servir mais para os povos novos e expansivos da America. A lingua espanhola, diz êle, é sonora, redonda, propria para a epopéia e para a oratoria: mas faltam-lhe a claridade, a energia, a graça. "Atascada en sus moldes clasicos, resulta pesada para la sutileza moderna, inapta para el analisi y la fineza del detalle; porque ha perdido su espiritu la invencion y la originalidad... porque no puede producir una lengua rica y flexible sinó un pueblo que pensa como el francés,

(1) **Lingua Nacional** — pag. 20.

siente com el italiano, coloniza e conquista como el inglés" (1).

João Ribeiro representa, no Brasil, essa mesma tradição de liberdade. Ele adapta á nossa situação as paginas em que Rupert Hughes estuda a situação dos escritores americanos, substituindo apenas alguns termos: onde Hughes diz *inglês*, êle põe *português;* onde Hughes põe *Statish* êle põe *brasileiro*.

De resto, êle demonstra que as coisas que os portuguêses censuram hoje, no Brasil, não são erros. Em essencia, a colocação de pronomes á maneira brasileira não passa de um fato prosodico. Ora, a prosodia brasileira é mais conforme ao modelo quinhentista do que a atual prosodia lisboeta. Camões não pronunciaria *tãe, bãe,* em vez de *tem, bem*. Nós estamos com Camões...

João Ribeiro apoia-se numa grande autoridade, como Gonçalves Vianna, para mostrar que certos versos quinhentistas estão corretissimos na prosodia brasileira — mas não se sustentam na prosodia portuguêsa.

O verso de Camões, por exemplo:

E se vires que póde merecer-te

(1) **Cartas devolvidas**, 151.

Está correto, conforme a prosodia brasileira. Na prosodia portuguêsa, dará alguma cousa estranha, mais ou menos assim:

E se vir's que póde mer'cer-te (1)

Exemplos dessa ordem seria facil multiplica-los ao infinito.

Tudo isso, que significa? Significa que o velho verso de Garrett encerra uma verdade; que o mais puro legado de Camões se transportou para a America.

IX

Um dos terrenos em que João Ribeiro mais longamente oscilou foi o da ortografia.

Em 1907, quando a Academia Brasileira elaborou a simplificação ortografica, vemo-lo entusiasta da ideia.

O trabalho era devido principalmente a Medeiros e Albuquerque, Machado de Assis, Salvador de Mendonça, Silvio Romero e João Ribeiro, os quais, na troca das ideias favoraveis ou adversas á simplificação, tinham chegado a um resultado proficuo. Escrevendo acerca da sessão da Academia em que a Reforma fôra votada, João Ribeiro encarecia a sua alta significação social. Ele proclamava

(1) **Cartas devolvidas**, 133.

as suas ideias, sujeitando-as a um lema eloquente: — Sejamos simples!

Irritam-no os desdens com que os jornalistas e os iletrados recebem a reforma. "A Academia, diz êle, é a unica amostra organizada da nossa vida intelectual. Se a Academia não presta, então o Brasil tambem não presta; e se ela não tem autoridade academica, então os satiricos e os engraçados tambem não têm graça nenhuma". Está certo de que a reforma acabará por vencer as oposições que se levantam. Acha que *daqui a pouco* o seu exito será geral.

Sabemos que a profecia de João Ribeiro não correspondeu á realidade. A reforma da ortografia de 1907 morreu logo depois de votada. E desde então as questões da ortografia pareceram adormecer no Brasil.

Foi em 1911 que Portugal fez a sua simplificação ortografica. Autoridades da filologia brasileira proclamaram, desde logo, as excelencias da neografia lusitana. E adotaram-na, com entusiasmo.

Não assim João Ribeiro. Abespinhara-se êle com os gramaticos da Academia de Ciencias de Lisbôa, pelo fato de terem feito a sua reforma sem nenhuma consulta ao Brasil. — E passou, então, a combater as ideias de reforma.

Porque é preciso saber que nêle havia uma singular tendencia para o nacionalismo. Em muita cousa que se referia a Portugal, êle chegava a ser jacobino. Foi o *sentimento patriotico* que o levou a combater a ortografia da Academia de Ciencias. Em um capitulo das *Cartas Devolvidas*, êle confessa o seu ponto de vista: — "A reforma portuguêsa principiou mal. Foi feita sem a nossa audiencia, como se os trinta milhões de brasileiros fossem analfabetos, ignorantes, ou em qualquer caso *quantité-negligeable*".

Linhas antes, observara: "Estou já rouco de dizer e repetir que a repugnancia ou indiferença do Brasil pela neografia portuguêsa é para esta a morte certa".

O esquecimento em que os filologos lusitanos conservaram o Brasil, na elaboração da sua reforma, deixa uma indignação, que é singular nessa alma tranquila. Quando Candido de Figueiredo propoz uns *leves retoques* na reforma, João Ribeiro o aplaudiu em artigos do *Imparcial*. Num desses artigos, era quasi com crueldade que dizia: "Não hesitamos em atribuir á falta de intensidade literaria em Portugal o exito imediato da reforma grafica. Impuzeram-lhe uma escrita nova como a que foi imposta aos indios das

nossas selvas por Anchieta e pelos missionarios da catequese primeva".

E' facil de perceber que sómente um sentimento de mal compreendido patriotismo poderia inspira-lo a escrever uma pagina desse teôr.

Esse jacobinismo tem suas explicações. No intimo, João Ribeiro agasta-se com a ignorancia sistematica em que os portuguêses se mantêm das cousas do Brasil. Irrita-o o fato de um homem de muita erudição, como Luciano Cordeiro, ter-se referido a *Gonçalo* Dias, Castro *Alvares* e *Alves* de Azevedo, quando queria referir-se ao nosso Gonçalves Dias, ao nosso Castro Alves e ao nosso Alvares de Azevedo... Irrita-o o fato de, ainda hoje, o professor de literatura e estudos brasileiros na Faculdade de Letras de Lisbôa, confundir Franklin Tavora, o autor do *Matuto* e *Cabeleira*, com Franklin Doria, o barão do Loreto. Irrita-o, enfim, a insistencia com que lhe confundem o proprio nome, em Lisbôa e em Coimbra, fazendo-o, de vez em quando, assumir as glorias que cabem a Julio Ribeiro.

IX

Era essa a sua atitude, quando a Academia Brasileira de Letras e a Academia de

Ciencias de Lisbôa chegaram a acordo em materia ortografica. Fazendo parte da comissão tecnica da Academia Brasileira, êle assinou, vencido, o plano que foi aprovado.

Então travou-se em seu espirito um dialogo singular. De um lado, ficou o João Ribeiro fiel a Frei Luiz de Souza, a Bernardes, a Dom Francisco Manoel de Mello: era o defensor extrenuo dos classicos, o amigo da tradição. Do outro lado, ficou o João Ribeiro livre do culto dos antigos, o campeão da lingua brasileira, o lidador da independencia do nosso falar e do nosso sentir.

E eis o que disseram os dois:

O tradicionalista:

— A unidade da lingua portuguêsa, desejada entre nós, reclama e exige uma grafia distante, aristocratica, o menos sonica possivel — já porque as prosodias regionais diferem entre si, já porque a grafia erudita está destinada entre nós ao papel que exerceu o latinismo na era do Renascimento, isto é, o de sentinela e barreira contra a invasão barbaresca dos plebeismos medievais anarquicos e incertos. A grafia etmologica teria

um ponto ou zona de referencia, que, em termos gerais, é o Latim. A grafia sonica havia de referir-se á *prosodia normal lusitana*, o que é um tanto metafisico.

O revolucionario:

— A etimologia é uma bela cousa, impropria todavia á vulgarização da escrita. A instrução popular e primaria seria absurda se reclamasse o Grego e o Latim dos arqueologos e eruditos, como base preliminar da escrita.

O tradicionalista:

— Vale a pena conservar a tradição do seculo XIX, que mais intensamente cultivou as grafias eruditas de palavras greco-latinas. Os diferentes gráos de ensino aconselham a essa iniciação. Não é bem que o aluno de Português que escreve *Filosofia*, passe a aprender em Francês a outra educação visual com a *Philosophie*, que é a mesma do Inglês e do Alemão.

O revolucionario:

— E' bom de vez em quando mudar alguma cousa. A imobilidade é poeirenta e estagnante. Com as letras menos dobradas e com muito menos grego e latim, pudemos mais facilmente integrar-nos na America, tão reconhecidamente pouco latina.

O tradicionalista:

— Sempre insisti por minha parte num argumento de grande importancia em favor da ortografia tradicional. E' que essa é a escrita dos tres maiores povos de alta cultura, e civilização: o francês, o inglês, e o alemão.

O revolucionario:

— O povo brasileiro é português por direito de herança e é italiano ou espanhol por assimilação das gentes novas todas saidas do Mediterraneo europeu. Os francêses no Brasil são muito poucos. E os alemães em numero muito maior, como os arabes não têm afinidade linguistica que ferem na escrita do idioma nacional,

O tradicionalista:

— Não ha anarquia na velha ortografia: ha variedade de opiniões onde não a devia haver. A velha ortografia poderia ser melhorada progressivamente com firme e discreta moderação.

O revolucionario:

— A simplificação ortografica veiu quando devia vir. A principio, em 1907, a reforma seria demasiado radical para os habitos estabelecidos; mas a reforma portuguêsa, grangeando adeptos, aplainou o caminho e facilitou a adaptação que parecia estranha e isolada neste lado do Atlantico. Hoje ha perfeita acomodação e os espiritos mais refratarios ganharam afinal a consciencia de que não era conveniente permanecer dentro da anarquia da escrita usual.

O tradicionalista:

— Ha numerosas ideias na grafia portuguêsa dignas de aproveitamento; ha outras que pecam por fundamentos frageis e especiosos,

O revolucionario:

— Apraz-me saber que a grafia nova tem partidarios convencidos. Parece que a simplificação encontrará poucos obstaculos a vencer e depende apenas da ação do governo (que é tudo em nossa terra, que só conhece a rebeldia em cousas politicas) e da imprensa, que persiste na comoda inercia dos seus velhos habîtos.

O tradicionalista:

— As reformas todas cáem no vacuo da ndiferença. Fiquemos na pequena anarquia da grafia usual, para não cair naquela maior que nos obriga a menear a todo o instante um glossario simplificador.

O revolucionario:

— Quando se pensa no grande beneficio que se presta ao ensino popular com a simplificação ortografica, é licito esperar que não haja trabalho ou dificuldade na discussão e na votação da lei desejada.

O tradicionalista:

— A verdade é que a minha atitude é puramente negativa. Não quero reforma alguma e acho excelente o *statuo quo* que ainda impera felizmente. Sou tido á conta de voluvel mas a volubilidade é tambem um sinal de experiencia. Experimentei e achei amarga a simplificação.

O revolucionario:

— Sem embargo da oposição da imprensa, que continúa a tradição conservadora e a mal grado da atitude do maior numero dos mestres, a grafia simplificada, com a esperada ação do governo, entrará em triunfo pelo mundo escolar e ganhará certamente pela difusão popular, novos alentos em outras provincias do seu provavel dominio. A grafia brasileira, isto é, a antiga, ficará sendo uma especie de paganismo, relegada aos recantos e aos confins remotos e indiferentes do país.

XI

Enfim, João Ribeiro chega, depois de muitas oscilações e de muitas contradições, a um resultado, que me parece ser a ideia mais inteligente, entre quantas têm surgido, propondo-se a promover a simplificação ortografica no Brasil. Ele quer uma simplificação moderada, dentro de limiteis faceis. "Ha dois, tres ou quatro principios que, uma vez adotados, podem satisfazer os desejos de radicais e conservadores. Suponha-se por exemplo que se resolva desde logo:

a) a substituir os grupos gregos *ph, th, ch*...

b) a suprimir as letras dobradas, quasi sempre inuteis, *tt, ll, mm*.

Desde logo com essas duas alterações a lingua muito pouco diferia da extrema simplificação... Poder-se-ia juntar a esses dois principios mais a conveniencia de substituir o *y* e o *k*, letras exoticas, perfeitamente substituiveis por outros recursos do nosso alfabeto" (1).

Era esse o seu ponto de vista, em um dos ultimos e mais caracterisicos dos seus artigos, escritos sobre a questão ortografica.

(1) **Jornal do Brasil — A questão ortográfica.**

Neste momento, em virtude de uma leviana decisão da Assembléia Constituinte, está reinando no Brasil, em tudo o que se refere á ortografia, uma balburdia maior do que em todos os tempos. Neste momento, eu creio que seria prudente a meditação destas ideias de João Ribeiro.

CAPITULO QUINTO

NA CATEDRA

I

Na sua catedra do Pedro II, vai João Ribeiro difundir, durante duas ou tres gerações, o incomparavel patrimonio do saber que acumulou.

Esse mestre é suave. O seu sorriso de filosofo é amigo. E estudar com êle é uma alegria renovada sempre.

O anedotario que se creou em torno de sua atividade de mestre traduz a imensa faculdade de tolerancia, a doçura, quasi direi a candura, com que esse homem, que absorvera todas as ciencias e todas as artes, aceitava e compreendia o espirito das crianças e dos rapazes.

Entre os documentos que existem sobre o sistema de ensino de João Ribeiro, citarei a pagina do Sr. Jayme de Barros, publicada

em Maio de 1933, no *Diario Carioca*. "Estou daqui a vê-lo em sua catedra de professor de Historia Universal, no Internato Pedro II, as meias caidas sobre as botinas de elastico, os cordões das ceroulas compridas desatados, os bolsos cheios, arrebentando de livros, jornais e revistas, sentado, não raro, sobre o chapéo, que jogara, antes, distraidamente, sobre a cadeira se não era para evitar o seu desaparecimento fatal no fim das aulas..."

Assim, vemos João Ribeiro no salão de estudos. — Uma centena de garotos irreverentes, e alegres pela amizade que dedicam ao mestre, cercam-no em torno da mesa. Ha perguntas de todos os lados, sobre todos os assuntos... Bonacheirão, êle vai respondendo a uns e a outros: áquêle, dá-lhe noções acerca de um controvertido fato da historia grega; a esse, esclarece-lhe duvidas acerca das complicações de um entimema; a este, explica-lhe uma regra dificil sobre o valor das cores na pintura... E enquanto ensina, com facilidade, essas cousas transcendentes, sorri o seu sorriso filosófico. E' um sorriso singular, que só êle tem — especie de reticencia animada, que lhe vive mais nos olhos que nos labios... Sorriso de bom frade filosofo, que parece traduzir um infinito divertimento intimo.

Mas a alegria da aula continúa. E' sorteado o ponto para a sãbatina escrita. Sáe um episodio da historia romana — Catilina. Por um acordo previo, os rapazes escrevem acerca da tomada da Bastilha.

Na proxima aula, João Ribeiro vem com as provas lidas e examinadas. Todas têm nota 10. E êle comenta, entusiasmado:

— Nunca tive turma tão bôa!

A's vezes, sua distração reage um pouco. Ele fica em duvida:

— Mas não foi a guerra dos Cem Anos o ponto sorteado?

— Não. Foi a descoberta da America.

Ele fica satisfeito com a informação. E passa a dar a sua aula — que, invariavelmente, é um largo e maravilhoso passeio atravez das ciencias, das artes, das individualidades sugestivas e interessantes, que enchem a historia da humanidade.

Tal é o mestre, tal é o seu sistema, segundo o depoimento de um dos seus alunos.

II

E esse sistema está, afinal, explicado e defendido em muitas paginas escritas por João Ribeiro. Em varios de seus artigos esparsos de jornais, em capitulos de diversos de

seus livros, encontramos criticas severas á maneira como atualmente é dada a instrução no Brasil.

Na *Colmeia*, êle analisa o problema em dois artigos. — No primeiro, resume as opiniões de Einstein acerca do ensino. Essas opiniões foram recolhidas por Mosckowsky, espirito paradoxal e nitido, que, em seu livro *O mundo pelo outro lado*, fez um pouco com o sabio renovador da matematica, o que outróra Eckermann fizera com Goethe: espremeu-lhe o espirito, até tirar-lhe as ultimas gotas do suco.

Einstein nega o valor educativo das linguas. E, ao ser-lhe lembrado por Mosckowski o dito de Carlos V, de que cada lingua que se aprende ajunta ao homem um homem novo, o sabio retrucou, com logica:

— Se fosse assim, as mais altas posições intelectuais no mundo caberiam a atletas linguisticos, como Mitridates ou como o cardeal Mezzofanti...

Com referencia ás ciencias, ocorre ilusão identica, por parte dos organizadores dos programas de ensino, no mundo todo. Diz Einstein que, em geral, os professores formulam "questões para descobrir o que o aluno não sabe" — quando a verdadeira arte de questionar deve ter o proposito de "descobrir o que o aluno sabe ou é capaz de saber".

E enfim, depois de uma enfiada numerosa de criticas, de sugestões e comentarios, acredita Einstein que o ensino só deve ser dado pela intuição. "Learning must become living".

III

Esse é exatamente o ponto em que, numa carta ao Sr. Afranio Peixoto, João Ribeiro se coloca, com referencia ás questões de instrução, no Brasil. Ele insurge-se contra a sistema nosso da *habilitação*.

> "A habilitação, na opinião vulgar, consiste em responder improvisadamente sobre qualquer materia a questões meramente escolares.
>
> Por exemplo. Argue-se o catecumeno:
>
> — Quantos são os pecados mortais?
>
> — Resposta: São sete.
>
> — Muito bem. Diga.
>
> — Resposta: A, B, C, D, E, etc.
>
> — Perfeitamente. Está *habilitado*.

E' o caso da aprovação. Vejamos agora o caso tipico da reprovação.

— Menino, diga-me quantos são os pecados mortais?

— Resposta: Não me lembro, mas ha uma duzia dêles.

— Não conhece então nenhum? Não poderá dar um exemplo?

— Resposta: Sim, *verbi gratia*, "não pagar jornal a quem trabalha", é pecado mortal.

— Está enganado. Isso não é pecado mortal; é um dos "pecados que bradam aos céus". Já vejo que não conhece a materia.

E o pobre diabo está reprovado em catecismo".

Aí está como, com alguma ironia, pinta êle os processos de ensino no Brasil.

Essa nossa mania da habilitação leva-nos á *examinologia*. Por esse termo barbaro, êle quer significar a preocupação que têm os rapazes brasileiros de *passar nos exames*, embora de nada lhes aproveite o que pareceram no momento ter aprendido.

João Ribeiro sabe que os alunos não têm a culpa desse estado de cousas. Essa culpa

cabe aos mestres. "Os mestres carrancudos ainda fazem como Pitagoras fazia ao demonstrar um teorema: para render graças aos Deuses ordenam uma hecatombe".

Ele odeia, mais do que tudo, o pedantismo dos professores. Não acaba de compreender, por exemplo, por que razão ainda hoje é dado, nas escolas brasileiras, como autor de estudo e exame, o dificilimo Camões. No seu tempo de escola primaria, estudava, em vez dos *Lusiadas*, o *Don Jayme*. Parece-lhe que, a ter que adotar um dos dois livros, o nosso ensino muito ganharia se preferissemos o poema de Thomaz Ribeiro ao de Camões.

Humanidade. Simpatia para os que começam...

E' que, sendo professor, João Ribeiro está apto a observar as imperfeições da maneira de ensinar que é usada no Brasil. Inumeras vezes aponta, analisa, critica, reprova essas imperfeições. E' assim que fala da escola, pela boca de d. Quiteria:

"Entre essas malhas e esquartejamentos de minha iniciação estava a escola.

Era a obrigação monotona para toda a gente de dizer e de saber as mesmas cousas e de decifrar os mesmos enigmas em tempo dado.

Estou convencida de que o que mata a

alma é a igualdade ou a simetria. E a escola é a mais estupida de todas as uniformidades; caserna, convento ou escola, tudo é a mesma cousa. E' a primeira cota de nivel.

Eu entrei para a classe em que todos no momento somavam até quatro parcelas, estudavam os superlativos, o governo de Mem de Sá, as tres pessoas da Santissima Trindade, e as peninsulas da Europa.

Acomodei-me como pude e em poucos dias fiz numerosas amigas. Eram todas alegres, risonhas, almas de arminho e rosas, com a frescura e suavidade de escravas satisfeitas: a Carolina, a mais desenvolta e desembaraçada; a Aida ou Ada (não me lembra mais), que não cessava de rir; a Elisa, que sabia fazer uma momice, careta especial e engraçada, e cançava de faze-la, tantos eram os pedidos; a Helena, por vezes zangada e dificil...

Esses eram os relevos espirituais naquela planicie, ou, antes, naquêle aterro artificial".

A pintura de um ambiente escolar, tal como aí achamos, não é de maneira nenhuma agradavel. E a impressão que d. Quiteria nos comunica é inteiramente semelhante á que nos dá o proprio João Ribeiro. A sua memoravel carta ao Sr. Afranio Peixoto, acerca dos processos de ensino em voga no Brasil, assim começa: "Agora é tempo de

exames. A multidão de rapazes acorre aos tribunais da sabedoria oficial. Vão tristes, cabisbaixos, humildes, desfeita a alegria propria da idade pelas rajadas da colera magistral dos seus juizes..." (1).

A mesma impressão triste acerca dos processos de ensino em vigor no Brasil, ser-nos-ia facil apontar em varias outras passagens das obras de João Ribeiro.

Nas *Paginas de Estetica*, por exemplo. Ali, dá-nos êle uma reminiscencia do seu velho professor de retorica, em Sergipe. Era um homem de idade, muito miope. Entrava na aula, marrando pelas cadeiras. Os meninos levantavam-se, reverentes. Então... "era de vê-lo grave, com a voz troante e autoritaria, quando nos inquiria:

— Menino, quem foi o pai da retorica?

E todos nós, á uma, em algazarra:

— Foi Quintiliano!

— ...Quintiliano!

— ...tliano!

Resposta que nunca mais desensinei no curso da vida, e, certo, hoje eu daria de alviçaras toda a minha misera estetica a quem me concedesse os fóros de um novo professor Cazuza".

(1) Colmeia — 225.

V

Essas cousas escrevia êle ha perto de quinze anos, em artigos avulsos de jornal. De dez anos antes data a sua polemica com o Dr. Rodolfo von Ihering, de São Paulo. Versa essa polemica acerca da colocação das ciencias naturais no quadro geral das disciplinas do curso ginasial.

João Ribeiro não crê que se deva dar ás ciencias naturais, nesse quadro, um grande lugar. Ele coloca-se ao lado do humanismo, ou do ginasio classico. Entende que a formação e educação do homem é uma *cousa humana;* nada, ou muito pouco terá ela que ver com a quimica ou a zoologia. Os gregos e os romanos subiram ás maiores alturas do espirito, sem conhecerem da natureza externa mais do que as anedotas de Aristoteles, Eliano e Plinio. Seria uma tolice negar que êles fossem cultos, sómente porque não conheciam a circulação do sangue, ou ignoravam que a baleia não é um peixe.

E' com a experiencia de tantos lustros de ensino que João Ribeiro critica os metodos brasileiros de instrução. E termina por sugerir a criação, no Brasil, de uma *Escola da Vocação,* tal como as criaram os Estados Unidos e a Alemanha. "Para os pais, bem como

para os mestres, que se não limitam ás quatro paredes do seu importantissimo cubiculo intelectual, ha por vezes um problema grave, que se lhes antolha diante de um discipulo: "Qual é, de fato, a sua vocação? Que lhe conviria mais e melhor? Terei o direito de dizer que êle é estupido? Pois haverá acaso uma só expressão para a inteligencia humana?" Uma *Escola de Vocações* daria resposta a essas perguntas. Os homens e todos os seres são varios e provavelmente não ha ninguem inutil. Aí pode estar o segredo de muitas rebeldias" (1).

VI

João Ribeiro insurge-se contra o excesso de teorias no ensino. Para êle, o que é necessario é o contacto diréto com as cousas. "Aqui ha anos, conta êle, um alemão, o pintor Grimm, fez uma especie de revolução estetica na nossa Escola de Belas Artes, onde os alunos faziam paisagens copiando ilustrações.

— Não, Senhor, vamos ao campo. Ao ar livre é que havemos de ser paisagistas" (2).

E' de um mal identico que sofremos to-

(1) **Imparcial** — Maio de 1923.
(2) **Jornal do Brasil** — 22-1-1928.

dos. Faltam-nos a liberdade, a naturalidade, a espontanea comunicação com as cousas. Para evidenciar o quanto isto é verdade, basta pensar no seguinte: ainda não possuimos um instituto de Biologia, uma escola de Quimica, uma escola de Eletricidade!

Ele vai além: a bem dizer não temos sequer ensino secundario! Existe, sim, o Colegio Pedro II. Mas o simples fato de só existir um ginasio oficial para toda a nossa população, mostra o quanto nos descuramos do assunto. João Ribeiro acha que o Rio deveria ter tres ginasios: um funcionaria no mesmo predio em que ora existe o instituto — e serviria á população escolar dos suburbios e do centro da cidade. O segundo ficaria instalado no local em que atualmente se acha a Escola Normal: serviria aos bairros de Tijuca, Haddock Lobo, São Cristovão. O terceiro ficaria instalado no Largo do Machado, e atenderia aos bairros de Laranjeiras, Catete, Botafogo, Copacabana.

Previa que os criticos haviam de impugnar o seu plano, sob a alegação de que resultaria caro; mas a isso respondia da seguinte maneira:

— O Pedro II atualmente se divide em Externato e Internato. O Internato serve a um numero realmente pequeno de alunos. E,

entretanto, representa uma despeza duas ou tres vezes maior que a do Externato. Que fazer? Suprimir o Internato, que não tem vantagem pratica nenhuma, e, com a sua verba, criar os dois novos Externatos.

João Ribeiro acentúa que essa medida é da maxima urgencia.

Seu pensamento completo é que o unico ensino desinteressado, na formação do espirito, é o humanismo. A Alemanha, lider no assunto, compreendeu isso muito bem. Só em Berlim existem mais de vinte ginasios oficiais do tipo de que ele fala.

Tem, porém, o terror dos programas. Cada reforma que chega parece-lhe merecer *uma reverenda reformação*. Seu espirito, em cada uma dessas oportunidades, perde-se num cáos enorme de confusões. Aqui, são velharias obsoletas, como a filosofia obrigatoria, as literaturas antigas e modernas; ali, é uma novidade humanistica — e quasi o ouvimos dizer humoristica — a sociologia; adiante, é a facecia imensa da instrução fisica e moral; além, é a pilheria pitoresca da gramatica historica com o Português, o Latim... e o Inglês! Ele deplora que os organizadores dos programas esqueçam sempre a veneravel e encanecida retorica...

Seu senso pratico indu-lo a mostrar a im

possibilidade de executar esses programas. — Na literatura, por exemplo. Um ano inteiro seria pouco para lêr e comentar apenas Homero. E, entretanto, não se trata apenas de Homero: ha, só na Grecia, Hesiodo, Xenofonte, Píndaro, Sófocles, Eurípedes, tantos outros; ha os romanos, ha os francêses, ha os inglêses, ha os italianos, ha os alemães, ha os espanhóis; e ha Camões! Isso, sem falar na longa procissão dos nossos genios indigenas!

Como executar, num ano, essa enciclopedia de literatura?

VII

Tanta abundancia de cousas irreais, tão evidente amor ás impossibilidades, conduzem-no a um tedio infinito contra a nossa organização de ensino. E êle prefere tratar de um assunto que é, pelo menos, mais claro, nos frutos que dá: o ensino tecnico

Louva, na ocasião, a reforma Fernando de Azevedo, na parte que se refere ao ensino tecnico rudimentar; louva-lhe a solidez logica. O trabalho na vida não deve ser uma estréia de iniciação dificil: deve ser simplesmente a continuidade de esforços anteriormente realizados. A reforma procurava adequar-se a esse desideratum.

João Ribeiro dá o seu apoio ao pequeno ensino tecnico. Acha-o muito mais importante do que a arte de ler e desenhar palavras, e não tem dificuldade em confessar as suas desconfianças contra as escolas primarias propriamente ditas. Aterrorisa-o o pedantismo dos pedagogos — e é êle quem nos adverte que essas palavras são muito proximas, uma provindo da outra...

Sua preocupação pelo ensino é, de resto, bem antiga. — Já em 1890, êle estudava o assunto, e assegurava que, enquanto a Republica não cuidasse eficazmente da instrução, nada teria feito pelo Brasil. Referia fatos pitorescos, para demonstrar o estado de anarquia em que anda esse problema em nossa patria. — Em um relatorio da presidencia de Minas, Saldanha Marinho dizia que varias escolas publicas eram regidas por soldados rasos, que tinham dado baixa por incapazes de serviço. Em Santa Catarina, um presidente da Provincia encontrava, exercendo as funções de lente de Latim, numa cidade do interior, um antigo criado dum restaurante do Desterro! Num sertão da Baía, um viajante inglês entabolou conhecimento com um mestre escola que acumulava as suas funções com

as de porteiro do cemiterio e de sacristão ex-officio, isto é, quando havia defuntos.

Quanto a êle proprio, João Ribeiro, já conhecera, aqui, no Rio, uma senhora muito estimavel, que pagava a um professor para dar instrução aos seus filhos dela. O professor era simplesmente inepto. A senhora chegou um dia a confessar que êle nada ensinava e nada sabia.

João Ribeiro arriscou-se a perguntar:

— Mas porque não toma outro professor que seja mais habilitado?

Ella respondeu:

— Eu já pensei nisto... Mas não tenho coragem de despedi-lo. Ele dá palpites tão bons para o jogo do bicho!

VIII

Mas haverá maneira de resolver as imperfeições do nosso atual sistema de ensino?

— Ha, responde João Ribeiro.

Ele simpatiza com o metodo *ad absurdum* que sabe não ser muito seguro, mas que lhe parece sempre razoavel para quem não pretenda a infalibilidade no juizo. Ha processos diretos de verificação. "Se um professor habil organizar uma lista de quarenta ou

cincoenta teoremas e problemas da geometria ou do calculo, sem o intuito de dificultar e só com o intento de abranger o essencial de toda a materia; se ao mesmo tempo publicar essa lista de questões com a antecedencia de dois ou tres mezes, póde contar-se com segurança que o aluno que as puder demonstrar ou resolver está perfeitamente habilitado.

"Vemos, entretanto, a pratica contraria: o ponto que cáe no exame é inteiramente vago: angulos, por exemplo. Aí dentro ha mil e uma questões inesperadas ou talvez insidiosas, em qualquer caso imprevisiveis.

"Para que esse improviso?"

IX

Na alma, êle prefere uma geração de homens com bons musculos, rijamente debruçados sobre os remos das ioles, a uma geração de rapazes palidos e tristes, anemicamente debruçados sobre alfarrabios cheios de pó. Em 1928, seu filho Antonio João partiu do Rio com um amigo para um passeio de remo até Santos. Era um raide audacioso; mas o rapaz realizou-o, com uma modestia bem digna de um filho de João Ribeiro.

O escritor sente, no intimo, o orgulho pelo filho atleta. Orgulho um pouco ironico, tal-

vez, pois que, no fundo daquela alma, o que existe é a ironia. Entretanto, êle escreve, a respeito da aventura do filho, um artigo comovido. "Vão a remar durante o dia. A' noite abicam á praia, acendem o lume, conversam e repousam. Se fossem poetas, poderiam escrever na areia o poema á Virgem Santa como o escrevera Anchieta em Iperoig".

Assim diz êle. E continúa:

"Esse meu filho herdou de mim um pouco de sangue de indio. Dá para canoeiro e para nada mais que eu saiba. Lê pouco, entende menos, mas dá para remar como um possesso, obediente a não sei que demonio atavico. Não pude nunca torcer a sua vocação irreprimivel e liberrima. Mas, como a sua alma é bôa e generosa, não quero ineptamente importuna-la com os meus duvidosos principios. Póde ser que êle entreveja e lobrigue um porto que eu não consigo adivinhar".

X

Entre os papeis intimos de João Ribeiro encontrei um documento pitoresco. Sabe-se que êle tinha para os netos um particular amor. Costumava citar um dito, que se atribue a Lauro Muller: "Avô é pai duas vezes".

Pelo carinho que tributava aos seus netos, João Ribeiro parecia realmente sentir-se duas vezes pai. Merecia a sua predileção uma encantadora criança chamada Regina, filha do casal Rodolfo Senegalia Xavier. Com ela, João Ribeiro entretinha-se em longas conversas ingenuas, ensinando-lhe cousas, observando o despontar de um espirito cheio de graça e perspicacia. Muitos desses cavacos do avô com a netinha adivinhamos que seriam sobre assuntos de linguagem. Uma palavra qualquer, uma expressão que a menina não devia empregar, inspirariam a João Ribeiro uma daquelas lições amaveis, sem nenhuma complexidade, que êle sabia dar. A menina guardava essas lições. Ela aprendeu, assim, muitas cousas — e entre tantas cousas aprendeu que não deveria dizer palavras da giria!

Ora, certo dia, numa de suas conversas, o avô caiu no erro reprochado! Ele disse a expressão *a bessa!* A pequena Regina corrigiu-o, e ainda redigiu uma nota sobre o acontecimento. Eis textualmente como ela escreveu sua importante comunicação aos eruditos do futuro:

Dtor João Ribeiro
pai
E' um dos maiores autores da
lingua,
portuguesa.
Mas, um dia sua neta
viu-se obrigada a inmenda-lo
porque,
ele disse uma
giria
Sabem qual foi?
Abessa.
E' uma cousa muito feia
E, é a giria
mas conhecida
de todas.

Regina Maria Ribeiro Sinigalia Xavier".

Aí está um terrivel documento contra a erudição, contra o saber gramatical de João Ribeiro.

Ele recebe com bom humor as correções que lhe faz a neta. A pequena Regina é que não parece levar muito a serio as correções que lhe propõe o avô. Muita vez ela não leva a sério as proprias historias que ele conta. Sim, com certeza ha muita cousa que êle diz e que não é verdadeira...

— Foi você quem inventou essa historia, não foi, vovô?

— Não. Eu li isso num livro..

— Ora, você ainda acredita em livro! Vovô, você é um numero!

"Você é um numero!"

João Ribeiro sorri, deliciado com o achado da neta.

Seu desejo todo é passar adiante a pilheria. Ele tem impetos de correr ao telegrafo, e expedir para o velho amigo Mello Mattos, que é juiz de menores, e, como tal, vive a lidar com as crianças, um telegrama:

— Mello Mattos, você é um numero! (1)

XI

Certo, êle ama as crianças e tudo o que se prende á infancia.

Na sua secção do *Registro Literario* acusa, com especial carinho, tudo o que se destina ás crianças. Uma menina, Zuleika Lintz, merece-lhe um artigo. Terá quinze anos, e possue uma vocação incoercivel para as letras. João Ribeiro leva o seu nome á imprensa e faz-lhe vaticinios ilustres.

Ele delicia-se com a evocação do teatrinho infantil. Louva o seu creador, João Minhoca. Nada lhe parece mais digno de in-

---

(1) **Estado de São Paulo**, 28-1-1928.

veja do que o destino deste homem, que foi o mais aplaudido dos homens, graças á doce frivolidade dos seus espectadores. Faz uma pintura pitoresca do que era esse teatrinho: "No João Minhoca, se me não trái a memoria, entravam meninos, galãs ridiculos e velhos gaiteiros. Mas quem fazia o desfecho a pauladas era um negralhão que precipitava a ação com um chanfalho formidavel. Era, afinal, como nos dramas e nas tragedias gregas, o deus *ex-machina*, que chegava em momento providencial, quando devia acabar a ação e a historia. Nos entremeses de cordel era esse o recurso infalivel. Não é facil acabar, e o epilogo a pau era uma invenção excelente".

Nada poderia alegra-lo mais do que os assuntos, as conversas infantis.

Num dos seus artigos do *Jornal do Brasil*, existe uma passagem curiosa, como revelação do prazer que êle sentia em ouvir os pequeninos. E' o seguinte:

"Um dos melhores instantes da minha vaidade sucedeu quando uma criança me perguntou:

— O Senhor não é o autor da minha gramatica?

— Sou, sim, minha filha, eu sou o autor da sua gramatica".

Esse amor á infancia manifestou-se sempre na vida e nos escritos de João Ribeiro. Foi esse amor que imprimiu ao seu ensino o caráter de um contacto amavel, — o contacto de um pai com os filhos; foi esse amor que o levou a defender a introdução em nosso país de certos metodos de instrução brandos e faceis, que ainda hoje não podem entrar na mentalidade dos dirigentes do ensino no Brasil; foi esse amor, enfim, que o levou a ser o maior autor de livros didaticos existente em nossa terra, e sobretudo o autor dessa obra-prima, que é a tradução do *Coração*, de De Amicis.

Afinal, toda a gloria de João Ribeiro consiste em ser professor — consiste em ter escrito alguns livros uteis á mocidade.

Dizia êle, num artigo escrito para o *Estado de São Paulo*, acerca dos seus livros:

"Como autor que sou de uns cincoenta livros e opusculos, escritos quasi todos para rapazes, pesa-me ter feito mais do que convinha fazer. A atividade unica de que me não arrependo foi a de ter ensinado algumas verdades triviais a milhares de inteligencias juvenis, todas elas fieis á estima do velho mestre. E gôso imerecidamente de admirações desconhecidas e humildes, grandes ou pequenas, de operarios e doutores. Ste-

venson reduzia as profissões decentes a quatro apenas: a de pastor, de mestre-escola, de lavrador e de marinheiro. Sinto-me satisfeito nessa distribuição, pois que me dá a ideia de que não fui inteiramente inutil".

XII

Cabe-me aqui fazer referencia especial a um dos primeiros trabalhos escritos por João Ribeiro acerca das condições em que o ensino é ministrado no Brasil. Quero falar da *Memoria historica*, apresentada á Congregação do Ginasio Nacional, no ano de 1901.

Nesse documento, João Ribeiro já afirma as diretrizes que, cerca de vinte anos depois, o haviam de orientar, nos artigos colecionados na *Colmeia*. Protesta contra a maneira como são feitos os exames preparatorios. Com as suas proprias observações e as observações recolhidas pelos colegas, toca em muitos males da nossa instrução primaria e secundaria. "A frouxidão, o fastio, a quasi indiferença, com que os alunos se ocupam de suas obrigações escolares" merecem-lhe censuras amargas.

Depois de uma analise minuciosa de todos os fatos observados, propõe êle um novo plano de ensino. E' o seguinte:

"O Ginasio Nacional compõe-se de dois estabelecimentos: o Internato e o Externato. Em ambos haverá, por quatro anos, um curso *tecnico*, (*propedeutico, cientifico, real*) e, no Externato, exclusivamente funcionará o quinto ano, que é o complemento *classico* dos estudos anteriores e habilita ao bacharelado em letras.

As cadeiras dos cursos do Ginasio serão as seguintes:

A. — Em cada um dos estabelecimentos: 1, Português; 2, Latim; 3, Francês; 4, Inglês; 5, Alemão; 6, Geografia; 7, Historia Geral (inclusive do Brasil); 8 e 9, Matematica Elementar 10, Astronomia; 11, Fisica e Quimica; 12, Historia Natural; 13, Grego.

B. — No Externato, exclusivamente, as cadeiras do 5.º ano, (curso classico): 14, Literatura; 15, Logica; 16, Geografia e Historia do Brasil (1).

Atendendo á situação especial do Ginasio, e aos seus recursos quanto ao pessoal, este plano é perfeitamente exequivel, e sem aumento de des-

(1) A **Memoria** apresenta, aqui, um quadro de distribuição geral de materias com o seu numero de horas por semana. Pareceu-me desnecessario reproduzi-lo.

pesa; para isto basta apenas criar a cadeira de Historia do Brasil, (que sempre existiu até ha dois anos) e chamar para a regencia dela o professor da materia, agora inutilmente contado entre o pessoal de adidos ou extintos.

Uma das excelencias deste plano é colocar o 5.º ano, complemento do curso classico, no Externato. Efetivamente, os bacharelandos, não devem mais ser subordinados ao regimen improprio do Internato e tanto assim deve ser que, na maioria (e este ano de 1902 quasi a totalidade) voluntariamente se passaram para o Externato onde concluem os seus cursos. Por igual, fica, com essa limitação do Externato, resolvida a insuficiencia de professores, á qual ainda agora se procura dar remedio cindindo as cadeiras de Logica e Literatura, criando uma para cada estabelecimento — medida que, com este plano que apresento, se torna de todo inutil. Entretanto, é ela indispensavel com o atual regulamento ou com outro do mesmo genero.

Tambem procuro elevar o nivel

da instrução secundaria, elevando o nivel dos exames de admissão. O 1.º ano do atual Ginasio é uma verdadeira escola primaria em todas ou quasi todas as materias. O exame de admissão é irrisorio e ilogico; irrisorio por não exigir senão muitissimo pouco; e ilogico porque não se compreende o que vem a ser, em tais casos, exigencias de geografia geral e historia do Brasil e desenho, que não aprovetam ao ensino destas disciplinas no Ginasio. Reduzo-o a *português* e *aritmetica pratica*, porém tão completamente quanto é razoavel exigir-se para o inicio do curso propedeutico e talvez não fosse inutil ajuntar-se a isso algum conhecimento, embora muito rudimentar, do francês. E' facil perceber que não é possivel aos professores de aritmetica e português iniciar os seus cursos como se tivessem de reger uma aula primaria; e ao mesmo tempo nada aproveitam ao professor de geografia os conhecimentos insignificantes da geografia geral que é aliás e pode ser estudada integralmente desde os seus primordios, em tres anos do curso, e

aqui cabe notar que as *noções de historia patria* até aqui exigidas no exame de admissão só serão continuadas no *ultimo* ano do curso. Tais materias, está subentendido, fazem parte de qualquer curso primario, mas não devem ser exigidas por inuteis, no exame de admissão, com prejuizo do conhecimento mais completo daquilo que deve ser rigorosamente apurado nesses exames. O exame de *admissão* deverá consistir do conhecimento completo *quanto possivel* da *aritmetica pratica* e das primeiras linhas da gramatica, e nada mais.

Póde-se notar, examinando o plano que apresento, que o 5.º ano, ou o complemento do *curso classico*, funciona por um pequeno numero de horas (dezoito horas, relativamente a vinte e cinco dos anos anteriores). A razão deriva da nossa pobreza de recursos pecuniarios: o governo poderia dotar esse complemento dos estudos classicos com outras cadeiras e disciplinas; mas não me era licito senão pensar no pessoal de que o Ginasio atualmente dispõe. Poderia

haver, nesse quinto ano, uma cadeira de *filosofia* como já houve, ou ao menos de *psicologia, psico-fisica* ou da *historia das ciencias*, ou, se se prefere, um estudo nacional desinteressado, o da lingua *tupí-guaraní*. Mas são tão praticas as nossas intenções, que, já daqui, ouço o riso... Tambem me parece que uma cadeira de *fisiografia* poderia nos primeiros anos iniciar a serie das *ciencias fisicas e naturais*, que só se ensinam nos ultimos anos e é um preliminar tão legitimo como o é a *matematica* para a série abstrata".

A *Memoria Historica* trazia, em apendice, uma detalhada exposição, acerca de tudo o que, no momento, existia, em materia de ensino secundario, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Italia, na França, na Belgica, na Alemanha, na Hungria, e em Portugal.

Era, como se vê, um trabalho minucioso, fruto da meditação prolongada, do senso real e esclarecido das nossas necessidades em materia de instrução publica.

Que ouvido terá prestado a administração brasileira á alta voz deste mestre cheio de experiencia?

Que me conste nenhum... A voz dêle perdeu-se, neste infinito deserto, que é o Brasil.

XIII

Quarenta anos depois vamos encontrar João Ribeiro fiel ás ideias expendidas em sua *Memoria Historica*. Em um dos seus artigos, êle escreve acerca da necessidade do ensino do *tupí-guaraní* nos nossos cursos de humanidades. Em Portugal, estuda-se o arabe nas faculdades de letras, porque um dia ali os arabes dominaram. Por que razão, então, não havemos de ter nós, no Brasil, um curso da *lingua geral* — a lingua bela e bôa (*nenhengatu*), a lingua da gente (*abanenhen*)?

João Ribeiro prevê que, num futuro proximo, a sua ideia ha de tornar-se uma realidade.

CAPITULO SEXTO

ESTUDOS DE FOLQUELORE

I

Os estudos de historia e literatura, bem como os estudos de filologia, tinham levado João Ribeiro até ás questões do folquelore. Ele publica artigos e anotações do maior interesse em revistas e jornais, acerca de problemas de nossa poesia e de nosso fabulario popular. No *Fabordão*, "cronica de vario assunto", recolheu alguns desses trabalhos.

Nas contribuições de João Ribeiro, era, desde logo, de se fixar uma caracteristica, a que em geral escapavam os folqueloristas brasileiros: a preocupação minuciosa da pesquiza, o desejo e o gosto de documentar-se cientificamente, os largos recursos da erudição.

Em 1913, a convite de Cicero Peregrino, diretor da Biblioteca Nacional, realizou João

Ribeiro o seu curso de conferencias acerca do folquelore. Seu intuito não ia além de fazer "um ensaio de generalização, fundada em numerosos fatos", até então recolhidos da tradição popular em nosso país. Julgava-se com o trabalho facilitado pelo seu habito dos estudos comparativos da linguagem.

As conferencias foram anunciadas sob os seguintes titulos:

— O *folquelore*. Metodos de pesquiza. A lingua e a literatura popular.
— A novelistica nas suas formas litera-literarias. Os contos populares.
— Fabulas e historias de animais. Apologos.
— Os mitos.
— O folquelore infantil.
— Crendices, superstições. Ideias praticas e religiosas.
— O romance. A poesia popular e a sua tecnica.
— Sintese geral do *folquelore*. Conclusão.

Fiel a um antigo sistema, João Ribeiro não escreveu as suas conferencias. Apenas rabiscou as notas, e desenvolveu-as perante o auditorio. Mais tarde, querendo refazer o

trabalho, para pô-lo em livro, não teve mais o rumo exato que seguira nas palestras. O livro do *Folquelore* não corresponde, assim, inteiramente, ao programa do curso da Biblioteca Nacional.

João Ribeiro, que era amigo dos doces ocios em meio aos trabalhos austeros, deliciase em digressões sobre temas pitorescos e graciosos, mesmo em meio dos assuntos mais complexos.

Isso constitue um dos encantos da sua leitura. E' delicioso encontrarmos uma rubrica ingenua (*breve intermezo*: *as parlendas infantis*... por exemplo) depois de termos longamente viajado, desde a India e a Africa, no bico de uma gralha ou de um corvo...

II

João Ribeiro encontrou o folquelore brasileiro num periodo de meras tentativas.

Sylvio Romero, até então o maior de nossos folqueloristas, chefe de uma escola, tinha, sem duvida, uma grande facilidade de colecionador. Paciente e curioso, dotado de espantosa memoria, êle guardava tudo o que ouvia. Daí nasceram os seus livros ainda hoje preciosos — os *Cantos populares do*

Brasil, os *Contos populares do Brasil*, os *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*.

De resto, não fôra sem certa reação que Sylvio Romero chegara a escrever esses livros. No prefacio dos *Estudos de Direito*, de Tobias Barreto, informa-nos êle da luta que lhe fôra preciso ter com o filosofo sergipano para não abandonar o terreno do folquelore.

Chegara Sylvio Romero a Recife em 1868, para estudar Direito. Levava preparatorios excelentes e uma ambição imensa de cultura. Ali logo se relacionou com Tobias Barreto. Eram da mesma terra, sonhavam os mesmos sonhos. Mas, embora pensassem juntos em muita cousa, em muitas outras divergiam tambem. E uma dessas era a questão da poesia popular. Enquanto Sylvio Romero a amava, procurava recolhê-la na alma do povo, Tobias a combatia.

"O gosto e o cultivo da poesia popular — dizia Tobias — ainda que possam remontar á autoridade de Herder, descendem todavia mais diretamente da escola romantica. Os efeitos mediatos desta escola que não foram poucos dividem-se em *permanentes e transitorios*. Aos *permanentes* pertencem, por exemplo, a linguistica, a filologia, a mitologia comparadas; aos *transitorios*, porém, não precisa especializar, pertencem todas aquelas

extravagancias, que, ha cincoenta ou sessenta anos, valiam por maravilhas, e hoje felizmente estão esquecidas".

E Tobias Barreto assim condenava a poesia popular:

"De mim para mim, tenho-a por um dos efeitos *transitorios*. Esse entusiasmo forçado, *erzwungene Begeisterung*, como dizia o proprio Uhland, pelas pretendidas produções poeticas do povo, é sem *interesse estetico*, porque nelas em geral a beleza brilha pela ausencia; sem *interesse historico*, porque o povo poetisante nada tem que vêr com o processo evolutivo da historia; sem *interesse psicologico — nacional*, porque as canções populares, a despeito de todas as tentativas feitas neste sentido, ainda não servem nem servirão jamais como traço caracteristico desta ou daquela nacionalidade; esse resto de vertigem romantica ha de tambem acabar. Se ainda não desapareceu de todo, é porque começou mais cedo.

"Só compreendo o valor da poesia popular, como materia assimilavel ás formas e conceitos da poesia culta, por intermedio de espiritos superiores. Foi o que fez Goethe, cuja musa lirica, em muitos dos seus mais brilhantes produtos, é uma ressonancia do *Lied* popular alemão; foi o que fez Heine, que por

vezes recorreu tambem a essa fonte; foi ainda o que fez Weber no dominio da musica, pondo a seu serviço e colorindo com o seu genio as cantigas populares.

"Deixemo-nos, pois, de ilusões. A *poesia popular* é uma digna irmã da *soberania popular*".

Assim blaterava Tobias Barreto. Mas Sylvio Romero "não se deu por vencido".

"Não sei como não possam ter *interesse estetico* inspirações do povo, que vão servir para realçar as produções de um Goethe, de um Heine, de um Weber; não sei como se possa negar *interesse psicologico-nacional* ás criações espontaneas do genio popular, onde se encontram monumentos como os *Vedas*, as epopeias indianas, o *Shah-Nameh*, os *Niebelungen*, as *Sagas* escandinavas, não falando já na *Iliada* e na *Odisséa* de Homero; não sei como não mostram *interesse historico* esses documentos das raças, quando não tinham elas ainda saido daquêle sincronismo primitivo em que a religião, a moral, o direito, a poesia repousavam juntos num todo imenso e indistinto; ou mesmo em épocas recentes e nos dias de hoje quando as populações incultas repetem as lendas e as canções que uma longa tradição lhes deixou".

III

Sylvio Romero entregou-se, pois, a um paciente e dificil trabalho de colecionador. Em breve, em torno dêle, constituiu-se uma escola de folqueloristas. Eram Alfredo de Freitas, que escrevia as *Lendas e superstiçõeõs do norte do Brasil* (1884); F. J. Santa-Anna Nery, que publicava em Paris o seu *Folk-lore Brésilien*, (1889); Mello Moraes Filho, que descrevia as *Festas populalres do Brasil* (1889) e os *Costumes e tradições do Brasil* (1895). Surgem varios outros estudiosos, seguindo as fecundas lições do mestre sergipano: Rodrigues de Carvalho, Alexina de Magalhães, Pereira da Costa, Valle Cabral, Figueiredo Pimentel, Carlos Góes, Americano do Brasil, muitos outros.

Todos esses folqueloristas caracterizavam-se pelo gosto e o prazer da pesquiza. Recolhiam, com entusiasmo, os documentos que iam encontrando no longo acervo do povo.

Mas careciam de certa universalidade na visão critica; falecia-lhes o conhecimento minucioso das literaturas, das linguas e do pensamento dos outros povos, elementos sem os quais o amor pelos assuntos do folquelore fica reduzido a alguma cousa ineficaz, ou,

pelo menos, incompleta, como a via Tobias Barreto.

IV

Ora, foram esses os elementos que João Ribeiro trouxe para o estudo do folquelore brasileiro. Desde ás *Frases feitas* e o *Fabordão*, seu genio inquieto de filologo e historiador fazia largas excursões no campo do folquelore. Já em tais ocasiões tinha êle usado, de um lado o seu conhecimento profundo de varias linguas, a sua prodigiosa faculdade de aproximação de fatos filologicos; e do outro lado, o seu vasto e real saber de cousas historicas.

A superioridade dos seus trabalhos tem sido reconhecida pelos nossos folqueloristas mais austeros. Citarei aqui este periodo do Sr. Lindolfo Gomes, um dos mais doutos autores do folquelore brasileiro: "João Ribeiro foi, portanto, quem primeiro, no Brasil, conduziu tais estudos a um aperfeiçoamento rigorosamente cientifico, submetendo-os ao criterio das novas reformas metodologicas. Isto mesmo proclamamo-lo em nossa conferencia *Folquelore e tradições do Brasil*, em 1915."

Num livro ultimamente publicado, o Sr. Joaquim Ribeiro acentua as caracteristicas das

duas escolas do folquelore brasileiro, chefiadas por Sylvio Romero e João Ribeiro. Enumera como discipulos de João Ribeiro a Alberto Faria, Amadeu Amaral, e aos Srs. Afranio Peixoto, Gustavo Barroso, Luiz da Camara Cascudo, Basilio de Magalhães, Oswaldo Orico e Daniel Gouveia.

Entre a escola dos *inventariantes*, de Sylvio Romero, e a dos *criticos*, de João Ribeiro, coloca o jovem estudioso a dos *contemporisadores*. Tem essa ultima escola como chefe o Sr. Lindolfo Gomes. A ela declara filiar-se o Sr. Joaquim Ribeiro.

Mas qual é o escopo dos *contemporisadores?* E' um escopo util e excelente: êles querem combinar "o lazer de coligadores com o mistér de exegetas e pesquizadores".

Aí está o horizonte do nosso folquelore, tal como o traça um escritor erudito, que muito se tem especializado no assunto.

V

Desde logo, João Ribeiro põe-se a par das mais recentes investigações da etnografia e da antropologia, no que se prende ao estudo e á interpretação dos textos do folquelore. Ele recusa, e mais de uma vez o diz, as conclusões da escola da Max Muller, Gubernatis,

Brêal, que tudo reduziam a mitos astronomicos.

Essa escola, de resto, acabara por ser um divertido tema de humorismo. Refere Lyall que Whatley, arcebispo de Dublim, para refutar a teoria mitologica, escreveu um panfleto, onde provava que Napoleão nunca tinha existido: era apenas um mito solar.

Mais recentemente, universitarios de Dublim publiraram um opusculo com o titulo: *O mito solar de Oxford, contribuição á mitologia comparada, dedicado (sem autorização) ao Sr. G. W. Cox.*

Nesse opusculo provavam, com logica impossivel de refutar, que Max Muller nunca tinha existido.

João Ribeiro incorporou-se á corrente dos que enxergam os absurdos dessa teoria, que não é, em essencia, senão uma fonte de romanticas e poeticas divagações.

Socorre-se de subsidios puramente cientificos para as explicações do nosso folquelore, e é com a contribuição exata das ciencias que se apresenta ás pesquizas, para a interpretação e a analise das questões que surgem.

VI

Como Jacob Grimm e como Gustavo Freytag, João Ribeiro acredita na *alma do povo, Volksseele*. Cada povo tem a sua alma, dir-nos-á êle. E acrescenta que a alma é a constante, de que o progresso, os imperios e as revoluções não passam de variaveis.

São essas as ideias que êle reflete, nos seus estudos de folquelore. E são essas as ideias que lhe permitem ter uma compreensão tão larga e clara do fenomeno brasileiro. Só as obras que estiverem em harmonia com essa alma do povo serão capazes de vingar nas literaturas, pois sómente elas guardam o espirito das raças.

Ha, talvez, mais do que isso, mais do que a alma do povo: ha a alma do momento universal... E', pelo menos, o que nos sentimos tentados a crêr, quando João Ribeiro diz que as literaturas são menos nacionais do que presumimos: elas têm um fundo comum, e esse fundo é a unidade psicologica da civilização.

VII

Ele assenta, pois, como ponto de partida para os seus estudos, a *doutrina da alma co-*

letiva, que, desde Lazarus e Steinthal até Wundt, se tem afirmado, adquirindo força e vitalidade crescente. "A linguagem, o direito, a moral, a religião, a literatura, ou arte, são fenomenos de coexistencia, de inspiração e de limitação reciproca entre os homens". Vemos, desde logo, o pouco que é por si mesmo o individuo. Tudo o que é do homem vem-lhe de fóra, de gerações que passaram e que estão passando. E vem-lhe sobretudo do ambiente de familia, do bando, do clan, da tribu. "O genio é uma virtualidade da cultura respectiva do seu povo e depende do nivel comum que ela alcança pela formação da alma coletiva". Isso explica como numa tribu de selvagens não poderia jamais aparecer um Beethoven ou um Darwin.

Um etnologo que João Ribeiro muito ama, porque o cita em varias passagens de suas obras, Adolfo Bastian, queria que em vez de — *eu penso* — se dissesse — *pensam em mim*. — Indicava, assim, que ha uma alma etnica, que domina e governa os pensamentos de cada homem.

E' o estudo dessa *alma etnica* que João Ribeiro empreende fazer no Brasil. E o exame critico, filologico, historico, a que submete os assuntos do nosso folquelore, leva-o a conclusões inesperadas, e, muita vez, interessantissimas. Ele reforma juizos, modifica criterios, transforma teses que pareciam solidas.

Veja-se, por exemplo, a minucia com que, no *Folquelore*, estudou a *fabula da festa no céo*. — Advertira-nos, primeiramente, que, no estudo das origens dos nossos contos, ha, desde logo, uma dificuldade: "é a de pesquizar as suas fontes provaveis", no sentido de saber se o conto é europeu, africano ou indigena. E a analise mostra-lhe que essa historia é de origem européia, sendo-nos possivel acompanha-la desde a Grecia, ou desde a India, até o extremo Ocidente. Na *Colmeia*, retoma o tema. E fala-nos, então, de um outro conto da mesma especie, a *Visita ao Céo*, recolhido por Teodoro Grunberg no seu livro *Indianer Märchen aus Sud Amerika*. Essa *Visita ao Céo* encontra-se muito difundida no Chile, no extremo Noroeste, e na America do Norte. Ainda mais, diz-nos João Ribeiro: "Ehrenreich mostrou que o prototipo é o velho mito japonês de Ohonamuxi".

Mas, com referencia ao conto da festa no céo, João Ribeiro o vê chegar até nós, remodelado sob a *ação e influxo do budismo*.

Essa ancianidade de assunto, essa correspondencia de temas em varios povos, êle compraz-se em acentua-la. O nosso lobisho-

mem, terror das crianças, espantalho dos camponios ingenuos, existiu desde milenios, na India... A graciosa historia da baratinha vem-nos de velhissimos arianos... O corvo imbecil, que abriu o bico e deixou a perola cair na boca matreira da raposa, nasceu, tambem, na India veneravel.. O jaboti, que apostou carreira com o veado e o venceu usando de um ardil, é africano. João Ribeiro conhece-lhe cinco biografias diferentes... (*Fabordão*).

Não é somente para os contos e para as fabulas, que podemos achar esta identidade de tradições, entre os povos mais dispares. E' tambem para os costumes, para os proverbios, para as adivinhações, para os brinquedos das crianças.

A superstição da chuva com o sol é conhecida em toda a parte: no Brasil, em Portugal, e na Hespanha. Na Alemanha ela prende-se ao mito de Loreley; na Grecia, é o mito de Daidalé, ou de um casamento fingido de Zeus.

A historia da mulher do piolho anda em Marie de France, que é do seculo XI, anda em Romulus, do IV ou V seculo; e certamente remonta a uma antiguidade muito mais recuada.

Os jogos infantis são velhissimos, tambem. Quando vemos um de nossos garotos jogando o pião, mal sabemos que, ha trinta seculos, os patricios de Homero viam os seus filhos se divertindo da mesma maneira. E mais: não advertimos que, na prehistoria da civilização, na idade miscenaica ou pelagica, os filhos dos primeiros homens entregavam-se a esse mesmo brinquedo!

As bonecas são, igualmente, muito antigas. Na Grecia, em tumulos de crianças do IV seculo antes de Cristo, foram achadas bonecas com a forma humana ou a forma de passaros. Tambem no Perú, reminiscencias da época dos Incas, foram elas encontradas.

João Ribeiro faz reparos interessantes acerca de varios assuntos. Seus estudos sobre os *Mitos verbais* são dessa ordem. Mostra-nos êle que o *Judeu errante* não é mais do que um mito verbal; mito verbal é da mesma sorte o dom que tem Santo Antonio de achar os objetos perdidos.

Ele estuda a teoria de Laistner, segundo a qual as historias encantadas derivam de antigas sugestões do pesadelo sobre gentes incultas e primitivas. Aproxima dessa teoria a teoria patologica do pesadelo de Roscher (W. Heinr), segundo a qual é o pesadelo a origem de demonios, mitos e historias de en-

cantamentos. E já aceita como conclusões irrecusaveis certos principios de Freud.

Enfim, não quero encerrar esse estudo sem lembrar que João Ribeiro nega terminantemente o influxo do indigena no desenvolvimento mental do Brasil. "Cada vez mais se fortalece em mim a convicção de que o *indianismo* do nosso povo, sob seu aspecto moral e psicologico, é um influxo levissimo e que deve ser, ainda mais do que o fez Sylvio Romero, reduzido pela critica a muito menos que o que geralmente se acredita" (1).

VIII

Ele lastima a dispersão em que se perdem os brasileiros, que se dedicam aos estudos do folquelore. Acredita que deveria haver uma especie de nucleo de cultura, que coordenasse o trabalho avulso dos coletores de lendas e mitos, da poesia e do romance, das rondas, jogos e cantigas infantis.

Mas onde, e como, num país anarquico, encontrar um nucleo dessa natureza?

Amadeu Amaral propôs, certa vez, que a Academia Brasileira se constituisse o orgão de concentração dos estudos folqueloricos nacionais, publicando, na sua revista, os trabalhos que na materia fossem aparecendo. João Ribeiro apoia a ideia, parecendo-lhe que ela poderá tornar-se fecunda nos seus frutos.

(1) **Fabordão**, 170.

Ele exalça o estudo do folquelore — o qual se lhe antolha "uma preparação organica, espontanea e anterior de toda a arte, de toda a ciencia, de toda a cultura". O conhecimento do folquelore parece-lhe ser a primeira camada basica do espirito. Esse *estimulo primiitvo* é que nos permite saber e poder. Sua profundidade, acumulada na raça e na historia, é que dá o valor do individuo: e aquilo que vem á tona de cada um de nós, é apenas o resultado dessas camadas virgens e profundas. "Estudando o folquelore, estudamos a nossa força invisivel, que é todavia a que mais prepondera em nossos destinos" (1).

(1) **Jornal do Brasil** — 26-9-1925.

CAPITULO SETIMO

JORNALISMO

I

Se houvessemos de procurar, na personaldade contraditoria de João Ribeiro, uma fórma de espirito que fosse constante, se, nesse homem que, era, ao mesmo tempo, um sabio e um poeta, um historiador, um filologo, um critico, um filosofo, precisassemos de descobrir uma atividade que coexistisse com todas as demais, que fosse anterior a todas e devesse sobreviver a todos — que atividade seria essa?

A de jornalista, sem duvida.

João Ribeiro viveu toda a sua vida nessa terrivel, e ansiosa, e jamais satisfeita atividade da imprensa. Escrevendo para jornais desde quasi a adolescencia, êle multiplicou-se em cronicas, *sueltos*, comentarios, artigos de toda a ordem. Sua produção avulsa, no

dia em que fôr recolhida em volumes, dará sem exagero, uma pequena biblioeca.

Esse trabalho de forçado êle o realizou com bom humor, com uma resignação calma e risonha, com esse afetuoso desencanto, que era o segredo e a fascinação de sua filosofia. Seu espirito teve, como uma de suas manifestações mais interessantes, uma gentileza incomparavel. Ter uma doçura igual para todas as cousas desencantadoras é o primeiro sinal de uma grande alma. Chegar a compreender a vulgaridade de todos os sêres, o nada de todas as aspirações, a inutilidade, quasi o ridiculo, de todas as esperanças, eis o que é um privilegio reservado a poucos. E é isso o que revela a largueza do horizonte de um espirito. João Ribeiro possuiu esse privilegio raro. O desencanto comunicou-lhe qualidades que são bem dificeis de encontrar, neste nosso longo país de gente triste.

Soube, por exemplo, fazer uma cousa rara, uma cousa que no Brasil chega a parecer-nos um milagre: soube sorrir! E' que êle tinha recebido do destino o dom preclaro dos atenienses: tinha o espirito, "a eterna alegria, a divina infancia do coração".

II

Mas meditemos uns momentos, acompanhemos a vida jornalistica de João Ribeiro.

Por ocasião de um dos aniversarios da *Noticia*, teve êle oportunidade de escrever um pequeno capitulo de reminiscencias, acerca de sua vida de imprensa. Declarou então que "a sua passagem pelo tumulto dos jornais foi apenas um breve momento sem brilho".

Bem sabe êle que o jornalista é um ser de precipitação, e improvisação. Seu elemento é a vertigem. Seu pão de cada dia é o minuto que foge...

E' o proprio João Ribeiro quem nos diz:

"O jornalista é em geral o vaidoso das letras, mas da vaidade efemera das modas, do dia, da atualidade. Para o jornalista, o amanhã é o martirio inutil e desprezivel. E a sua gloria, muito mais ambiciosa do que as outras, é a de fazer parar o sol antes do primeiro anoitecer. O livro governa como o sol, de longe, por fascinação newtoniana; o jornal governa de perto, como a alavanca imediata e premente" (1).

E para esse pobre ser de vertigem e invenção constante, as condições fecundas do

(1) **Fabordão** — 32.

trabalho — o silencio, o repouso, a solidão longa — estão banidas. João Ribeiro lamenta os tumultos confusos da hora moderna; e lembra, com alguma ironia, a figura de Kant. Esse filosofo, para poder trabalhar, exigia a tranquilidade mais completa. Havendo, certa vez, na vizinhança de sua casa, um galo que tinha o habito de cantar, o filosofo tudo fez para comprar a ave sonora. Desanimado de poder trabalhar no rumor da cidade, adquiriu, em Koenigsberg, uma propriedade quasi fóra de muros. Por desgraça, havia perto uma prisão. E os presos tinham o costume de cantar salmos e hinos religiosos. Kant não se conteve — e escreveu a Hippel, seu amigo, que era governador da cidade e inspetor das prisões, uma longa carta de protesto. Numa passagem dessa carta, dizia êle: "Se o que esses miseros presos querem é apenas um certificado do carcereiro de que são homens tementes a Deus, não creio que seja necessario elevar esta justa suplica a uma vozeria e celeuma que não é costume praticarem os que rezam em casa e silenciosamente".

Eis aí, sem duvida, uma exigencia severa, digna de um filosofo! A exigencia do silencio! E como estamos distantes do ambiente do jornalista, — do jornalista, que parece ins-

pirar-se na propria atmosfera da trepidação e do improviso!

João Ribeiro quer, tambem, para si, a paz propicia ao trabalho. Aspira ao repouso, á serenidade... Cançado do tumulto que o cerca, anseia por um recanto tranquilo, onde possa meditar em descanço, como um monge silencioso em sua cela silenciosa. *In angello cum libello*, como Thomaz á Kempis... Chega a imaginar uma *filosofia do exilio* (cousa que é, de certo, misteriosa) para dá-la áquêles todos que trabalharem intelectualmente.

Mas onde encontrar, no mundo de hoje, tumultuario e vibrante, um Port-Royal, propicio ás meditações fecundas? Onde uma atmosfera suave e recolhida, de claustro, na qual possamos ouvir o dialogo sereno ou inquieto do nosso pensamento?

III

João Ribeiro não se acrelita jornalista: e só consente em dar esse titulo áquêles que, nas folhas, exercem as colunas politicas. "Não ha jornalismo para os que escrevem as secções mais ou menos literarias das folhas. Não ha ou não querem que haja. Muito mais jornalista será aquêle que chafurdou na lama dos negocios e se perdeu, do que o que passou limpido, recontando os sonhos e as fantasias inuteis".

Mas isso é um puro preconceito. Se fossemos aceitar essa ideia, teriamos que negar o titulo de jornalistas a alguns dos homens que, não somente no Brasil, mas tambem no mundo, mais altamente dignificaram a missão da imprensa. No momento em que João Ribeiro se estreiava nas folhas cariocas, havia, ao lado dos grandes periodistas politicos, jornalistas que apenas se preocupavam com as cousas literarias. Pois então, pelo fato de não se terem êles metido no jornalismo de ação politica, ou de apenas o terem feito acidentalmente, havemos de negar o titulo de jornalista a um Machado de Assis, a um Eça de Queiroz, a um Raul Pompéia, a um Constancio Alves?

A verdade é outra, é bem diversa do que supunha João Ribeiro. A verdade é que, ao lado do jornalismo politico, existe o jornalismo de ideias, o jornalismo que se compraz na criação livre da beleza e na contemplação das fórmas literarias. Nesse mundo voluvel, nesse universo feito de inconstancia, que é a profissão do jornalismo, é somente o segundo desses ramos de atividade que tem assegura-

dos alguns visos de permanecer uns tempos. Senão, vêde como se perdem, no esquecimento, as obras dos grandes homens da nossa imprensa politica. Onde a obra de Hypolito José da Costa? Onde a de Evaristo da Veiga? Onde a de todos os pioneiros generosos do movimento da Independencia e do primeiro imperio? Onde, mais perto de nós, a obra dos grandes agitadores da Abolição e da Republica? Onde a de Ferreira de Menezes, a de Ferreira de Araujo, a de Joaquim Serra, a de Silva Jardim? O que delas resta são vagas e raras informações nos cadernos dos eruditos. E quasi sempre essas informações se prendem áquela parte que em tais obras fugia ao caráter politico!

E' que o jornalismo é uma profissão precaria, falaz e enganadora. Nada deixa de si; quasi nada permite. E, por uma diabolica vingança dos destinos, sucede que aquêles jornalistas que obtêm em vida o prestigio mais longo e irresistivel, são exatamente os que têm garantido no futuro um olvido mais certo...

João Ribeiro estava, sem duvida, no segundo grupo de homens de imprensa, no grupo que eu poderia chamar de *anti-jornalistas*, em ordem a indicar-lhes a irremediavel in-

disposição para todos os assuntos imediatos ou praticos.

Ele não se misturava ás cousas da politica ou da administração. E a verdade é que as tinha num sagrado horror.

Os espiritos desse feitio, pelo seu proprio desinteresse, enobrecem a profissão da imprensa mais do que os outros. Exercer o jornalismo para estar em contacto com os poderosos do dia, respirando os efluvios magneticos que se exalam do Olimpo, pode ter alguma cousa de subalterno. Mas exerce-lo pelo méro prazer do debate das ideias gerais e da meditação da beleza literaria, exercer um jornalismo que se mantenha ausente do prestigio dos dominadores, é cousa que revela desprendimento.

IV

No artigo a que eu aludia acima, João Ribeiro lembrava o seu primeiro contacto com um jornal. Tratava-se da *Voz da Razão*, jornal pessimamente impresso, de caracteres ilegiveis, aparecendo ás vezes em papel pautado. Era uma folha de Laranjeiras. E a *Voz da Razão* tinha como proprietario um louco!

Mas não foi o proprietario da *Voz da Razão*, a figura de jornalista que mais impres-

sionou a infancia de João Ribeiro. Esta foi a do padre Felix, abolicionista entusiasta, mas jornalista *venal, corruptissimo e perverso*. O padre Felix, porém, não queria ser claramente venal, tinha lá seus escrupulos de consciencia... Exigia certa diplomacia na canalhice. Ai daquêle que lhe fosse diretamente pedir uma descompostura contra um inimigo! O padre erguia-se na cadeira, proclamando que não podia servir para instrumento de paixões mesquinhas, afirmando que a imprensa era um sacerdocio, assegurando que a sua folha não era um balcão de afrontas ao genero humano!

A habilidade daquêles que precisavam dos serviços do padre consistia em fazer vêr que uma ordem elevada de sentimentos estava em causa. "Padre mestre, você conhece fulano de tal?" "Se conheço? ninguem o conhece melhor do que eu. E' um grandississimo patife. Se tivesse quem me fornecesse alguns documentos, você ia ver a lavagem que eu faria".

O padre tinha, tambem, um processo especial para receber o dinheiro do suborno. Criava um bando de crianças. Quando lhe vinham trazer algum pagamento, êle recusava-se a receber. Não senhor, não vivia de jornal! Agora, se quizessem dar alguma cousa para o doce das crianças, podiam dar... "O padre Felix tinha uma duzia delas, e era assim que trabalhava na vinha do Senhor. Morreu de apoplexia, o padre Felix: integrou-se num grande vomito subito que o levou".

Depois, João Ribeiro deixa Sergipe, parte para o Rio. E é aqui, na *cidade por excelencia*, que êle vai ter a tarefa de escrever cada manhã para os jornais.

Os mestres do jornalismo, no momento, são Quintino Bocayuva, José do Patrocinio, Alcindo Guanabara. Quintino chama-o para o *Globo*, onde lhe dá um pequeno lugar. Depois Patrocinio chama-o para a *Gazeta da Tarde*, Alcindo chama-o para o *Correio do Povo*.

João Ribeiro afeiçoa-se aos tres mestres periodistas. Sobretudo, dedica enternecida afeição a José do Patrocinio. Desordenado como era, Patrocinio esquecia-se de pagar aos companheiros. Só de vez em quando mandava dar aos pobres diabos a metade vaga de uma quinzena. Mas, em compensação, quando alguem ia reclamar o pagamento, êle tinha gestos generosos de principe...

— Quanto você está ganhando, por mez, rapaz?

— Oitenta mil réis...

— Oitenta mil réis?! Com o seu talen-

to? Pois de hoje por diante você passa a ganhar cento e sessenta.

O infeliz saia da conversa com Patrocinio cheio de dobradas esperanças — e com a algibeira tão vazia quanto dantes! Mas, como diz João Ribeiro, tudo ficava em paz e em riso, "a questão de receber sendo, aliás, insignificante, naquêle tempo em que (ai de mim! ainda hoje) todo o ganhado era para pagamentos".

Simultaneamente, ou pouco depois, êle trabalha em outros jornais: na *Epoca*, no *Paiz*. E depois vem a colaboração, que já é tão solida e erudita, da *Semana*.

Esse periodo de atividade jornalistica abrange um largo espaço de tempo, desde a vinda de João Ribeiro para o Rio, em 1881, até o ano de 1895, quando êle realiza a sua primeira viagem á Europa.

V

A sua atividade jornalistica, durante essa fase, multiplica-se em varias secções diferentes. Na *Epoca*, êle escreve o *Velho e o novo*, e a *Cronica literaria*; no *Paiz*, escreve os *Sete dias*; no *Correio do Povo*, escreve o *De passagem* e *Atravez da Semana*; na *Semana*, escreve a *Historia dos sete dias*. Nos cadernos

dessa época, que tive ocasião de folhear, encontro artigos e artigos, que evidentemente pertencem a varias secções dessas mesmas folhas e trazem pseudonimos varios. *Romanzas* e *Dolora*, assinado *Xico lat; Colibrí*, assinado *Y*. Encontro, tambem, muitos outros recortes, que fazem parte de outras fases mais recentes, quando João Ribeiro trabalhou noutros jornais: *Questiuncula*, o *Mealheiro*, *Por A. mais B...*

E' uma produtividade, realmente, assombrosa. João Ribeiro, porém, deixou tudo isso em estado de confusão caótica. Nada de datas! Nem sequer, muita vez, a simples indicação da folha em que tais secções existiram!

Onde um pesquizador paciente, dispondo de tempo largo e repousado, que possa abrir, na selva selvagem dessa confusão absurda, as clareiras reveladoras?

Mas a verdade é que nesses artigos encontramos algumas das facetas mais curiosas do espirito de João Ribeiro. Irreverencia. Ironia. Bom humor. A faculdade de vêr claro onde em geral os outros muito pouco enxergam... Eis algumas das caracteristicas desses artigos. — Sim, sem duvida é já todo João Ribeiro que se encontra aqui.

No primeiro artigo de uma dessas sec-

ções, faz êle um pacto com o leitor: "Sê tolo por seis dias e eu serei espirituoso no sétimo". E vai exercitar a sua critica, o seu bom-gosto, o seu bom-senso... Num desses artigos, por exemplo, trata da mania dos cosmoramas no Rio e protesta contra a multiplicação dos pianos. "A' minha direita eu tenho um figado e um piano da vizinhança: ambos convergem para a colaboração da minha melancolia. Dizei-me quantos pianos vos divertem e eu vos direi quem sois". (*Sete dias*). Adverso ao castelhano, êle diz: "O latim engrola-se. O inglês mastiga-se. Porém o castelhano escarra-se". (*O velho e o novo*). Publica um artigo sobre Felisbelo Freire, acentuando a crença que tem no darwinismo e confessando o entusiasmo que sente por Darwin e por Spencer. Inventa um madrigal impregnado de deliciosa poesia — *O presente de festa*. Escreve comentarios de larga malicia sobre Pedro II... Faz observações acerca de varios problemas sociais e morais.

Um dos seus traços caracteristicos é, certamente, o humorismo. Acho esplendida, como revelação dessa sua maneira de ser, a cronica que êle escreveu acerca de Manoel Rodrigues Macedo, um certo soldado pernostico que publicou um livro de versos com esse titulo expressivo: *Trovas singelas ou gotas de*

amor. Esse soldado tem, na sua inepcia, invenções realmente assombrosas.

Eis um excerpto da pagina de João Ribeiro:

> Enquanto um louco, educado e cheio de literatura, Casimiro de Abreu, diz essa tolice:
>
> **Minh'álma é triste como a rola aflita**
>
> o soldado é mais shakeseareano, êle sonda o coração do homem e diz:
>
> **Minh'álma é triste como a mendicidade**
>
> De uma mulher ingrata, e que não sabe compensar-lhe as dedicações, o soldado fala, em um rasgo feroz de simplicidade:
>
> **Se eu fosse a morte a matava.**
>
> Citarei ainda uma quadra do poeta para fazer o desespero dos nossos artistas. Poucos dentre êles seriam capazes de burilar esses quatro versos, de uma flexibilidade doentia, de um mais puro e sereno gongorismo. Pareceu-me uma estrofe do nosso Bilac:
>
> **Qualquer odor,**
> **Amor, mulher,**
> **Mulher, amor,**
> **Odor qualquer.**
>
> Essa é a impressão que deixam os versos de Macedo, quando mais profundamente analisados.
>
> A impressão superficial e primeira é, todavia, grotesca e de incomparavel ridiculo.

Os erros de toda a especie contra a gramatica, contra a arte versificatoria e contra o bom senso, são profusamente inumeraveis.

A' sua franqueza valente de soldado que faz versos ás lavadeiras e ás barregans portuguêsas da rua dos Andradas, por onde êle passa, segundo confessa, sentindo o coração em pulos, acodem todos os lances da imaginação desregrada dos pandegos. Ele diz, estrepitosamente:

Não posso amar, mas em vendo
Moreninhas de jaleco,
Meu coração faz aflito:
"Tuco, tuco, téco, téco".

Na sua qualidade, talvez, de tocador de trombone na banda marcial, êle tem imagens como esta:

Breve como uma colcheia.

. . . . . .

A ignorancia desse soldado metido a bem falante, é de uma pilheria colossal.

E' inimitavel o aprumo inconsciente com que profere algumas asneiras.

Isso se dá principalmente com os termos cuja significação êle interpreta á vontade.

Para êle **amuleto** é um aleijado:

Póde o moço, póde o velho,
Póde o perfeito e o "amuleto"

Falaz para o soldado Macedo é o homem falador, caluniador:

Falem portanto os "falazes"...

Para o mesmo poeta, **secularizado** significa — um sujeito velho, carregado de anos, pai de filhos, etc.

Pouco mais ou menos. E' o que se depreende dos versos seguintes. A' pergunta: — **O que é mais triste?** — responde:

E' quem morre no verdor d'anos
Podendo ser "secularizado".

Por aí sou levado a referir uma anedota.

Ha uns quatro anos.

Quando eu morava com toda a minha mocidade lá para os lados de Botafogo, o habitualismo de um **bond** certo criou-me a amizade do comendador X..., homem velho e sisudo.

O comendador X..., toda vez que me via, cumprimentava-me enfaticamente:

— Contemporaneo!

Pude mais tarde descobrir o urbanissimo emprego desse adjetivo.

O comendador morava no mesmo bairro que eu" (1).

VI

Devo fazer aqui uma referencia particular á colaboração de João Ribeiro na *Semana*, de Valentim Magalhães e Max Fleuiss.

Numa fase anterior dessa revista, inseriera êle, logo que chegou ao Rio, os seus arti-

(1) **O Paiz (Sete dias)** — 2-11-1890.

gos de filologia, os quais motivaram a polemica com Pacheco Junior. Falarei sobre isto depois.

E', porém, na fase de Valentim Magalhães que êle fornece á *Semana* um otimo contingente de trabalho. Redige notas de bibliografia, faz criticas, estuda poetas e prosadores. Em muitos numeros aparece o seu pseudonimo — N. N. — assinando a *Historia dos sete dias*. Ha paginas destas, aliás, que são das melhores que êle escreveu. Algum material das *Cartas Devolvidas* é em tais folhetins que pela primeira vez aparece.

Em certo momento, o seu nome surge entre os redatores da *Semana*. Estes são, em 1894, Lucio de Mendonça, João Ribeiro, Fontoura Xavier, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Henrique Magalhães e Luiz Rosas.

E' na *Semana* que, tendo obtido o primeiro premio, num concurso em que foram juizes Lucio de Mendonça, Urbano Duarte e Coelho Netto, aparece essa maravilha da lingua portuguêsa, o conto de *São Bohemundo*.

E' na *Semana* que João Ribeiro publica uma série memoravel de artigos, com o titulo de *Departamento de Instrução*. Esses artigos formam uma das monografias mais completas que existem acerca do ensino no Brasil, e apareceram de Março a Maio de 1895. Nêles,

João Ribeiro analisa, com clareza e ás vezes com acrimonia, o abandono em que os brasileiros deixam as cousas da instrução. E propõe ideias, apresenta sugestões de planos que no momento seriam otimos, e hoje ainda seriam dignos de meditação... Mas, naquêle mesmo ano, a *Semana* deixou de circular. João Ribeiro partiu para a Europa.

VII

Mas a sua atividade jornalistica não se interrompe.

Ele reside em Berlim, e entrega-se a prolongados estudos de pintura, literatura e filologia. Mantem, contudo, o contacto com a gente do Brasil. E vai escrevendo artigos de vulgarização cientifica. Num dêles, dá-nos a sumula de um ensaio do professor Hermann Kohn acerca da historia dos oculos. Noutro, dá-nos um estudo acerca do canal de Kiel. Num terceiro, dá-nos, a proposito da morte de Pasteur, uma apreciação sobre a vida e a obra do grande sabio.

Como receia tornar-se pesado aos leitores, procura amenizar um pouco esses assuntos sérios. E, ao encerrar cada artigo, deixa uma palavra espirituosa, uma ironia, um paradoxo. E' assim, por exemplo, que encerra

o artigo sobre o canal de Kiel: "Reflexão de um filosofo: Nunca zombes do guarda-chuva que uma pessoa traz, porque póde bem ser que esse guarda-chuva pertença a outra pessoa".

VIII

E' a escolha dos assuntos o que torna excelente a obra jornalistica de João Ribeiro. Esse escritor nunca é frivolo. Em qualquer um dos seus artigos, encontramos a reflexão, a medida, o pensamento unido e justo. Nêle ha sempre o que aprender.

Ledor incansavel de livros, revistas e jornais, estrangeiros, êle foi, durante toda a existencia, um incomparavel vulgarizador das ideias e das teorias, que fossem nascendo na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Italia, nos paises escandinavos, na Russia, não importa onde. De uma fórma geral, pode-se bem dizer que toda a sua obra é feita de fragmentos de jornais. Convem excetuar, é claro, os compendios de historia, as gramaticas, o livro sobre folquelore.

Suas obras admiraveis nascem no esforço um pouco improvisado do homem que compõe dia a dia para as folhas que passam. As *Notas de um Estudante, a Colmeia, As Paginas de Estetica,* nascem assim: são trabalhos publicados em varios jornais do Rio. As *Curiosidades Verbais, a Lingua Nacional, o Goethe,* sem falar nesse inegualavel livro de sabedoria e de malicia classica, que é a *Floresta de exemplos,* são artigos que apareceram, em sua grande maioria, no *Jornal do Brasil*.

E — o que é mais para notar — o calor da improvisação não subtrae a esses trabalhos a graça, o encanto, a segurança, a profundeza. Em muitas dessas paginas escritas assim — escritas na mesa da secretaria da Academia Brasileira, no gabinete da Escola Dramatica, em meio á conversa e ao tumulto — ha um repouso, um amadurecimento de ideias, uma lapidação de frase, que são excepcionais.

Em seus artigos, vai João Ribeiro revelando grandes nomes da cultura universal, grandes doutrinas que triunfam lá fóra. Revela o nome de Einstein, o de Oswaldo Spengler, o de Keyserling, o de Vaihinger, o de Paulo Kammerer, tantos outros. Informa o leitor brasileiro acerca das graves renovações que os professores de Heidelberg, de Bonn, da Sorbonne, de Yale ou de Stanford tenham introduzido nas ciencias. As matematicas, a fisica, a quimica, ás vezes no que elas têm de mais impenetravel, êle examina-as, estuda-as,

diriamos que as tritura, em suas mãos de magico. E é reduzidas a alguma cousa facil que êle nos apresenta as grandes supostas verdades, que repousam por detraz do véu das teorias.

Essa curiosidade insaciavel, essa faculdade de comunicar ao leitor as idéias mais trancendentes, tudo isso deu a João Ribeiro direito a esse titulo, que é o mais belo dos titulos que lhe têm sido aplicados — o de *estudante eterno*.

E, contudo, na sua modestia, êle teimava em não crêr que a sua produtividade de jornalista tivesse realmente merito! Seus intimos muita vez o ouviram dizer, com aquela especie de misericordia que êle gostava de ter para comsigo mesmo:

— Em dez artigos, eu quero salvar apenas um... O resto é cousa que não presta para nada...

CAPITULO OITAVO

POLEMICAS

I

E' como jornalista que João Ribeiro vai exercer uma atividade que singularmente destôa da sua mansidão habitual; refiro-me á atividade de polemista. Suas primeiras vitimas parece terem sido os chamados *novos*. Ele não os poupa. Diverte-se, agredindo-os com satiras e perfidias.

E' pela mesma época que criva de setas o gramatico Castro Lopes, o famoso descobridor de etimologias. Caustica-lhe o genio inventivo e caprichoso. E, num dia de mau humor, traça-lhe o atestado de obito.

II

Essa mesma disposição de espirito vamos encontra-la na polemica travada com Pacheco

Junior, nas colunas da *Semana*, em 1887 Iniciara ali João Ribeiro a publicação das suas *Notas Filologicas*, com um artigo em que mostrava que as palavras de uso mais vulgar são as que mais facilmente se gastam. Nesse artigo, dizia êle: "Os espiritos anti-cientificos, que desprezam a observação, e se comprazem das construções *a priori*, consideram malavisadamente como erro as formas *mal-raio* e *mal-criação*. A fórma *mal*, ainda hoje vive no castelhano; é contrata do antigo adjetivo *malo* e é analoga á fórma *bel*, ainda usada na expressão *a bel prazer*".

Pacheco Junior, que tinha autoridade incontestada em assuntos de filologia, rebateu João Ribeiro. "Peço licença ao meu ilustre colega para já daqui me ir alistando no tal batalhão de boçais ou refratarios aos acrobatismos etimologicos". Sustenta que existe, desde as primeiras épocas da lingua, uma fórma adverbial de *mal* com o sentido de — apenas, não bem, imperfeitamente. Esta particula é ainda um elemento de derivação popular, e entrou na formação de *malcriado*, donde *malcriação*, etc.

A discussão acende-se. Os animos se encandescem...

João Ribeiro exalta-se: "Pacheco Junior é escritor e excelente humorista. Ama a discussão, mas não sem a cambalhota, o murro inglês, a epilepsia e a ginastica congenere. Entra na arena e logo espalha brasas, canta de galo, faz o diabo..." E adiante: "E' confuso. Comete simultaneamente a fonologia e a pilheria; cultiva com peregrino afeto a sintaxe e a anedota; e como a filologia foi sempre cuidado de frades, jamais separa a gramatica da *bernardice*".

A polemica torna-se apaixonada, e cada vez mais viva.

Pacheco Junior receia ter que romper pessoalmente com João Ribeiro, se prosseguir no debate. E delibera abandonar o campo: "Continuando a estima-lo, não mais virei á imprensa discutir com S. S.: — prefiro a amizade do Sr. João Ribeiro a essa vaidade a que chamamos fama".

Recolhendo em livro essa polemica, João Ribeiro confessa que fora exagerado. "Sinto agora que fui agressivo, diz-nos êle; mas não tenho já a *equação pessoal* minha nesse remoto momento; sabia que me estava prometida uma *sova filologica* no mesmo jornal em que escrevia. Outros elementos dos que se chamam *imponderaveis*, já estão perdidos para a minha memoria" (1).

(1) Essa polemica se encontra nos **Estudos filosóficos, Jacintho — 1902**

III

Mais aspera foi a polemica com Sylvio de Almeida.

Motivou-a a publicação das *Frases feitas*.

João Ribeiro e Sylvio de Almeida mantinham relações cortezes. Em São Paulo, onde residia, e em cuja imprensa colaborava, Sylvio escrevera palavras de louvor acerca de João Ribeiro.

Estavam as cousas nesse pé, quando o livro saiu. Desde então, Sylvio de Almeida iniciou a publicação de uma série de comentarios das *Frases feitas*. Muniu-se do material utilizado por João Ribeiro, e iniciou um minucioso exame de tudo. Um outro filologo, que existia em São Paulo, o Dr. O. Nobiling, era-lhe companheiro nessa miuda disquisição.

João Ribeiro — que, entretanto, modestamente, declarara, na primeira pagina do seu livro, que ali nada havia de doutrina rigida, pois fazia apenas *estudos conjecturais* — foi-se irritando com o tom e a insistencia dos artigos que chegavam de São Paulo.

E a resposta que deu foi rude e decisiva.

De inicio, êle que é gramatico, faz uma

pequena psicologia dos gramaticos. "Uma das cousas que se devem contar entre as menos agradaveis, Deus me perdôe, é a de sustentar polemica com os gramaticões de velho tipo, mormente se estão colericos e irados ou se se dão por ofendidos, em suas tolas vaidades.

Os homens que *faute de mieux* analisam Camões, revolvem participios, espulgam os *transitivos* e os *bi-transitivos*, formam uma casta realmente temerosa, e intratavel".

Estabelecia êle um ponto, que realmente é essencial para os que queiram compreender o seu espirito e o seu trabalho: isto é, estabelecia que os seus estudos não pertenciam á classe dos que legislam sobre o que *é correto* ou o que é *errado*. "Os meus estudos de linguagem são meramente *objetivos*. E' raro que me entregue a questões de saber o que é *melhor* ou o que não é *bom*".

Depois desse pequeno exordio, João Ribeiro dispôs-se a examinar aquêle que, em sua critica, êle batisou como *triste foliculario*. Incluiu Sylvio de Almeida, como etmologista, no mesmo grupo do velho Castro Lopes. E, no seu desdém, observa-lhe que meia duzia de livros dos mais triviais e alguns dicionarios não bastam para o estudo da historia da lingua...

Ele analiza frases e conceitos de Sylvio de Almeida. Seu divertimento é apanhar frioleiras, a exemplo desta: "*Joanete* — saliencia do pé, nada tem com o nome proprio João".

O *gramaturgo* (como lhe chama) é fecundo em frases de tal tipo. Mostra-as, numerosas, João Ribeiro. E vai acrescentando comentarios rudes: "Dirão que é de Calino ou de Simplicissimus". — "Parece um disparate morbido". — "Pode imaginar-se acaso maior parvoice?" — "São tão descabeladas estas sandices, que tenho até a suspeita de que os leitores não acreditem textuais". Etc.

Passa ao exame de certas etimologias propostas por Sylvio de Almeida. Rebate afirmativas, aponta confusões. Denuncia plagios, confrontando textos de Sylvio com textos de Cortesão. E acusa o adversario de viver "de careiar os dicionarios, apinhoando na mochila a migalha varia e numerosa de suas vitimas".

A polemica findou num tom azedo, de irritação e colera. Assim a encerra João Ribeiro:

"Apesar de tudo, não lhe atribuo indignidade alguma nessa complicada coincidencia.

O que lhe atribuo é a insignificancia de

seu proprio ser, ôco, esteril e nulo. E' a incapacidade propria que não tem outro remedio e refugio senão parasitar trabalhos alheios, esgaravunhar cousas conhecidas.

E' certo que nesse remendar de farrapos, é por compleição atrevido, ousado, tanto quanto é louvaminheiro e humilde quando busca atrair alianças e camaradagens.

Quer ser ouvido ou acatado como autoridade, senão...

Não o odeio, e nem sequer o desprezo. E' êle na minha filosofia uma consolação" (1).

IV

Quanto á discussão com Leite de Vasconcelos, foi o proprio João Ribeiro quem a provocou.

Publicara Leite de Vasconcelos as suas *Lições de filologia portuguêsa*. Ele não gostava do Brasil, e tinha lá as suas razões, por ventura acertadas, para esse sentimento.

O fato é que chegou a escrever que ha um seculo no Brasil não se fazia cousa alguma que prestasse. Foi isso o que despertou, no espirito de João Ribeiro, as furias da pole-

(1) **Fabordão**. Pags. 186 e segs.

mica. "O sentimento patriotico por vezes incita a atitudes malignas", dir-nos-á êle, mais tarde, explicando a atitude.

João Ribeiro não nega que o livro de Leite de Vasconcelos tenha os seus meritos. E' verdade que muita cousa ali lhe parece *inaceitavel, falsa, erronea,* ou *absurda*. E' verdade que encontra no filologo português, um estilo *hirsuto*. E' verdade que a linguagem tecnica da obra lhe parece cheia de *asperas rebarbas,* "toda entremeiada de sinais algebricos (vicio alemão de escritores menores, mas muito generalizado entre os seus discipulos e imitadores latinos)".

E passa á analise dos erros que encontra no livro do autor português.

O primeiro desses erros ocorre na interpretação de um velho documento da lingua arcaica: o *testamento de Affonso II*. Ocorre no texto: "Ssi no tempo de mia morte meu filio ou mia filia que *deiver a reinar* nõ ouver revora (maior idade)..." etc.

Leite de Vasconcelos acha que aquêle *deiver* está por *devier,* futuro de *devir* (latim *devenire*) analogo ao francês *devenir.*

João Ribeiro protesta. Sustenta que é errado e absolutamente inexato que tivesse havido o verbo *devir* na literatura arcaica. Aquêle *deiver* parece-lhe ser *dever*. E aponta nos cancioneiros a documentação da sintaxe *dever a reinar*.

Leite de Vasconcelos aceitou a emenda, e corrigiu o livro.

João Ribeiro apontou outros deslises do sabio filologo. O verbo *soltem,* que ocorre no *testamento,* Leite de Vasconcelos cria que era igual a *separem*. O nosso patricio evidenciou que não era.

A expressão *por guisado* tambem foi objéto de discussão. Dava-a Leite de Vasconcelos como significando "conforme se tiver por conveniente e justo". Mostrou João Ribeiro o inutil dessa prolixidade. E ajuntou: "*Por guisado,* significa por ordem, qualidade ou gerarquia de pessoas".

Emendou ainda um erro de Leite de Vasconcelos, na contagem dos dias no citado documento.

Esse artigo foi publicado primeiramente na *Revista da Academia Brasileira,* Abril de 1912. João Ribeiro tirou-o em *separata*. Posteriormente, nas *Curiosidades Verbais,* tornou a publica-lo, fazendo-o acompanhar de uma nota final, em que concluia com palavras de simpatia para o antagonista. "Acabaremos amigos, espero em Deus" — dizia, com bom humor,

V

A polemica com Carlos de Laet foi terrivel.

Foi em 1913 que João Ribeiro teve a ideia, certamente infeliz, de publicar, no *Imparcial*, um *sotisier* de nossos escritores. Logo no primeiro numero, incluiu o nome de Virgilio Mello Franco, pai de Affonso Arinos, o de Mathias de Carvalho e o de Oscar Leal. A idéia irritou a Carlos de Laet, fosse porque não a tivesse tido êle proprio, antes, fosse porque achasse fracos os trechos incluidos na caprichosa antologia. Talvez — e isso me parece o mais certo — Laet já andaria com as suas ganas de ir á gorja do confrade.

E' certo que Carlos de Laet e João Ribeiro sempre estiveram de bôas avenças. Em certa ocasião, Laet chamara ao confrade *Brachet*. Correndo, embora, o risco de desagradar a Hemeterio dos Santos e a Alfredo Gomes, êle propunha, na congregação do Pedro II, as gramaticas de João Ribeiro. — Tudo isso era verdade. Mas nada disso importava...

Laet responde, pois, á *antologia das tolices*: e, num artigo ferino do *Paiz*, faz o feitiço virar contra o feiticeiro: inicia um *sotisier* do proprio João Ribeiro! Erros de sintaxe e construção, êle os aponta na tese de concurso do colega. Esmiuça-lhe o livro das *Frases feitas*, fazendo a defesa do filologo Despauterio, ou Van Pauteren, e corrigindo erros de historia natural, que esfarinhou no volume.

João Ribeiro retrucou pelo *Imparcial*.

Laet abriu as baterias tambem no *Jornal do Brasil*. O velho duelista da imprensa, que esgrimira com Camilo Castelo Branco, não esquece nenhuma de suas armas. Maneja a ironia e o sarcasmo; faz a perfidia e o epigrama. João Ribeiro passa pelas forcas caudinas de todas as malicias e de todas as satiras desse humorista implacavel.

Num dos seus artigos, Laet diz, por exemplo: "Minha primeira *asnidade* (o sujeito só usa de termos assim: vê asnos em toda a parte; efeito catoptrico; dir-se-ia que mora em palacio de espelhos) minha primeira *asnidade* teria consistido em supôr..." etc. (1).

No mesmo artigo: "Como plagiario, João Fernandes não é de todo máo. Tem mesmo conseguido iludir muita gente".

Em um artigo do *Paiz*: "Aludindo ao Candido Lusitano disse uma vez Bocage: — Que pena haver este homem aprendido o latim!

(1) **Jornal do Brasil** — 16-12-1913.

Perdeu-se nêle um excelente tolo... — No João Fernandes Ribeiro nada se perdeu".

Em outro artigo êle exclama: "Como é bronco este bacharel! E que felicidade só lhe ter dado para etimologista! Que desgraça se nas mãos tivera a liberdade ou fortuna dos outros!"

E, de envolta com essas diatribes, Laet não esquecia novos e terriveis golpes. Aludia a todos os momentos aos quináos que passara em João Ribeiro e que o tinham levado a fazer emendas em seus livros didaticos... Aludia a um acidente de rua em que João Ribeiro ferira um dos olhos... Batisou-lhe com o nome de *Forrobodó* o *Fabordão*...

E João Ribeiro — como respondia êle a esse diluvio de maldades e doestos?

Respondia no mesmo tom, não tenhais duvida. Apontava, por sua vez, os deslises, os erros, as tolices do confrade...

Diz êle, por exemplo: "Os frades bernardos conheciam já essa hermeneutica e quadrupedavam nesse mesmo ritmo". Refere-se aos *antolhos asininos* das lunetas do contraditor. E assim encerra um dos seus artigos: "Não sei o que me assombra mais, se o seu topete ou se a sua falta de espirito. A *jararaca desdentada*, como lhe chama um dos mestres do jornalismo, só tem de fato um merito verdadeiro: é o de sua peçonha. A peçonha é inocua, por que já não tem canais por onde extravase. Recolheu para os miolos, onde está a bailar com as suas toxinas tetanicas. Mas é uma essencia util para desabafar odios velhos e talvez invejas sopitadas".

Era natural que acontecesse o que acabou acontecendo. Na pugna, em que se sentia pouco dextro, João Ribeiro cançou primeiro do que Carlos de Laet, que já vinha de uma série tormentosa e violenta de polemicas. E é João Ribeiro quem delibera dar como encerrada a discussão. Procurado por um redator da *Hora*, êle confessa a resolução que acaba de tomar. E, referindo-se a Carlos de Laet, assim se exprime: "Ele é, na cidade, uma instituição essencial, uma especie de *cloaca maxima*, que está sempre a tossir podridões, que, de outro modo, empestariam o ambiente. As aglomerações humanas necessitam essas valvulas, para onde acorrem as pequenas e infinitas malquerenças esparsas. que acham enfim o seu alveo proprio. Se não houvesse o Laet, sera preciso inventa-lo, para bem de todos".

A aspera contenda terminou. Cessou o combate de Heitor e Achilles... O tempo, que tudo faz, cicatrizou as feridas aos luta-

dores. Carlos de Laet e João Ribeiro encontraram-se, fraternais, na comissão do Dicionario Brasileiro da Academia de Letras. Ali trabalharam, na obra comum, com entusiasmo e com sinceridade. Quando Laet morreu João Ribeiro evocou, em palavras comovidas, a figura do seu antigo adversario, a figura do seu velho e recente amigo.

VI

Cabe-me aqui lembrar que certos incidentes dessa polemica ficaram guardados para sempre no espirito de João Ribeiro. Ele divertia-se, lembrando certas perfidias do adversario: o nome de *Forrobodó* atribuido ao seu livro *Fabordão*; o seu proprio nome alterado para João Fernandes...

Essa derradeira malicia era particularmente grata ao seu coração modesto e não cheio de ironia. Durante a vida inteira, êle não fez outra cousa, senão considerar-se um João Fernandes.

Ninguem se julgou, jamais, com maior desencanto do que êle. Em uma carta a Graça Aranha, êle dizia, em 1900: "Neste mez, entro nos meus quarenta anos como um animal macrobio e inutil. Tenho pavor ao fazer esse retrospecto da vida, de que se salvam

apenas alguns versos dispensaveis e uma facecia didatica que o meu povo tomou a sério".

Facecia didatica... Isso será maneira de tratar a mais clara, a mais facil, a mais perfeita das gramaticas que existem em lingua portuguêsa?...

Já velho, na recordação dos tempos veementes em que trocava desaforos com Laet, João Ribeiro volta á sua velha ternura ironica pelo pobre João Fernandes: ouçamo-lo em uma explicação piedosa...

"Chamo-me (pouca gente o sabe) João Baptista Ribeiro de Andrada Fernandes, nome tamanho para tão curto individuo.

Ainda moço, cortei o Andrada, pois que o Ribeiro de Andrada, por auspicioso que fosse, podia parecer um apelido fraudulento.

Cortei o Fernandes, para evitar o João Fernandes, que se opõe a Cesar nos proverbios.

E fiquei João Ribeiro e talvez fosse melhor ficar João Baptista.

Zanguei-me com o *Baptista*, porque um padre, professor de latim, costumava apodar-me:

— João Baptista, abaixe a crista!

E não só a abaixei, cortei-a de vez.

Sou, pois, um mutilado, graças a essas anatomias remotas. Podia ser peor" (1).

VII

Tambem com Soldonio Leite teve João Ribeiro uma pequena discussão. Foi isso motivado pela divergencia em que se colocavam os dois eruditos com referencia á *Arte de Furtar*.

Escrevera João Ribeiro, em 1906, um estudo critico acerca dessa obra e seu provavel autor. Com a aplicação de um rigoroso metodo de analise, chegara a destruir varias das hipoteses que deparou. Assim, evidenciou que a atribuição a Frei Diogo de Almeida *é embuste irritante*; a atribuição a João Pinto Ribeiro ou a Duarte Ribeiro de Macedo, pela propria mediocridade desses escritores, não tem nenhum fundamento; a atribuição ao padre Vieira *não argue muita solidez e é hoje insustentavel*. A conclusão para êle é que a *Arte de furtar* foi escrita por Thomé da Veiga.

Tal era a sua convicção; e essa convicção foi fortalecida, em muito, pela publicação ulterior da *Fastigimia*, o celebre livro de Thomé da Veiga, até então manuscrito.

(1) **Jornal do Brasil** — 20-6-1928.

Ora, em 1917, Solidonio Leite publica, no *Jornal do Comercio*, alguns artigos sobre a autoria da *Arte de Furtar*, artigos que recolhe depois em livro.

Eram ensaios, certamente penetrados de minuciosa erudição, mas chegando a uma conclusão inteiramente diversa da hipotese que João Ribeiro sustentava, bem como de todas as demais hipoteses até então propostas. Sustentava Solidonio que a *Arte de Furtar* é da autoria de Souza de Macedo. Essa conclusão assombrou João Ribeiro, que nunca vira no autor de *Ulissipo* e de *Eva e ave* senão um escritor de terceira ordem. Tudo o que Souza de Macedo produziu, diz êle, é da peior especie — e é tudo escrito "em lingua mascavada, mais ou menos portuguêsa, quando escrevia castelhano". Como pois atribuir, sem transparente dislate, a esse "Souza de Macedo membrudo e pernostico", um livro tão gracioso e tão fino?

Essa foi a posição que tomaram os dois criticos na polemica. Resta dizer que Solidonio Leite revelou a grande superioridade de sua alma, ao recolher, em seu livro, o artigo de João Ribeiro, em que a hipotese de Souza de Macedo ficava tão definitivamente aniquilada.

VIII

A polemica com Antonio Salles teve como centro Machado de Assis.

Acerca do livro de Alfredo Pujol (*Machado de Assis — Curso literario* — São Paulo) João Ribeiro publicou, em sua coluna do *Imparcial*, um estudo. E' uma das paginas mais penetrantes que êle escreveu. Teve ali a malicia alegre de um fauno que se divertisse.

O retrato, que êle traça do autor de *Dom Casmurro* tem recortes estupendos. Ouçamos alguns de seus trechos:

"Para êle, o homem era máu, perfido, mentiroso e canalha, exceto os que não são de todo tais. Deviamos aceitar um canalhismo razoavel como expressão autentica da humanidade...

"O que o distingue em tudo isto, apesar da sua delicadeza aparente e da sua elegancia e gentileza pessoal, é o profundo escarneo pela sociedade. Todas as suas guerras são as de um cuntactor. Contemporiza com a maldade.

"A sua insensibilidade pela dôr humana é absoluta; o seu egoismo é sem limites.

"O interesse de Machado de Assis pelas naturezas fracas, espontaneas e imbeles, é inteiramente falso. Nunca o teve.

"No sentido da caridade êle é um anticristão.

"O que êle quasi aconselha ou pelo menos admira nos pobres ou nos infelizes é a perfidia ou as pequenas canalhices da desforra..."

. . . . . .

"E o seu egoismo não era uma apropriação: nada queria para si e nada tirava do seu ambiente proximo. Em compensação, nada queria perder da sua inteiriça personalidade. Era como um vidro, desses que acharam no fundo das piramides, fragil, mas capaz de atravessar seculos egipcios, sem oxidação, intacto, sem nada conceder e nada aproveitar. Fraco e intacto como o vidro".

"O entusiasmo era para êle mais repugnante que o crime. Ele podia assinar esta sentença de Becque: "Honra aos homens de bem! pois que estes pelo menos não são tão canalhas como os outros!"

. . . . . .

"Cetico até á medula dos ossos, sabia compor-se admiravelmente como um genio, que êle o era em todas as cousas.

"São intimamente dêle as duras frases que recolho do estudo de Pujol: "Suporta-se com paciencia a colera do proximo". E como êle era homem de só deixar a alma subir até os dentes, sem deixa-la sair de todo, eu creio que bem podia corrigir: **Suporta-se com alegria...**

"Eu disse que êle sabia compor-se e ti-

> nha a arte das conveniencias e das meias palavras. "A estima que passa de chapéo na cabeça não diz nada á alma; mas a indiferença que corteja deixa-lhe uma deleitosa impressão". Como é profundamente imoral!"

Imoral, seria, sem duvida. Mas era isso exatamente o que João Ribeiro amava em Machado de Assis. Ele amava aquela imoralidade, que não parecia ser imoralidade. Amava aquela arte de não fixar as imagens pecaminosas, de apenas deixar entrever a volupia e a concupiscencia; e de, deixando apenas entreve-las, tornar esses abismos muito mais profundos do que os abismos que pintam os teologos asperamente virtuosos... E, de certo, se João Ribeiro tivesse que escolher o melhor dos contos escritos na lingua portuguêsa, o seu sufragio iria para *Uns braços*, ou, melhor, ainda, para a *Missa do Galo*.

Pelo seu lado, deixou êle amostras magistrais dessa arte capciosa de se deleitar na sensualidade discreta e na imoralidade conveniente. Demonstra-o a *Floresta de Exemplos*.

Tal era o retrato moral que João Ribeiro recortava de Machado de Assis.

Ele não negava, entretanto, a sua admiração ilimitada pelo romancista. "Pobre, sem recursos, sem familia ou sem amigos ou protetores, Machado de Assis, quasi só, e sem acotovelar a multidão, abriu o seu caminho de gloria, até alcançar o primeiro posto..." A vitoria de Machado de Assis, êle proclama-a "luminosa e esplendida como a eternidade". Proclama-o "o mais completo, e, sobretudo, o mais perfeito dos nossos artistas". Enfim, afirma categoricamente que Machado de Assis é um genio... — A admiração, nesse homem tão pouco dado a entusiasmos, não podia ser maior.

Mas o Sr. Antonio Sales não gostou que João Ribeiro tivesse falado na *imoralidade* do romancista de *Helena*. E, ainda cheio do velho carinho, que, nos dias da *Revista Brasileira*, tributara ao mestre, escreveu um artigo, evocando-lhe a bondade, a doçura, a pureza da vida. "Quanto á imoralidade de Machado de Assis — horripila-me esse termo ligado ao seu nome — tambem posso atestar que o mestre era um homem pudico em todas as suas conversas, como o foi em todas as suas obras". "Toda a gente sabe que a vida de Machado de Assis foi purissima, quer como homem publico quer como particular... Ele era profundamente bom, e sua ironia de de-

sabusado não era mais que um reflexo de sua piedade magoada pelas desilusões da vida".

Os trechos citados bastarão para marcar os pontos opostos em que se colocavam, com referencia a Machado de Assis, os dois escritores.

Antonio Sales conservou do romancista uma visão poetica, e, por assim dizer, juvenil. A distancia e a saudade atenuam as arestas. Longe do mestre no tempo e no espaço, êle passou a vê-lo numa especie de poetisação lunar: e criou um Machado de Assis novo, de linhas certamente arbitrarias, isento de maldade, de perfidia e de egoismo, um Machado de Assis sem imperfeições. João Ribeiro, porém, guardou do romancista uma impressão diferente: a do homem duramente metido comsigo mesmo, a do introvertido, a do melancolico, a do misantropo. O Machado de Assis de Antonio Sales é o autor de algumas poesias da adolescencia: é o cantor suave da *Menina e Moça,* o namorado lirico de Corina. O Machado de Assis de João Ribeiro é o autor desabusado de *Quincas Borba,* é o criador do *professor de Melancolia,* é o triste, o amargo, o doloroso marido de Capitú.

Seriam ambos verdadeiros. Mas é inegavel que o Machado de Assis de João Ribeiro nos interessa muito mais do que o Machado de Assis de Antonio Sales. Ele quasi tem, no seu fácies, a prodigiosa, e atormentada, e, ainda assim, bela, monstruosidade de Pándora, no delirio de Braz Cubas.

Posteriormente, nas *Cartas devolvidas,* João Ribeiro aludiu a essa discussão. E teve ocasião de retificar um ou outro episodio, que o Sr. Antonio Sales narrava nos seus artigos de *Reminiscencias*.

Um desses episodios era o seguinte. — Contava o Sr. Antonio Sales que, em certo lugar, chegando a hora da sessão academica, Machado de Assis dissera a João Ribeiro: — "Vamos, discipulo amado!" "Esse qualificativo dava-o Machado de Assis por causa do nome de João, discipulo amado de Jesus. Mas João Ribeiro não entendeu a cousa assim, e, num tom irritado, retorquiu: — "Eu não sou discipulo de ninguem".

Comentando a pagina, diz João Ribeiro: "Esta anedota parece-me hoje inverosimil. Mas deve ser verdadeira por uma unica razão, e é que préso em Antonio Sales um homem amigo da verdade e incapaz de mentir ou de inventar uma anedota de tal quilate. Tenho dito muitas tolices e cometido necedades que envergonhariam ao mais tonto de to-

dos os homens. Mas, nunca pratiquei ato de tão grande estupidez como aquêle. Só posso explica-lo por uma obnubilação mental..."

IX

Resta-me falar acerca do incidente de João Ribeiro com os amigos de Osorio Duque Estrada. — Por ocasião da morte de Osorio, foi João Ribeiro escolhido pela direção do *Jornal do Brasil* para exercer ali a critica literaria. Seu primeiro artigo foi em parte alusivo ao seu antecessor. Eis o trecho em que êle se referia a Osorio Duque Estrada:

> "E ainda ha, para agravar a minha situação, a circunstancia infeliz de suceder, neste posto, a Osorio Duque Estrada, o conhecido autor do **Registro**, que de si mesmo aceitara jovialmente o ingrato oficio e a categoria que, por desdem, lhe deram os maliciosos de — guarda noturno — da linportuguêsa.
>
> Não. Não aceitarei essa espinhosa tarefa, que se me afigura suplementar, extranumeraria e mesmo **ex-officio**.
>
> O critico deve reparar nas questões da linguagem, como entre nós faziam José Verissimo, Sylvio Romero e Araripe, grandes mestres do outro tempo, que possuiam o equilibrio, poucas vezes perturbado, pelos reflexos inevitaveis do ambiente.

Osorio fez desses reflexos a luz principal. Contava as virgulas, tomava á unha qualquer letra para examinar se estava em ordem e, ousadamente, mais do que lhe cabia, enveredava pela sintaxe e pelas questões de estilo, que nêle deixavam muito a desejar.

Comtudo, na sua critica de minucias e bagatelas, tinha, por vezes, achados felizes e acertos maravilhosos. Por mim mesmo experimentei a sua ferula aspera e pontosa, e confesso que tirei muito proveito.

A critica de Osorio Duque Estrada era a de emendar os autores e a de saber se êles sabiam, á maneira de mestre de exames, com a autoridade que lhe davam as **bolas pretas** do julgamento final.

Era, assim, temido, senão respeitado, e, as mais das vezes, evitado por toda gente.

Homem teimoso, tenaz e irredutivel, realizava o tipo completo do sujeito **unius libri**. As suas regrinhas, os seus quatro elementos, um pouco antiquados, estavam acima de tudo.

Assim, em parte pelo menos, explicam-se as injustiças, certamente involuntarias, que resultavam do proprio feitio da sua educação mental.

A isso deve ajuntar-se o seu temperamento de misoneista sempre armado de ponto em branco contra todas as novidades e rebeldias da gente nova.

Foi essa, ao meu parecer, a sua maior falha na critica. Entendo que a critica deve

acompanhar todos os movimentos da inteligencia com inteira simpatia. Fazer **fincapés** numa escola ou numa doutrina, para malsinar, sem exame, todas as outras, e, mormente, as novas, que ainda esperam a sanção do juizo publico, é cometer um dos mais graves anacronismos profissionais.

Ninguem, de certo, é obrigado a ser ecletico nem ser neutro em cousa alguma. O critico, porém, deve estar continuamente advertido e preparado para aceitar, **cum grano salis,** as correntes da literatura contemporanea e a terra incognita, certo de que elas fertilizam mais do que inundam as terras conhecidas.

O **misoneismo** era o defeito maximo da critica de Osorio Duque Estrada. Pouco importa que êle praticasse o metodo retorico, nem sempre inutil, ao escoimar os textos de erros ou incoerencias dos autores. O que desagradava á nova geração, que acabou abandonando-o, era a sua atitude contraria ao espirito dos homens novos.

Já se vê, dessas linhas preliminares, que aceito a sucessão do **Registro,** com intuição diferente do saudoso critico, lamentando não ter, como êle, a constancia e a intrepidez com que sustentava e defendia as opiniões proprias.

Confesso não ter nenhuma, exclusiva, em literatura, e posso tomar como lema o verso de um velho poeta:

Tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux".

Amigos de Osorio acharam rude o tom do artigo, e contra êle protestaram. João Ribeiro replicou, lastimando não ter sentido o que chamava *piedade tardia*, que, no seu caso, seria uma mistificação e falsidade perante a sua consciencia. E acrescentava:

> "Não respondo, pois, ás arguições de dois homens de letras, amigos saudosos do critico, os Srs. Alvaro Moreyra e Povina Cavalcanti. Pesa-me have-los ofendido; respeito a opinião dêles como igualmente sincera, e nada tenho a dizer acerca da impressão que ambos têm da minha mofina personalidade literaria. Nunca, em tempo algum, objetei ou me opuz a qualquer impressão que eu possa ter produzido sobre os meus contemporaneos. Creio que devo acatar a liberdade de pensar de amigos e inimigos, admitindo por antecipação a sinceridade de todos êles, e a minha" (1).

Outras arguições foram-lhe feitas, na mesma ocasião. Diziam, por exemplo, ser cousa de espantar que alguem dissesse de Osorio, depois de morto, o que não ousara dizer enquanto êle vivia.

Ora, essa observação era perfeitamente injusta. João Ribeiro nunca temeu as violencias de Osorio. E entre varios artigos seus,

(1) **Jornal do Brasil,** 13 de março de 1927.

que o demonstram, quero citar aquêle que saiu na *Revista Nacional* de São Paulo (n. 12, correspondente a Dezembro de 1923). Tem esse artigo o titulo de *Rixas gramaticais*, e não é senão uma defesa de Mario Barreto, José Oiticica e Antenor Nascentes, contra as desencadeadas iras osorianas.

Incumbira a Casa Garnier a cada um desses escritores fazer a tradução de uma obra notavel da cultura francesa. Feitas as traduções e publicados os livros, Osorio atacou os trabalhos com acrimonia. E' então que João Ribeiro surge, espontaneamente, para dizer algumas verdades... Eis como êle trata Osorio Duque Estrada:

> "O critico é o Senhor Osorio Duque Estrada, que, no seu **Registro literario**, não deixa passar camarão por malha, principalmente quando enfrenta qualquer dos nossos filologos de maior ou menor fama.
>
> Cumpre dizer que Osorio Duque Estrada não poupa os escritores de outra especie, literatos noveis ou incipientes, no serviço que chama — **policial** — do respeito que se deve á bôa linguagem.
>
> E' infatigavel o censor.
>
> E' bom não esquecer que é tambem autor de uma gramatica mediocre e mesmo insignificante, pecado antigo de que a todos os momentos se penitencia. E em outras obras suas os deslizes de linguagem que censura agora são frequentissimos.
>
> E', pois, um pecador confesso; e como é o primeiro a não ocultar as faltas proprias, essa sincera ingenuidade pelo menos contribue para fortalecer um pouco a autoridade atual do censor.
>
> Um dos seus defeitos, evidentissimos ao primeiro exame, é que não tem grande conhecimento dos classicos, arrisco-me até a dizer que nem mesmo versa os escritores antigos, a não ser por desfastio excepcional. O seu cabedal de conhecimentos gramaticais limita-se á lingua contemporanea; é um — **logico** — que arrazôa sobre os principios da disciplina sintática de hoje, discute com proficiencia as questões de concordancia, de regimens, de topologia pronominal, com certo exclusivismo, mas com segurança, nos seus **pontos de vista** adotados e tidos ao seu parecer por inflexiveis e inviolaveis.
>
> Não admite duas maneiras de ver as cousas e declara imediatamente erronea e condenavel qualquer construção que não é a que êle prefere ou conhece; taxa de galicismo qualquer vocabulo incerto (e são tantos) que lembre os da lingua irmã, tão intensamente odiada. Os galicismos de sua lavra **não contam**.
>
> Assim, pois, estão riscados da lingua e da gramatica o indefinido **um** ou o possessivo **seu** por descabidos e afrancesados. Claro está que essa mutilação é absurda, por

excessiva, e o proprio censor está a toda hora demonstrando a sem razão dos seus rigores".

Aí está o juizo que, em vida do atrabiliario critico, ouzava expender João Ribeiro. Evidentemente, o homem que assina essa pagina sobre um outro não receia as agressões da resposta... Evidentemente, tambem, o escritor que assim se pronuncía sobre um vivo tem direito de continuar a pensar da mesma forma sobre um morto...

CAPITULO NONO

IDEIAS POLITICAS

I

Quais as ideias politicas de João Ribeiro?

Eis um dos exames mais dificeis de fazermos, nesse espirito mobil e ondulante.

Tanto quanto posso alcançar, João Ribeiro é, na mocidade, partidario da aristocracia. Ele não crê no povo, nem acredita no sufragio universal. Para êle, a democracia não passa de um sonho de lunaticos.

Seus artigos sobre *Democracia e Socialismo*, publicados em 1898, na *Revista Brasileira*, formam a mais curiosa das monografias anti-republicanas e anti-democraticas, ainda publicadas no Brasil.

João Ribeiro viajou a Alemanha, apaixonou-se pela vida, o pensamento, as instituições do grande Imperio. Seu espirito fez-se o éco das ideias germanicas.

Prof. Dr. Antonio Dolcemeo Neto
R. G. 1.188.532

Para êle, a esse tempo, dizer *Democracia*, dizer *Republica*, é aludir a um regimen propicio ao florescimento de todas as mediocridades. Só as *elites* têm o privilegio do genio... "A difusão das ideias filosoficas, o senso das opiniões cientificas, o esplendor aristocratico da arte, são inimigos irreconciliaveis da Republica". Não lhe parece facil conceber que o ideal da Democracia venha a aliar-se com uma grande saude do espirito. "Democrata experimental *post-factum*, não crêem (os alemães) que haja um só que seja de espirito são. Eles não acreditam na sinceridade dos democratas, senão nos da classe dos idealistas, isto é, daquêles que engenharam o seu sistema *a priori* e a todo o momento o defendem como um *desideratum*. Esses idealistas são os que pensam que Sirius é superior ao sol. "E' possivel, diz Strauss, que Sirius seja melhor do que o nosso sol; mas em verdade eu prefiro o sol; é êle, e não Sirius, quem amadurece as nossas searas".

Essa tendencia a só conceber os governos exercidos pelas *elites*, levou-o a amargas decepções, ao ser proclamada a Republica no Brasil. Ele não compreende, nem quer compreender, a sua patria sem o Imperio. Em carta a Graça Aranha, datada de Janeiro de 1900, declara que não pode separar as

duas ideias; e acrescenta que, se se vir forçado a deixar de crer numa, deixará de crer na outra. Pensa em exilar-se da patria, que o mau destino transformou numa democracia... "Sabes que não gosto do atual Brasil. O unico laço que me prende a êle é o Imperador; porque não posso separar a minha patria do Imperio. Cessando de crer num dêles, cessarei de crêr no outro. E quando isso eu verificar, emigrarei com os meus deuses, não sei para onde, a Deus misericordia. E' o que devem fazer os vencidos, se escapam ao massacre triunfante"...

Inimigo da Republica como tese — êle a odeia particularmente como realidade no Brasil... A nova organização, que o país adotou, parece-lhe ter vicios profundos. "A Republica representa o gráo de mestiçamento das nossas raças elementares. O Brasil colonial era excessivamente branco. A Republica é, digamos sem amargor, é a civilização parda".

II

Ele discute a revogação do decreto que baniu a familia imperial. Quer o regresso imediato de D. Pedro II para o Brasil. Pa-

rece-lhe que o inconveniente que os republicanos atribuem á volta do Imperador está em que D. Pedro poderá vir a ser eleito presidente da Republica. "Mas que tem isso? E porque não?" E João Ribeiro prevê o caso de chegarmos, no Brasil, a uma situação corrompida e corruptora, em que todo o programa civico se resuma nesta palavra — *honestidade*. Então, é bem certo que muita gente levaria ás urnas o nome do velho ex-imperante...

Por que essa opinião de João Ribeiro? Certo, êlle não acreditava na eficacia e no valor dos regimens politicos. Sua filosofia, inclinada ao desencanto, poupava-lhe as ilusões perfidas. Por outro lado, êle não tinha grande admiração pessoal por D. Pedro II, cujo retrato mais de uma vez traçou com secreta malicia. No artigo acima citado assim se refere êle ao Imperador: "Eu não simpatisava com D. Pedro II, porque, embora lhe reconhecesse varias virtudes e certo saber, sempre o conheci pedante, literalmente pedante, mas de um pedantismo enciclopedico e imensuravel. Ele metia o bico em tudo e pouco se lhe importava de dizer parvidades, a sangue frio. Ele tinha a calma, a serenidade colossal da tolice. Fazia versos pulhas, deixava que os publicassem, e só resgatava os

seus crimes astronomicos-poligloticos-fisicos-quimicos, por uma soneca invariavel, que era bem o farto, o socegado repouso de um justo".

III

Claras são, como vimos, as confissões do monarquista.

Mas João Ribeiro multiplica-se em contradições. E aqui encontrarei uma delas.

Relata o Sr. Rodrigo Octavio, no seu livro *Minhas memorias dos outros,* que, em data de 5 de Maio de 1894, foi enviado á Camara dos Deputados um requerimento, assinado por Lucio de Mendonça, Manoel Timoteo da Costa, Raul Pompéia, Rodrigo Octavio e João Ribeiro. Era esse requerimento uma solene declaração anti-monarquica. Propugnava a retirada da estatua de D. Pedro I da praça Tiradentes, para que fosse ali colocada a estatua do proto-martir.

Redigida por Lucio de Mendonça, a pagina traía aquêle ardor de enfase e combate, que a todos os seus escritos sabia imprimir o poeta republicano.

Nesse documento, Pedro I era chamado de *pretenso autor da independencia do Brasil*. Dêle se diziam estas palavras: "O estrangeiro, glorificado por aquela estatua, não foi o autor de nossa independencia, politica: êle

a vendeu ao Brasil por preço certo e elevado — dois milhões de libras esterlinas, e mais o onus de termos como imperadores os descendentes da casa de Bragança, quando é indubitavel que o civismo de nossos avós teria em pouco tempo conquistado a nossa emancipação da metropole e fundado nesta terra da America o governo adequado que só sessenta e sete anos depois a republica veio implantar.

"Desde então que significa essa estatua? Uma homenagem de gratidão ao fundador da monarquia. Não podemos ser nós, a geração de 15 de Novembro de 1889, quem tal gratidão afirme; nem se compreende semelhante monumento, que tem e não pode deixar de ter aquela significação politica, erigido na praça publica, de uma capital de nação republicana".

Eis aí palavras severas, que parecem denotar uma grande solidez de convicções.

Como João Ribeiro, que as subscreveu, podia, um lustro depois, fazer a Graça Aranha a clara confidencia monarquista que acima transcrevi?

Convem que não nos deixemos enredar nesses tecidos de contradições, que achamos em João Ribeiro. Nabuco dizia dêle, com alguma malicia, que as suas opiniões eram *estados de espirito*. E o proprio João Ribeiro

soube precisamente definir-se um dia, ao se classificar como a *estatua da inconstancia...*

IV

E' facil explicar essa oscilação de João Ribeiro, na sua preferencia ora pela Republica, ora pela Monarquia.

Primeiramente, êle acreditava que só o regimen da centralização da Monarquia poderia manter a unidade nacional e desenvolver o progresso no Brasil. E receiava que o esfacelamento do país viesse a ser a consequencia do novo regimen politico. Para a sua crença monarquica contribuia tambem essa tendencia profunda a respeitar as autoridades constituidas, tendencia que sempre existiu no substrato do espirito desse singular revolucionario das ideias.

Mais tarde, passadas as possibilidades de uma restauração do Imperio, e verificando que a Republica não prejudicava o Brasil em sua unidade inconsutil, João Ribeiro será republicano, com igual entusiasmo. E' assim que, em artigo de 17 de Maio de 1933, (*Registro Literario*) êle se expressa: "A Republica Federativa é já inextirpavel. Viveu e viverá incolume, quaisquer que sejam as tentativas de destruição que experimente. O Brasil é necessariamente, pela extensão e diversidade

de territorio, um país de federação mais ou menos extremada".

V

Esse amor á Republica, esse amor á ordem estavel, explica a inquietação com que João Ribeiro assistiu aos varios movimentos revolucionarios que se processaram, desde 1922, em nosso país. E' esse amor á paz e á liberdade dentro da ordem que o leva a apelar para o exercito, como para "a espinha dorsal que mantem a coordenação do nosso organismo", entregando aos militares a missão grandiosa e, entre todas, patriotica, de zelar pela unidade da patria. Mas, contemplador avisado da historia, João Ribeiro sente os perigos que nos cercam de todos os lados. "Essa admiravel neutralidade (a do Exercito) pode todavia enfraquecer; e aí está o perigo".

Outro perigo parece-lhe haver, ainda, com referencia ao Exercito. "Temos como cousa certa que só o Exercito tem assegurado a ordem, e, senão a ordem, pelo menos o equilibrio. Mas o Exercito diréta ou indiretamente pode só produzir a ditadura" (1).

Uma de suas convicções basicas torna-se, então, o terror ao militarismo.

(1) Jornal do Brasil, 20-5-1931.

Ele chega a fazer uma pequena campanha de jornal contra o serviço militar, serviço que sempre se lhe antolhou uma das mais tristes obrigações dos nossos patriotas. Aponta no serviço militar obrigatorio uma das causas da grande catastrofe de 1914. E faz uma separação nitida entre o que seja servir militarmente á patria e ter o sentimento de patriotismo.

A campanha militarista, que Olavo Bilac promoveu nos ultimos anos de sua vida, João Ribeiro nunca chegou a compreende-la bem. Num dos seus artigos sobre o assunto, êle diz que, por aquela época, ao encontrar o poeta, sentia vontade de dizer-lhe:

— Por favor! Volte para lá o cano da pistola!

Mas é sabido que a voz dos filosofos não orienta os povos, e a voz de João Ribeiro não foi ouvida no Brasil.

VI

Dessa meditação de que a força dispõe á violencia, desse receio de que o predominio das classes armadas só possa conduzir aos regimens de ditadura, vem a João Ribeiro a veneração pela autoridade pacificamente constituida. E êle faz a diferença das duas enti-

dades: — "O poder não é precisamente a autoridade: áquêle obedecemos de grado ou de força, como é o caso atual; áquela a obediencia só é possivel quando emanada do reconhecimento de que a lei é a expressão do direito e da justiça" (1).

VII

Mais do que seria de esperar de sua organização profundamente filosofica, João Ribeiro recebe as influencias das agitações politicas que se vão produzindo no Brasil. Para os jornais em que colabora, escreve artigos em que as suas ideias transparecem.

Não crê — e cem vezes o afirma — não crê no sufragio universal. Considera-o uma pilheria tão formidavel quanto o vicio nacional do *engrossamento* politico. Todas as eleições são más, doutrina êle, e nenhuma corresponde á verdadeira justiça.

O voto parece-lhe o mais improprio dos processos de seleção dos homens. "Os individuos muito populares são geralmente inferiores aos que não gozam dessa aparente fortuna. Ha mais plebeismo que popularidade nos entusiasmos da multidão".

(1) **Jornal do Brasil** — 11-3-1931.

Facilmente volta ás suas doutrinas aristocraticas. A verdade é que o mundo só deve ser governado pelas *elites*. "A oligarquia é o principio de toda a seleção aceitavel. Alguns e não muitos devem governar a terra".

Com referencia ao Brasil, o problema torna-se muito mais serio. Temos, para agravalo, o analfabetismo do povo, "que favorece a corrupção e a tirania e é secularmente aliado dessa anarquia, por simples catalise". Temos a ambição imoderada do poder em grande numero de agitadores e de facciosos. E temos, enfim, em muitos, o espirito de rebeldia, que é incuravel. "Para êles a obediencia é a morte".

Desses elementos varios, vê João Ribeiro surgir a realidade das revoluções brasileiras. "A guerra civil, mormente na America que se diz latina, é uma doença endemica que devora e empobrece o organismo com as suas lugubres intermitencias. Amarelece a gente, sem a matar. Da sua extinção depende o nosso futuro e não ha meio de extingui-la, senão desmoralizando-a, tornando-a antipatica, retrograda e impopular".

Mais que isso: as revoluções, as guerras civis, são inuteis no Brasil. Nossa vida, o desenvolvimento do nosso progresso, têm-se feito sem necessidade de violencias. Quem

olha a historia, sabe que a violencia nada edifica, antes tudo destróe. "Nada das cousas grandes da nossa historia, nada se fez a ferro e fogo, e tudo se fez pelo ascendente pacifico das ideias, dos sentimentos e da concordia".

Vê, portanto, João Ribeiro, entre as dubiedades e as incertezas das campanhas revolucionarias, que se impõe a concessão da anistia aos rebeldes de quaisquer côres. — E impõe-se mais do que isso: impõe-se atingirmos a um ritmo tal de trabalho, que os movimentos revolucionarios acabem por se desmoralizar... Realmente, ao Brasil só resta uma cousa: trabalhar. "A politica nacional, na minha ingenua filosofia, consiste em poucos problemas: povoar, comunicar e instruir" (1).

No mesmo artigo, êle prossegue: "Aqueles tres grandes problemas são tão faceis, que já deviam estar canalizados para tres botões eletricos. Um homem de boa vontade, uma mão desse homem, um dedo dessa mão bastaria para movimentar o nosso tartarugar irremediavel".

VIII

Chegamos ao ciclo da Aliança Liberal.

(1) **Jornal do Brasil** — 25-1-1926.

No meio da triste emulação de ambições, que era a politica brasileira naquêle momento, João Ribeiro contempla, surpreso e atonito, as mutações espantosas que o país vai sofrendo.

Parecerá estranho talvez — mas esse velho filosofo, amigo das suas contemplações, abandona, por um momento, as delicias tranquilas de sua Otaiti espiritual, evem para as colunas dos jornais, como um observador politico, ensinar quais os rumos que o Brasil deve seguir. Escreve no *Estado de São Paulo* uma série de artigos doutrinarios — *O Apolista*. Sua colaboração no *Jornal do Brasil* reflete as mesmas preocupações.

A verdade é que João Ribeiro nunca chegou a compreender inteiramente, a aliança de Minas Gerais com o Rio Grande do Sul. "Todo o Brasil sabe que a Aliança Liberal é uma monstruosa encenação de vaidade e ambição", diz, num dos artigos do *Apolista*.

Compreende quasi como sendo um imperativo dos nossos destinos a aliança de Minas Gerais com São Paulo: — São Paulo sendo o espirito de renovação e criação incessante, e Minas representando o espirito de conservação, de tradição liberal e familiar, tão cara ao brasileiro.

Acha justo que Minas reivindique os seus

direitos de alternar com São Paulo no ritmo do poder supremo do país.

O que lhe parece perigoso, porém, é o advento do Rio Grande do Sul a esse ritmo. "Para o observador apolitico, como eu, a impressão final é que o Rio Grande do Sul engulirá a planturosa Minas, incapaz de reagir contra o seu amigo de ultima hora". E conclue com uma profecia: "E' provavel que de futuro só convenha contar com o Rio Grande do Sul para as competições politicas pelo bastão da presidencia" (1).

Realizar-se-á a profecia? O futuro provavelmente ha de dizer que sim, como o presente já parece que o está dizendo.

IX

Como sintese das ideias politicas recentes de João Ribeiro, devo citar um curioso e misterioso artigo. Trata-se de uma nota acerca de um folheto que teria o titulo — *Que é que haverá?* O autor desse trabalho chamar-se-ia *Gegê Aranhol*.

Que autor seria esse? Que livro seria esse? A mim me parece que João Ribeiro nos mistificou com esse artigo. Ele quereria ex-

(1) Artigo citado.

pender algumas de suas ideias sobre a organização do país, e, como não lhe aprouvesse tratar diretamente de assuntos politicos nas colunas do *Jornal do Brasil* ou do *Estado de São Paulo*, imaginou essa maneira indireta.

O fato é que, no *Registro Literario* de 30 de Março de 1932, publicou êle o seguinte artigo:

"Gêgê Aranhol — **Que é que haverá?** — Rio — Sem indicação.

Que é que haverá? é um folheto que se diz folheto "abracadabrante e apocaliptico", primeira livração e "talvez a ultima", previne aos leitores.

O que vai haver é o golpe inicial e final: a abolição dos congressos reduzindo-os a um pequeno corpo ou Conselho legislativo de tres membros por Estado.

E são já demais, para fazer as leis e o orçamento, sem prorogação, e não esse monstruoso ajuntamento de trezentos e quatrocentos deputados que representam um severo imposto a que os Estados obrigam a União e que representam milhares de contos, e o que é peior, milhares de calamidades e de intrigas politicas.

O segundo **item** do apocalipse é a divisão territorial nova que é a mais injusta das desigualdades. Os Estados terão tambem conselhos de legisladores em numero inferior a vinte individuos.

O terceiro **item** é a limitação dos em-

prestimos provinciais e municipais ao maximo da renda, não podendo ir adiante, nem mesmo gosar desse direito os que já excederam a conta do maximo prescrito e têm que esperar até que saldem os seus debitos segundo aquela conta.

O quarto **item** é dividir e lotear os latifundios em proporções com as industrias respectivas, a creação e a agricultura. A renda dos latifundios, será aplicada á indenização, quando houver renda, já se vê.

O quinto **item** é abolir o serviço militar, ou obriga-lo ás mulheres em corpos especiais.

O sexto **item** é crear os capelães do exercito para a catequese, respeitada a liberdade de consciencia.

Ha ainda alguns **itens** de menor importancia, a saber: o imposto da imprensa, da calunia escrita, o imposto escolar, etc.

E' um folheto **abracadabrante** e **apocaliptico**, de fato; mas, diz verdades que, com serem amargas, devem ser meditadas, pelos sociologos da atualidade. O folheto acaba com esse latim errado: **pro patriae sacrificemus**".

E o misterio do folheto ainda mais cresce... Relata João Ribeiro, dias depois de publicar a critica do trabalho de Gêgê Aranhol, que foi procurado pelo autor do folheto. Dizia Gêgê Aranhol que se sentia perseguido pela policia, e, assim, estava recolhendo a

edição, para evitar algum desgosto. Entregou-lhe João Ribeiro o livro, e o homem o deixou.

— Mas quem é esse homem surgido da revolução? pergunta, entre si, atonito e assombrado, João Ribeiro. E transcreve as palavras que lhe disse Gêgê Aranhol:

— Eu não sou revolucionario de Outubro. Não sou gaucho, paulista ou mineiro. Sou do norte. Percorri todo o Brasil e compreendo o que nos faltava e nos falta ainda.

Tais são as palavras do estranho e novo reformador do Brasil. Podemos repetir a pergunta de João Ribeiro:

— Quem é Gêgê Aranhol?

Para mim, êle é apenas um simbolo da experiencia e da meditação do proprio João Ribeiro.

X

João Ribeiro não tem dificuldade em confessar que não é muito patriota, e ainda menos bairrista. Num artigo da *Revista Brasileira*, proclamara em moço: "Eu não sou patriota". Sua ideia é que o homem americano não póde ter patriotismo: para êle o sentimento de exclusivismo de patria, na Ameri-

ca, será um sentimento negativista e destruidor. "Ou a America será cosmopolita e humana, ou não será".

E', pois, com essa ausencia de qualquer sentimento bairrista que êle relembra a terra em que nasceu. Certo, evoca com saudades o rincão idilico em que seus olhos primeiro viram a luz e as cousas. Ha doçuras de poeta exilado, nesta pagina em que recorda a paisagem nativa, antiga e atual em sua memoria:

> "Sergipe é a minha terra e que bela terra! Canaviais verdes e extensos que aveludam os campos, igreginhas brancas e sonoras, rios lentos e céu sempre azul!
>
> E' um paraiso. O grosso daquela gente compõe-se de lazarones contemplativos que não conhecem as grandes tristezas da vida civilizada. Fazem as suas casas pelo metodo bolchevista do **muxirão**: uns trazem as palmas para o teto, outros o barro e outros as varas de camboatá.
>
> Está a casa feita. O sergipano ali se aloja com mulher e filhos; atraz da palhoça feliz ha umas bananeiras e a arvore derramada do cajueiro; por ali por perto formigam os carangueijos, alimento fosforico, salutar e favoravel aos deleites da procriação.
>
> Nada de tudo isto custa um vintem.
>
> Entretanto, o sergipano, trabalha algumas vezes na intermitencia das safras e ganha uns dinheiros superfluos para certos luxos indispensaveis: primas e bordões de viola e alguns metros de chita e de madrasto" (1).

Amor de poeta exilado, amor que tem a doçura das saudades de Ulisses, lembrando a sua Itaca distante...

Mas esse amor bucolico não impede que João Ribeiro veja e compreenda os males de seu Estado. Ele insurge-se, por exemplo, contra a exaltação patriotica com que Sergipe celebra o 24 de Outubro.

E' a data convencional da independencia do Estado.

João Ribeiro acha que essa data assinala um acontecimento nocivo. A Baia sugou de Sergipe tudo o que poude. Arrancou, ao *parente pobre,* quatro quintos do seu territorio. Depois deu-lhe a Independencia — igual áquela que os senhores de escravos "convieram em dar aos velhos de mais de sessenta anos". Certo, a Baia concedeu a independencia a Sergipe, mas, ainda assim, eram *os baianos de sobresalente e em disponibilidade* que, durante o Imperio, ela mandava fossem eleitos e governassem aquela porção do

(1) **Jornal do Brasil** — 24-10-1925.

seu antigo territorio... João Ribeiro lastima, pois, a independencia de Sergipe — essa independencia que apenas deu ao seu Estado esta gloria: "a de ser o menor, o anão da irmandade republicana".

Alude ao fato de que o 24 de Outubro não passa de uma simples convenção local. O proprio Rio Branco, que é sempre tão minucioso em suas *Efemerides*, não se digna registrar a data.

E' facil imaginar a irritação profunda que essas opiniões despertaram em Sergipe, bem como nos sergipanos domiciliados no Rio. Pareceu-lhes, a êles, fanaticos de sua terra, que havia em João Ribeiro um iconoclasta da peior especie. Apareceram artigos de jornal, violentos ou desabusados. João Ribeiro foi chamado de *besta do apocalipse* (sem o apocalipse — diz êle — para tirar ao improperio a graça biblica). O Instituto Historico e Geografico de Aracaju redigiu um protesto e pô-lo em oficio no correio.

João Ribeiro recebe o oficio, ouve os doestos... E, com bom-humor, redige uma *palinodia*, para consolar a imaginação ardente de seus patricios.

Mas êle bem sabe, no intimo, que a razão está comsigo... Um dia, muito breve, hão de vir as eleições... Um tenente soará o

clangor do clarim. Reunirá a bôa gente ignára... E dará as ordens, emanadas do chefão:

— Votem em fulano!

Docemente, o doce rebanho irá votar, sem bem saber quem é aquêle, cujo nome pela primeira vez muitos terão ouvido...

Dois anos depois, Sergipe, o pequenissimo da irmandade republicana, teve a ocasião amarga de lembrar as palavras verdadeiras que lhe tinha dito João Ribeiro. — A politica nacional agita-se, numa singular dificuldade de distribuição de postos. Ha, no Amazonas, dois candidatos que estão demaziado dentro das graças do governo, para que venha um dêles a perder o lugar a que aspira. E contudo os dois disputam uma mesma senatoria! Não é possivel dividi-la. Os semi-deuses da politica meditam... Onde colocar, entre aquelas unidades despreziveis, o companheiro dileto, para o qual faltava o titulo ambicionado?... E êles se lembram de Sergipe!

Mais ainda. Tratava-se da sucessão do governador do Estado. Os semi-deuses põem-se a meditar longamente. — Quem seria digno de ir dirigir os destinos da terra do Cotinguiba? — E afinal ocorreu-lhes que existia, aposentado em uma comoda cadeira de ministro diplomatico, um velho sergipano, palido e barbado. Havia cincoenta anos,

talvez, esse homem saira de Aracaju. Desde então, vagara em todos os climas: fôra á Europa, percorrera a Asia, visitara a America. Residira em cem cidades, ouvira muitos idiomas diferentes. E, de uma vez, cortara os laços com o seu Estado. Havia esse homem? Ainda bem! Os chefões mandaram que fosse êle o govêrnador!

E as duas eleições processaram-se facilmente! Nenhum protesto! Nenhuma irritação no pudor, na sensibilidade patriotica de ninguem!

João Ribeiro sente a amargura crescer-lhe no coração de sergipano. E êle — o filosofo, o homem que se acreditava por excelencia apolitico — toma da pena e escreve esta pagina de sarcasmo doloroso:

> "Bravos homens! Esclarecidos patricios! Formidaveis contra um folicularío inocuo e salamalequialmente curvados diante da magestade que lhes estoura ás barbas:
>
> — **Tupã, Caramuru!**
>
> Chegou a divindade de longe, **Deus ignotus**, propicio á gentilidade cabocla.
>
> Esse deus, com um bacamarte de pederneira apanhado nos desvãos do Catête, e com um barril de polvora escapo ao naufragio, é bem o Jupiter mandado á fabula coaxante das rãs, sequiosas de um rei novo.

> Se lhes faltar algum papel para a buxa dos foguetes e das girandolas festivas, cá está o oficio do Instituto, que recambiarei patrioticamente para maior lustre das festas da minha santa e amada terrinha.
>
> Eu sei que ha virtudes excelsas, como sejam o patriotismo e outros males sergipanos. Sei igualmente que Cyro de Azevedo não merece os doestos que vão atribuir á minha pena, que antes rabiscaria elogios ao homem, ao cidadão, ao intelectual e ao artista.
>
> Não lamento os seus propositos de salvar a patria do bom General Lobo, celebrado injustamente por certos aspectos aritméticos da sua popularidade.
>
> Lamento só o Instituto Historico, que teve lingua solta para me xingar e agora está entalado, engasgadissimo com o bacamarte soberano.
>
> Eu tambem (desculpem a modestia) pertenco a varios e grandes Institutos, ao do Rio, ao de São Paulo, e ao do Ceará; esperava juntar a esses diplomas mediocres o do Instituto de Sergipe.
>
> Perdi, porém, a partida e confesso-me entristecido.
>
> Meu admiravel Instituto do Cotinguiba não lasque mais protestos nem gaste papel com oficios.
>
> Coma socegado, engula com paciencia, mas não vomite na praça publica.

Não é assim que se escreve a historia nem a geografia" (1).

XI

Se é de desolação o quadro politico que João Ribeiro encontra no Brasil — qual será o quadro politico que êle encontra no mundo?

João Ribeiro não parece crêr que a organização atual dos povos possa subsistir por muito tempo. As velhas abstrações da democracia, os velhos sistemas politicos, as monarquias e as republicas, que tão bem floresceram depois da Revolução Francêsa, aparecem-lhe como soluções do passado.

Esse contemplativo cheio de decepções volve o olhar para o misterio da Russia e nos diz: "A verdade é que, de desengano em desengano, de quanta salvação aparece, o comunismo é uma hipotese a considerar entre as nossas possibilidades de mutação" (2).

Ele lê tudo, interessa-se por tudo o que se prende á U. R. S. S. Proclama o genio de Lenine. Afirma o valor das teorias de Marx. Propugna a entrada da Russia para o convivio das nações. Nada lhe parece mais

(1) **Jornal do Brasil** — 25-7-1926.
(2) **Jornal do Brasil** — 22-7-1931.

estupido que o combate sistematico contra o país dos sovietes, combate que leva os Estados burguezes a tecerem, em torno do Estado marxista, uma rêde inconcebivel de calunias e difamações.

Mas essa tendencia marxista, que filosoficamente tanto se acentuava, não levava João Ribeiro a uma inteira conciliação com a hipotese de transportar para a pratica aquilo que em doutrina lhe parecia um ideal.

Evolucionista em ciencia, êle é, no que se refere á sociedade e á politica, partidario da transformação lenta.

Essa sua orientação, êle a deixou clara no comentario a todos os movimentos armados que no Brasil se produziram. Sua ogeriza pelas revoluções é profunda. Essas invariavelmente lhe parecem pessimas — mesmo para aquêles que com elas vêm a beneficiar-se. Não se cança de mostrar que os acontecimentos têm o seu curso logico, e que não ha proveito em perturbar esse curso.

Mas a sua simpatia pela realização comunista é tão grande, que quasi o concilia com a ideia da revolução violenta. Procurado por um reporter da *Revista da Semana*, que lhe pedia a sua opinião sobre o comunismo, êle respondeu:

— Não tenho duvida de que a humanidade marcha para lá. O Brasil tambem.

Mas a aplicação do marxismo ao nosso pais, parece-lhe ha de tender a efetuar-se sob uma fórma diversa daquela que impera na U. R. S. S.

— No Brasil, o comunismo ha de ser brando. Ha de realizar-se num acordo entre as partes. Falta ao nosso pais uma aristocracia. Falta-lhe uma resistencia conservadora. Essa é a explicação da possibilidade do comunismo entrar aqui. Quanto ao integralismo, é uma tolice. O fascismo tambem. Pregar essas doutrinas aqui é querer perder tempo...

João Ribeiro conclue a sua conversação:

— Em minha opinião, Mussolini e Hitler trabalham sem saber para o advento do marxismo.

Com a sua coragem filosofica, êle vai até ao extremo de aplicar essas reflexões marxistas ao Brasil — e de conceber em nosso pais, uma federação de sovietes... (1).

(1) **Jornal do Brasil** — 1 de Junho de 1931.

CAPITULO DECIMO

JOÃO RIBEIRO E AS MULHERES

I

Escrevendo acerca da mulher, João Ribeiro chega a esta conclusão desalentada; a de que, em tal assunto, só uma cousa existe apurada definitivamente; é esta *banalidade profunda*: é que a mulher é um enigma...

Ele, porém, é um grande amigo dos enigmas.

Uma parte consideravel de sua obra, e da melhor, da mais util, vai desenvolver-se em torno desse têma sugestivo e misterioso. Um dos filosofos que êle mais estudou, um dos espiritos de quem êle se achava mais proximo, Renan disse, certa vez, que se sentia mulher em tres quartas partes; numa idade remota, Piagoras, seguindo o exemplo do adivinho Teiresias, lembrava-se de ter sido mulher.

João Ribeiro não era um pitagorico; seria, talvez, um renaniano.

Mas não conheço nenhum passo, de livro ou artigo seu, em que êle confesse que ha em seu espirito alguma cousa de feminino.

II

Ha, contudo, nêle, o grande amor pela mulher. E é esse amor que o leva a estender a sua bôa vontade a todo o sexo femnino — não excluindo as *demi-vierges*. A estas êle parece sorrir com simpatia, lembrando que Quevedo lhes chamava *donzelas fiambres*, por terem passado pelo fogo e ficado um pouco tostadas, ou ressequidas.

A simpatia, que êle manifesta pela mulher na vida literaria e até na vida politica, responde á simpatia com que a trata em seus livros. A personagem mais inteligente de quantas êle imaginou é D. Quiteria. Culta e estudiosa, ela é um pouco filosofa. Tem as suas tendencias á filologia. Ama a literatura e a erudição. Sua alma flutua um pouco entre o cepticismo e o pessimismo. — E' bem um retrato da alma de João Ribeiro...

Para D. Juliana, da *Vida do Padre Antonio*, êle tem a mesma doçura que lhe merece

D. Quiteria. A sua imaginação demora-se com volupia, compondo os traços redondos daquela nova Helena.

E assim são as demais mulheres que êle cria: as mulheres das anedotas que narra, as dos contos que inventa. E' assim a matrona de Efeso, tão sugestiva na curta narração da *Floresta de Exemplos*. E' assim aquela *linda Venus* do circo de São Francisco, que acabou casando com o Florentino. E' assim aquela doce e encantadora Rodam, a mal-aventurada esposa do rei Wamba. E' assim Griselda. E' assim, sobretudo, a mulher do preboste de Aquiléa, lingua ardente de volupia, que diabolicamente calcinou a noite de Bohemundo.

III

Entediado dos homens e da politica dos homens, João Ribeiro parece tender á aspiração vaga de um regimen matriarcal...

Está certo de que as mulheres é que governam os homens.

Propõe-se a alinhar quiliadas de autores gregos, e mais um cento de doutores antigos e modernos, que concordam na existencia das Amazonas.

Na America Equatorial, elas andavam, e ainda andam.

Viu-as o capitão Orellana. O padre Acuña confirma essa asserção. Confirmam tambem a existencia das tribus amazonicas o padre Barazi, W. Raleigh, Samuel Fritz, U. Schmidel, Schomburg... Dom Diego Portale e Meneses, governador geral da Venezuela, afirmou, ha dois seculos, que elas existiam, lá para o sul de suas terras.

Elas existem, sim. Vivem bem; governam-se otimamente...

— Por que razão, pois, não virá o mundo a ser de novo governado pelas mulheres?

Lendo uma revista alemã, João Ribeiro descobre que existe uma republica de mulheres em Jassai, nas faldas do Caucaso.

Essa republira existe ha quatro seculos. Ignorada dos homens cultos ela vive, tranquila e feliz. A população daquela terra idilica não tem prosapia helenica, nem romana, nem germanica. Brotou do solo, das montanhas e dos vales, da paisagem nativa. Nasceu como as flores agrestes e como os frutos selvagens.

A republica de Jassai é pequenissima. Terá trezentos fogos, perdidos nas dobras da montanha. Vive-se ali em giráos e estrados. A fortuna publica consiste no pequenino rebanho de animais domesticos e no celeiro das provisões.

O que ha de curioso, ali, é que a mulher tem a supremacia em todos os assuntos. Ela é a educadora da familia, a dona do rebanho, a proprietaria da lavoura. E' ela quem planta e colhe os produtos destinados á alimentação. E' ela quem vai ás populações visinhas, vender carvão de lenha e abastecer-se de vestidos e utilidades indispensaveis. Por comodidade, aboliu as saias femininas, e veste calças...

— Que papel tem o homem, nessa republica de abelhas? Tem exatamente o papel dos zangãos nas colmeias: sua utilidade consiste apenas em prover aos assuntos intimos da procreação.. E, ociosos e tranquilos, êles passam os dias a conversar, vendo pequenas cousas, fumando cachimbo, pescando no rio, procurando a caça nas florestas... Muitos dêles ficam em casa, cantando para as crianças dormirem...

João Ribeiro reconhece que a Republica de Jassai realizou um pouco a velha utopia da felicidade humana. "Eu desejaria, diz êle, que as nossas feministas mais convencidas e exaltadas (confesso que com elas simpatiso muito) mandassem por exemplo a Senhorita Bertha Lutz em comissão de estudos

a essa republica matriarcal, perdida no Caucaso, e escondida á lição e á experiencia de que tanto carecemos". E acrescenta logo, como discreto: "Para mim ha profissões que devem ser femininas por natureza: por exemplo a arte de contar historias, que sempre foi domestica e propria das mulheres; a necessidade de um conselho de Lysistratas para diminuir a nossa mania imitativa de defesa e agressão; e talvez o ministerio da fazenda e das despezas suntuarias; o da higiene e da medicina, misteres que se dizem de consolanão ás miserias humanas" (1).

De resto, êle encontra, num dos seus filosofos, o anuncio de que a época desse novo matriarcado se aproxima. — A sociedade contemporanea evidentemente periga nas suas bases. Tantos divorcios, tantas separações, tantos dramas passionais, não anunciam outra cousa, senão a decadencia da forma atual da familia. Portanto, é preciso encontrar uma solução para essa complexidade imensa. E essa solução será facilmente encontrada. Está no advento do feminismo. "A mulher tende a assumir como nos tempos prehistoricos e heroicos o exercicio de todos os poderes sobre a familia. Caminhamos, pois, para um *neo-matriarcado* que será como no outro

(1) **Diario Nacional** — 16-2-1929.

um fundamento de altruismo, de larga afetividade, e enfim, entre os homens, o penhor da paz. A mulher dará os nomes aos filhos e proverá ás crianças imbeles. Esse *matriarcado*, ou *neo-matriarcado*, será doce e terá a sua verdadeira organização fóra da familia, ou, antes, do casamento, como os conhecemos".

Assim diz João Ribeiro, citando o seu filosofo. Mas logo êle se insurge. Não lhe parece facil dizer se o futuro ha de realizar uma determinada cousa, ou outra inteiramente diferente. "As trevas são propicias á mentira dos fantasmas".

Não crê que o homem moderno acabe por aceitar o suave e subalterno papel de zangão, que uma sociedade modelada em tais linhas acabará por lhe dar. Seu orgulho de senhor e de chefe nunca se deixará dobrar, nem consentirá em dar á mulher um cetro que ela já teve nas mãos e passou de bom grado ao companheiro.

Eis aí as ideias de João Ribeiro sobre o feminismo na ação politica, sobre a possibilidade da mulher vir a dominar, no quadro da organização politica e social. São essas ideias favoraveis ao novo matriarcado? São contrarias? A mim me parece que são con-

trarias. Mas é bem possivel demonstrar que são favoraveis...

João Ribeiro é, sem duvida, um rato, como de Heine dizia Boerne. Ele tem labirintos sem numero, onde gosta de se esconder dos gatos. E nenhum gato é tão gato quanto êle é rato...

IV

Não é por mera galanteria que João Ribeiro imagina esse regimen novo. E', antes, por senso pratico.

Ele está certo de que a unica maneira dos homens governarem o país consiste em darem êles o governo ás mulheres... "Um pensador profundo exclama: No governo constitucional as mulheres rainhas provam melhor que os reis; porque onde ha reis quem governa de fato são as mulheres. Daí pois deve derivar a nossa alegria. Se sob o regimen dos varões ilustres só governam de fato as damas, só existe um caminho para o governo real dos homens, e é entregar o mando ás mulheres" (1).

A' parte qualquer ironia, êle tem uma ideia longa, e quasi mistica, do poder inevitavel e sagrado da mulher. Compraz-se em

(1) **O Paiz** — Abril, 1890.

citar passagens dos livros santos em que esse poder é assegurado e reafirmado. Refere, por exemplo, um trecho dos *Stromata*, em que Clemente de Alexandria conta o encontro de Jesus com Salomé. São estes os termos dos *Stromata*:

> E tendo Salomé perguntado ao Senhor:
> — Até quando a morte terá poder sobre os homens?
> E disse Jesus:
> — Até quando vós, mulheres, tiverdes e criardes filhos. Porquanto eu vim para destruir a obra da mulher.
> E Salomé então disse para êle:
> — Eu, pois, fiz bem em não ter filhos.
> O Senhor, porém, respondeu, dizendo:
> — Come de toda herva, mas não comas da que traz amargor.
> E quando Salomé ainda perguntou a Jesus acerca das cousas que havia prometido (a vinda do Reino de Deus) o Senhor disse:
> — Quando vós tiverdes pisado aos pés o véo da vergonha, quando dois forem só um, e quando o macho e a femea não forem nem macho nem femea" (1).

João Ribeiro parece amar particularmente esse trecho do velho teologo, em que a missão de Jesus fica resumida a um mero com-

(1) **Notas de um estudante** — 202.

bate contra a obra da mulher. Diz-nos que, em cada uma das grandes revoluções que têm abalado o mundo, existe uma mulher. Foi Helena quem destruiu a civilização asiatica. Foi Lucrecia quem destruiu a monarquia em Roma. Foi Cleopatra quem ali destruiu a republica. Nos velhos poemas folqueloricos esse poder feminino transparece da mesma fórma. No *Ramayana*, é encarnado na formosa Sita; no *Volsunga Saga*, em Brynhilda. "E' da fogueira infernal da paixão, nos paises de gelo ou de sol, que resultam todas as catastrofes. A Beleza, viciosa ou casta, santa ou impura, inconsciente ou maligna, é, sempre ela, a origem dos grandes flagelos" (1).

Seu culto á beleza feminina leva-o a discutir com entusiasmo — quasi com um entusiasmo de rapaz — os concursos de beleza que se realizam no Rio.

V

Ele é, pois, um partidario convicto da utilidade do trabalho feminino. Miss Watts, missionaria protestante, que tem fundado varias escolas no Brasil, merece-lhe um artigo de louvor e o titulo de heroina.

(1) **Almanaque Alves** — 1917.

Trata com ironia caridosa os homens que, ainda cheios de barbarescos preconceitos, procuram negar á mulher o direito essencial a trabalhar. Nesse sentido comenta um ato de Rodrigues Doria. Esse professor da Faculdade de Medicina da Baía era presidente de Sergipe, quando recebeu um oficio em que uma professora, em vesperas de ser mãe, requeria licença. Despachou-o nos seguintes termos: "Concedo a licença sem *vencimento algum*, porque o estado da suplicante não constitue molestia e não se pode considerar cousa independente de sua vontade".

Como Rodrigues Doria era solteiro, logo a malicia tomou conta do caso. E começaram a dizer que a professora havia apelado do presidente solteirão para o presidente quando resolvesse casar.

João Ribeiro fala sobre o episodio e a conferencia que, a esse respeito, pronunciou Rodrigues Doria. Evita, porém, tratar do caso sob uma luz sociologica ou juridica. Prefere olha-lo de cima, como um episodio de humorismo. Está certo de que a mentalidade anti-feminista, revelada por esse administrador brasileiro — mentalidade que é, em essencia, tão generalizada em nossos homens publicos — acabará por ser vencida. O fe-

minismo findará por dominar... Mas de que maneira?

Como adivinha-lo? Só os que vierem mais tarde poderão saber. João Ribeiro limita-se a lastimar não viver até esse momento.

VI

Tambem na literatura reflete-se a sua grande simpatia pela mulher. Sobre sua mesa de trabalho guarda êle sempre o exemplar de alguma autora preferida — Ada Negri, Elliot, Madame de Staeí.

Nos seus artigos de critica, sentiremos com facilidade essa mesma simpatia. E' essa simpatia que lhe inspira essa confissão: "Creio que elas, as mulheres, quando a vida fôr mais intensa, serão os unicos homens de letras".

Sua opinião acerca da literatura feminina atual, cumpre dizer, não é otimista. Ele gosta das mulheres *sem erudição e sem muita ciencia*. "Quero-as feitas de sentimento mais do que de livraria", exclama. O defeito principal que lhe parece ter a literatura das mulheres é que elas escrevem virilmente. "Sente-se-lhes um pelo de barba que abotoa..." Enfim, êle imagina uma literatura feminina como não existe, como não poderá existir

nunca: "Eu quizera que a literatura da mulher impressionasse como o corpo nu dela, com uma anatomia diferente, com os seus quadris amplos, com as maçãs dos seus seios, com a setinea epiderme que ela tem. Ora a mulher ainda não chegou a isso. Em literatura ela ainda é hermafrodita, ou insexuada" (1).

VII

Sua curiosidade pelos problemas femininos inspira-lhe cogitações de natureza critica, se assim me é permitido dizer. Ele retoma um velho tema literario, ultimamente debatido pelo jornalista inglês Robert Blatchford:

— E' a mulher um personagem essencial nas obras de ficção?

O problema parece ter sido provocado por uma frase de Arnold Bennet, que dizia ser o sexo indispensavel á paixão, e, pois, a todas as tragedias e a todas as obras de arte. Seria possivel imaginar um paraiso sem uma Eva? Seria possivel imaginar um mundo de romance ou de poesia sem a doçura de uma Helena, sem a suavidade de uma Ofelia?

(1) **Correio do Povo** — 8-1-1891.

A essas cogitações respondia o escritor, que propunha o problema, com a citação de varios romances em que a mulher não aparece. Na literatura inglêsa contam-se grandes livros sem mulher. O *Robinson Crusoé*, por exemplo, o *Kim*, de Kipling, o *Youth*, de Conrad.

João Ribeiro concorda com Blatchford: póde ser secundario o papel das mulheres em algumas obras primas. Ele cita o *D. Quixote*, onde a mulher, Dulcinéa, só aparece, remota e inacessivel. Cita um ou outro caso mais. O *Procurador da Judeia*, de Anatole France, é uma obra-prima, sem que nêle exista uma mulher; os *Dialogos*, de Platão, exceto o *Banquete*, são verdadeiros romances sem mulher.

Poderia ter citado ainda toda uma legião de creadores de grandes obras: — todos esses analistas da alma, que vêem desde Esquilo e Euripedes, e estendem-se até a um Dostoiewski. Em todos esses tormentosos viajores do oceano da alma, a mulher existe, sem duvida; mas o seu papel é fragmentario, vago, episodico, ou de segunda ordem.

O que ha de grande, na maravilha triste de *Prometeo*, o que ha de puro e alto, no *Hipolito*, o que ha de intenso nos *Possessos* ou nos *Irmãos Karamazoff*, não é o que a essas

obras possa ter emprestado o fascinio do sexo. E', sim, o largo poder de humanidade que nelas existe. Knut Hansun, Thomaz Mann, Zweig, Remarque têm mostrado amplamente que é possivel conceber e realizar obras primas sem recorrer á interferencia da mulher. Na msma orientação seria facil indicar varios nomes da moderna literatura proletaria. Fóra dos romances escritos, nos romances vividos dos filmes, temos exemplos dessa mesma realização. Basta considerar os dramas de Carlito. Sem duvida, a mulher nêles aparece, aqui e ali. Mas é acidental o seu papel. Em tais filmes, o que é grande, forte e pungente, o que é universal, é o calor da tragedia intima que sentimos: é Carlito, com a poesia dolorosa de sua alma de arcanjo humilde e despresivel, com a sua ridicula humanidade triste, tão semelhante á nossa.

João Ribeiro não amaria uma forma de literatura da qual estivesse ausente o encanto da mulher. Apaixonado do cinema, como êle era, não me parece que Carlito tenha sido uma de suas predileções.

E na literatura escrita o que êle ama são os grandes poemas inspirados na mulher: é, por exemplo, a epopéia homerica, brotando da beleza ardente da filha do cisne. Nos *Lu-*

siadas o que mais o seduz é o episodio de Inez de Castro, é a descrição paradisiaca da Ilha dos Amores. Parece-lhe que, se não tivesse introduzido no poema esses dois lances divinos de amor e de volupia, o grande epico não teria chegado á posteridade em que hoje se alcandora.

A verdade é que, para João Ribeiro, a graça da vida e o encanto das cousas é a mulher. Ela é a poesia, ela é o romance do universo. E como, sem ela, expressar o romance e a poesia?

VIII

João Ribeiro tem, nos ultimos dias da vida, alguem que com êle colabora nos seus livros didaticos E' sua filha Vera Martha, esposa do Dr. Nelson Feitosa. A' sua colaboradora confia êle trabalhos delicados e dificeis, que submete depois a uma leitura rapida.

Suas tendencias feministas êle as afirmou sempre. Um dia, em virtude de um pedido de inscrição de D. Amelia de Freitas Bevilaqua como candidata á vaga de Alfredo Pujol, teve a Academia Brasileira que decidir sobre a preliminar das candidaturas femininas. João Ribeiro manifestou-se favoravelmente.

Votaram no mesmo sentido Augusto de Lima, Luiz Carlos, Medeiros e Albuquerque, e os Srs. Adelmar Tavares, Affonso Celso, Felix Pacheco, Fernando Magalhães e Laudelino Freire. Em artigo que escreveu sobre o livro que a proposito da questão publicou D. Amelia, (*Amelia de Freitas Bevilaqua e a Academia Brasileira de Letras. Documentos historico-literarios*. Rio. Bernard Freres) João Ribeiro dizia:

"A meu vêr a Academia cometeu o erro de recusar preliminarmente a admissão de escritoras por ilustres que fossem, ao nosso primeiro gremio de letras. Deixemos de parte o abusivo e insolito argumento de que os estatutos da Academia falam de membros *brasileiros* e que este adjetivo não envolve as mulheres, antes as exclue. E' evidente o sofisma; falando de *brasileiros*, os estatutos não se referem ao sexo, mas á naturalidade. O adjetivo ali figura por oposição a *estrangeiro*. Argumento melhor, embora fragil, foi o da tradição. O cenaculo em verdade desde a sua fundação não quiz escolher nenhuma mulher".

João Ribeiro, porém, não aceita a tradição como se fosse um tabu. Está pronto para destrui-la. Tem impetos de repetir o brado

orgulhoso do Marechal de Soult á impertinencia do duque de Montmorency:

— Os nossos avós somos nós mesmos! A nós é que cabe criar a nossa propria tradição.

CAPITULO ONZE

NA ACADEMIA

I

Em 1897 constituiu-se a Academia Brasileira de Letras. Ela nasceu na redação das revistas, na da *Semana*, na da *Revista Brasileira*.

A redação da *Semana* reunia, ao lado de Valentim Magalhães, os nomes mais expressivos da poesia e da prosa brasileira. Num livro de reminiscencias, o Sr. Max Fleuiss relata que, nos anos de 1893 e 1895, nas conversas da redação entre Lucio de Mendonça, Araripe Junior e Raul Pompéia, surgiu diversas vezes a ideia de ser fundada uma Academia de letras. Mas a *Semana* morreu em 1895. E no mesmo ano apareceu a *Revista Brasileira* (terceira deste nome).

Era seu diretor José Verissimo; e em suas colunas congregava-se o escol da litera-

tura nacional. Sua séde, na travessa do Ouvidor, era diariamente frequentada por Machado de Assis, Nabuco, Graça Aranha, Taunay, Araripe Junior, Lucio de Mendonça, tantos outros.

Foi ali que o dinamismo de Lucio, aliado ao prestigio singular de Machado de Assis, logrou chegar a esse resultado, extraordinario para o Brasil: o de crear, numa literatura que se caracterisa pela anarquia e a dispersão, um nucleo de cultura, propicio á meditação e ao esforço continuado.

Os fundadores da Academia são amigos de João Ribeiro. Em um projeto primitivo, seu nome fora lembrado entre os dos criadores da instituição. Mas, no plano que veiu a prevalecer, êle não foi incluido. Se se achasse no Brasil, é provavel que figurasse na lista dos fundadores.

Ele achava-se longe, na Alemanha.

Partira do Rio em 1895, para o grande país, cuja cultura tanto a fascinava. Ia em comissão do governo federal, afim de realizar um estudo acerca da instrução publica na Alemanha e em outros paises europeus. Tambem representou o Brasil na confederação de Dresde, sobre propriedade literaria. Ampliou um pouco as suas viagens: partiu para Londres em 1896 e ali representou oficialmente o nosso país na organização do catalogo internacional.

João Ribeiro estava, pois, ausente. Os companheiros da *Revista Brasileira* esqueceram o seu nome.

Em 1898, ocorre a primeira vaga no quadro da Academia. João Ribeiro apresenta-se candidato. Tem como concorrente José Vicente de Azevedo Sobrinho. A eleição realiza-se no dia 9 de Agosto daquêle ano. Era no salão de congregação do Ginasio. Estavam presentes vinte academicos. João Ribeiro obteve, em primeiro escrutinio, dezesete votos. José Vicente de Azevedo Sobrinho — nenhum. Na urna foram achados tres votos em branco. Dando noticia da eleição, num jornal do dia seguinte, um reporter observava que provavelmente esses tres votos se destinariam a Fontoura Xavier, cuja candidatura se anunciara, mas não chegara a ser apresentada.

A recepção efetuou-se tres mezes depois. Presidia Machado de Assis. O presidente da Republica fizera-se representar por um dos oficiais de sua casa militar. O Ministro do Interior, que era o Sr. Epitacio Pessoa, compareceu á solenidade.

Entre as palmas das senhoras e dos cavalheiros que enchiam a sala, João Ribeiro foi

introduzido no recinto por Lucio de Mendonna e Graça Aranha.

II

Coube-lhe fazer o elogio de um poeta lirico — Luiz Guimarães Junior.

Luiz Guimarães Junior nasceu no Rio, em 1847. Era filho de um português rico, que naturalmente queria o rapaz para o comercio. Vendo-o entregue ás musas, o velho Luiz Caetano provavelmente achava que uma calamidade lhe tinha caido em casa. Isso não importava: o poeta não ouvia os conselhos que a prudencia da formiga lhe dava; e, cigarra sonora e graciosa, continuava o seu sonho de lirismo e emoção. Forte e belo, é êle o enlevo dos salões cariocas: as moças adoram-no, os rapazes vêm nêle um rival invencivel. Está ainda nos dezeseis anos, e escreve um livro, o *Lyrio Branco*. Vai ao encontro de Machado de Assis, para dizer que o livro lhe é dedicado. Machado de Assis, mais tarde, narrará o episodio nestes termos:

"Ha cerca de seis anos, encontrei na rua um moço desconhecido, melhor dissera uma criança — gentil criança que êle era — o qual me disse rapidamente com a viveza impetuosa de sua idade:

— Está no prelo um livrinho meu: é oferecido ao senhor. Parto hoje mesmo para São Paulo; já dei ordem á tipografia para lhe mandarem um exemplar.

— Obrigado. Como se chama o senhor?

— Luiz Guimarães".

Machado de Assis leu o livro; e escreveu ao poeta, animando-o a prosseguir na carreira das letras.

Luiz Guimarães continuou realmente a escrever, multiplicou-se em livros de contos, romances, folhetins, comedias. Um dos seus trabalhos mais interessantes foi a *Nova Legião*, especie de partido feminista, do qual êle foi o animador, adiantando-se, com isso, mais de meio seculo á evolução do Brasil.

O poeta tem 23 anos, quando, profundamente apaixonado por D. Cecilia Canongia, cogita de se casar. Como sua situação no jornalismo e nas letras, embora muito brilhante, não lhe proporciona os meios suficientes para o novo estado, Pedro Luiz, que é ministro das Relações Exteriores, oferece-lhe um lugar na diplomacia. Luiz Guimarães é nomeado secretario da legação em Londres. Enquanto lavra a nomeação, Pedro Luiz comenta, risonho:

— Poetas, por poetas sejam nomeados...

De Londres passa êle a varios outros pos-

tos. Vai, como secretario, para a Italia e para Portugal; vai, depois, como enviado extraordinario, para a Venezuela. Em 1894 transfere-se, já aposentado, para Lisbôa, onde os filhos se educam. E foi ali que, em 1898, êle morreu.

Em Lisbôa, como secretario de nossa legação, é que teve ocasião de conhecer alguns dos mais ilustres espiritos do tempo. Foi amigo de Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Bulhão Pato, Pinheiro Chagas. O rei estimava-o; a rainha Maria Pia distinguia-o. E todos o amam e o admiram. Ramalho Ortigão assim fantasiosamente o define: "Como poeta, êle é um primeiro adido á legação da elegancia. Viaja no país da arte em coupé-salão, resguardado do frio numa peliça de raposa azul e seguido de dois criados. O seu estilo tem um lavor de renda, uma suavidade de veludo e um fresco perfume de *toilette*".

Fialho de Almeida é, porém, quem sabe traçar o retrato mais impressivo do poeta brasileiro:

"E' um americano, movel de fisionomia e de caráter, precipitado, ardente, e incapaz de concentrar-se num assunto por mais de algumas horas... Tem, na beleza fisica d'um tribuno, os olhos terriveis dum domador de féras; e como as vidraças duma galeria do palacio, deixando transudar iluminadas, a magnificencia orgiaca das salas, musicas d'orquestra, e centenares de pares remoinhando em *cotillons*, assim dirieis as pupilas, dêle, cintilando entre as iris de fibrilas freneticas nos fazem assistir ao carnaval furioso da sua imaginação de sobrexcitado". Fialho observa que esse gentilhomem, esse diplomata não perdeu o seu sotaque de brasileiro. Antes, *por orgulho talvez de patriota*, êle timbra em guardar esses *ss* que são como "uma chuva d'orvalho caida de nectares de fucsias sobre as divinas mãos de uma mulher"; as construções gramaticais onde a lingua se torna tão doce: *me disse, me adora...*; a omissão do *r* nos verbos — *cantá, imaginá...* E o critico português sente-se penetrado do encanto da linguagem brasileira... "Uma tal linguagem parece feita para ser falada em côrtes d'amor; ha nela preguiças, começos d'ais, *frou-frous* de roupas, titilações..."

Era em *côrtes d'amor* que Luiz Guimarães a falava, com efeito. Nas côrtes de amor de seus sonhos...

Ele vive, certa vez, num país imaginario e sedutor. Habita num castelo de rudes ameias. E' manhã, e o bando dos caçadores e das caçadoras vai a correr no campo, empós

de uma corça rapida. Ele somente, o poeta, fica á sombra do arvoredo frondoso, com a castelã triste e maguada, que desfolha entre os dedos um malmequer.

Outra vez, êle vive em outra côrte. E' crepusculo. A rainha, no seu terraço, olha o vôo distante de uma andorinha, e sorri. O marido, o rei opressor, percebe esse sorriso, e interroga a esposa: "Por que ris sozinha?" Ela responde que ri porque imagina que um dia sua alma, livre dos braços do monstro que a tortura, poderá voar, como a andorinha que vê lá fóra...

E em meio dessas belas imaginações, êle conta cousas de amor, tão doces como raros poetas as têm contado. — E' uma noite de frio intenso, de melancolia, e de pesadelo. Em vão o poeta tenta dormir! A saudade da Ausente o punge e martiriza! Eis que a porta se abre. A morta caminha numa aurora de beijos! Chega-se ao amigo inquieto e lhe diz, como dizia outrora: "Venho aquecer-me contigo! Está tão fria a noite".

E' que o seu amor é grande e é verdadeiro. E o seu coração está satisfeito na doce escravidão em que se encontra. Ele sabe que, um dia, enterrado na paz dos mortos, quando a mulher amada pisar sobre a pedra

que o cobrir, seu coração ainda ha de palpitar dentro da tumba!

O poeta ama as cidades da arte e do pensamento. Celebra Roma, celebra Londres. Mais que tudo, porém, recorda o seu país, a doçura e a alegria de viver no Brasil. Um dia alguem se propõe a dar-lhe o que êle mais deseja. Será a Riqueza? Ele a terá, e tão longa e tão rutila como ninguem a teve. Será a Gloria? Ele a terá, e tão soberana e tão olimpica que êle proprio nunca a imaginou assim! Vamos! Que é que êle mais deseja?

O poeta medita, melancolico, e responde ao genio generoso:

"— Dai-me a vertigem de elevada serra,
Dai-me as riquezas da floresta virgem,
E — sete palmos só de minha terra".

Esse é o cantor dos *Sonetos e rimas*, um dos mais verdadeiros e puros poetas que o Brasil tem produzido em todos tempos" (1).

III

Esse é o delicioso poeta que João Ribeiro substitue na Academia.

(1) Acerca de Luiz Guimarães, Dona Iracema Guimarães Vilela, filha do poeta, acaba de publicar, na **Coleção Afranio Peixoto**, da Academia Brasileira, um interessante opusculo de informações bio-bibliograficas.

Imagina-se êle sem autoridade, para falar acerca do lirico suave e melodioso. Receia não ter para isso a dignidade necessaria; *receia não o sentir e não o compreender*. Mas, como quer que seja, procura penetrar as paixões do poeta, embeber-se das suas ideias, do seu *modo de entender a vida*. Perscruta-lhe as alegrias e os desalentos. E de tudo isso traz, "senão a voz, ao menos o éco degenere, o vagido elementar do seu grito adulto e valoroso".

Louva o poeta e exalta a poesia. Exalça-a pela sua soberana independencia de todas as cousas. Exalça-a porque ela tira os seus elementos de si mesma, sendo, toda ela, sonho e emoção. Eles, os poetas, são os arquitetos do imponderavel; têm uma perspectiva, que nos sufoca, aos homens comuns, em vertigens mortais; e sabem mil segredos preciosos: o de subjugar o gemido ao sussurro, o de subordinar á medida as dores incomensuraveis, o de infiltrar a mocidade ou a velhice humana na primavera ou no inverno do mundo, fazendo assim a sua dôr coincidir com a dôr universal... Tão grande é a poesia que, sem ela ninguem possue o senso estetico...

E antes do apelo de confiança e esperança, com que se encerra a pagina admiravel,

ouvimos-lhe este brado de pessimismo: "Hoje, a civilização é excessiva para a nossa insuficiencia, é sabia de mais para a nossa ignorancia, é humana e universal de sobejo para a nossa mesquinhez nacional, é enfim livre em demasia para a nossa servidão habitudinaria".

Tal é, em sintese brevissima, esse discurso, tão impregnado de sabedoria, cheio de uma poesia misteriosa, e como crepuscular.

IV

Na Academia, João Ribeiro continua o amavel convivio com varios espiritos afins do seu, com os quais se ligara desde os tempos da *Semana* e da *Revista Brasileira*. Continúa o convivio com Machado de Assis, com Joaquim Nabuco, com Sylvio Romero, com Graça Aranha, com Araripe Junior, com José Verissimo...

Com Machado de Assis as suas relações são cortezes, afetuosas, sem jamais serem intimas. Machado de Assis é uma alma dificil, retratil, toda voltada para si mesma. João Ribeiro não lhe entra na intimidade.

Diriamos que êle não parece sentir-se bem, diante da frieza polar daquêle coração. Sua alma comunicativa requer uma atmosfe-

ra moral de abandono e confiança; e isso não lhe dá o romancista, que cria uma redoma de reservas em torno do seu ser insulado, orgulhoso, e olimpico.

Eles conversam longamente, porém.

Um dos assuntos das conversas habituais é a Academia, a organização que lhe foi dada, João Ribeiro achava que "o erro inicial estava no afamado *metro academico*". Ele não chegava a compreender esse metro, que era, aliás, defendido por Nabuco, José Verissimo e certamente pelo proprio Machado. Segundo o criterio que prevalecera, a Academia só comportaria uns poucos generos: o romance, a poesia, o drama, e, talvez, a critica e a eloquencia. Com essas limitações, a João Ribeiro não parecia provavel que o Brasil pudesse reunir mais de doze academicos. "E já seriam demais!" No sistema em vigor, achava êle que a Academia nunca haveria de passar de uma *sociedade burlesca e ridicula de poetastros e escrevinhadores*. Tinha a audacia de dizer isso ao papa da Academia! Machado de Assis sorria, conciliativo e desconfiado, e procurava atenuar a rudeza da opinião:

— Não é tanto assim... Póde ser que seja um pouco... Você medite um momento...

Mas João Ribeiro insistia. Achava que a Academia devia ser dividida em duas secções diferentes: uma, de dez academicos, seria puramente dedicada á literatura; a outra, sob o nome de *Instituto*, teria trinta socios tirados dos varios ramos da atividade intelectual: do humanismo, da jurisprudencia, da medicina, da engenharia, do jornalismo e das belas-artes. Essa proposta, acrescentava êle, teria varias vantagens: em primeiro lugar daria fim a todas as discussões acerca dos expoentes, dos homens representativos, e de fraudes semelhantes, que originam continuas infrações no regulamento da casa; em segundo lugar, os poetas ficariam com o seu parnaso intacto. "E com espaço para meter algum Pegaso de vez em quando se faltarem Apolos, no que não acredito".

Machado de Assis não quiz levar a proposta a sério. Acreditou que era uma pilheria. Não se falou mais no assunto.

V

Um dos seus amigos mais intimos, na Academia, foi Lucio de Mendonça. João Ribeiro tivera-o como companheiro, outrora, na redação da *Semana*. Durante a sua permanencia na Europa, escreveu sempre a Lucio,

Numa dessas cartas, debate, num ponto de vista perfeitamente jacobino, a posição de Portugal diante do Brasil. Em outras, faz observações sobre a vida que está tendo na Europa. Agradece a participação do nascimento de um filhinho de Lucio; comunica-lhe o nascimento de uma filha. Exalta-se, ás vezes, no entusiasmo pela Alemanha — proclama que Berlim é o paraiso de Mafoma, com huris e tudo...

Mas, em 1898, êle regressa ao Brasil. Lucio é academico — e João Ribeiro é apenas candidato á Academia! Eis o tom com que se dirige ao amigo:

"Excelentissimo Sr. Lucio de Mendonça.

A Vossa Excia. cumprimenta e pede o seu apoio e voto na proxima eleição de membro da Academia Brasileira de Letras, João Ribeiro.

Rio, 4 de Maio de 1898".

Esse tom de ceremonia dura pouco. Em breve êle foi eleito para a cadeira que desejava, e a velha intimidade restabeleceu-se. Eis um bilhete datado de 12 de Outubro de 1903:

"Caro Lucio. Deixei na Casa Rembrandt (Rua Gonçalves Dias) uma pequena paisagem que lhe ofereço. Pague a moldura" (1).

VI

Outro amigo de João Ribeiro na Academia foi Raymundo Correia. Durante dez anos, os ultimos da vida do poeta, João Ribeiro viveu com êle numa intimidade de todos os dias. Encontravam-se, e ficavam a conversar horas e horas. "Não sei se era eu que o prendia ou êle a mim horas inteiras, da tarde até a noite.

— Foi o João Ribeiro, dizia D. Zinha, ao vê-lo regressar, mais tarde que de costume".

João Ribeiro ama a inteligencia de Raymundo Correia e a admira.

Considera-o, sem duvida, o maior dos poetas brasileiros. Não sabe de outro poeta que, em nossa lingua, possa ser comparado ao autor de *Mal secreto*. Nenhum terá aquela perfeição de forma, e aquêle sentimento, e aquela agudeza, e aquela filosofia. Ray-

(1) A correspondencia de João Ribeiro com Lucio de Mendonça encontra-se no arquivo da Academia. Agradeço a Fernando Nery, diretor da Secretaria daquela instituição, a gentilesa com que me deixou examinar aquelles papeis.

mundo parece-lhe estar muito acima de Anthero de Quental. Em Raymundo êle tem *a imagem do genio*, como a tem em Machado de Assis.

Seu encantamento pela obra de Raymundo leva-o a batisar um dos seus livros, o *Fabordão*, com o titulo de um poema do amigo. João Ribeiro explicou a razão de ser desse batismo, e humildemente se penitenciou: "E' com os nomes dos santos que se batisam os mais perversos criminosos..."

Com Raymundo Correia, organiza êle as suas *Paginas Escolhidas da Academia Brasileira*.

João Ribeiro relata, mais tarde, a origem dessa obra. Sua primeira ideia foi devida a Mario de Alencar. Raymundo e Mario, porém, não quizeram figurar como autores, nem sequer como co-autores da coletanea.

Havia talvez o risco de não agradarem as escolhas dos trechos selecionados, e êles não queriam malquistar-se com os companheiros.

João Ribeiro teve o direito de aparecer como autor do livro, porque a sua contribuição no trabalho foi a principal.

Mais que uma simples seleta, as *Paginas Escolhidas* representam um livro de critica literaria. Pela escolha avisada dos textos, pela excelente seleção do material, essa obra

vale como um arguto comentario em torno dos escritores e dos poetas da Academia.

VII

O convivio academico trouxe-lhe igualmente a familiaridade mais estreita com um homem curioso, desabusado, todo sensibilidade e impetos: Sylvio Romero. João Ribeiro conhecia bem a capacidade que tinha Sylvio de entregar-se ás paixões mais exaltadas.

Um incidente antigo, ocorrido comsigo mesmo, era bem caracteristico. — Em começos de 1890, sairam, em jornais cariocas, acusações ao governador de Sergipe, que era Felisbello Freire. Os amigos da situação sergipana procuraram defender o acusado; e atribuiram a Sylvio os artigos de combate contra Felisbello. Trabalhado por alguma intriga, Sylvio acreditou que essa arguição provinha de João Ribeiro. E tomou uma deliberação sumaria: a de romper relações com êle! Eis a carta que lhe enviou por essa ocasião:

"Illmo. Sr. João Ribeiro.

A insistencia com que V. S. teima em defender o atual governador de Sergipe, cometendo a injustiça de atribuir-me as acusações que têm aparecido nos jornais desta capital, áquêle funcionario, quando a verda-

de é que eu não tenho a minima parte em tais atos, sendo apenas agora, e inesperadamente, eleito para fazer parte de uma comissão, que deve providenciar sobre a sorte de 52 sergipanos para aqui deportados pelo aludido governador, tal insistencia, digo, força-me a cortar com V. S. todas as nossas antigas relações. Não quer isto dizer que pretenda com V. S. entreter polemica pela imrensa. V. S. para mim é **pessôa sagrada**. Foi por mim apresentado ao publico nacional pela **Revista Brasileira**, em 1880, foi mais tarde defendido largamente quando fez o concurso para a Biblioteca Nacional; idem idem na Congregação do Colegio Pedro II, por ocasião do seu concurso ali; é, além de tudo, sobrinho do meu velho amigo Dr. Pedro Moreira, não esquecendo que é meu afilhado de casamento. Bem vê que, em tais condições, não é possivel fazer **sarapatel** pela imprensa. Ficaremos **rôtos**; mas, sem odios e sem colera. Pode, entretanto, V. S. a meu respeito assumir a mais completa liberdade e fazer o que entender. De V. S. att. Cra. obro. Sylvio Romero. 2 de Abril de 90".

A primeira impressão de João Ribeiro, lendo essa carta, é de irritação. Ele rabisca uma resposta, ao lado da assinatura de Sylvio. Mas reflete um momento: e prefere deixar a carta sem resposta. Inutiliza as linhas

que rabiscara, e faz essa observação: "Não respondi. João Ribeiro".

A amizade, porém, se refaz. E alguns anos depois Sylvio e João Ribeiro estão juntos, na elaboração da *Historia da Literatura Brasileira*, livro de vulgarização para os ginasios.

VIII

Essa publicação vem roubar a João Ribeiro uma de suas amziades mais velhas, e das que êle mais presava: — a de José Verissimo.

E' sabido que Sylvio Romero não suportava o seu confrade em Academia e o seu colega em critica; e aproveitava todas as oportunidades que tinha para fazer sentir essa má vontade.

Na *Historia da Literatura Brasileira*, Sylvio intercalou frases agressivas contra José Verissimo. Indignado com a corresponsabilidade que João Ribeiro tinha na organização do livro, Verissimo mandou ao velho amigo e companheiro, uma carta, despedindo-se das suas relações. João Ribeiro, que relata o fato, acrescenta: "Aceitei a situação sem vexame e não respondi á carta. Contudo, mais tarde, consegui do meu colaborador, em edi-

ção nova do livro, a supressão de conceitos, que não cabiam num livro puramente didatico".

IX

Outro amigo que dêle se separou foi Mario de Alencar.

Tinham-se ligado numa fraterna amizade. Romperam por motivo frivolo. Mario de Alencar tinha feito incluir, no Regimento da Academia, o principio de que a cabala nas eleições seria punida com a destituição do voto. Vigorava essa disposição, quando, tendo ocorrido uma vaga, inscreveu-se um grande amigo de Mario. Este iniciou logo uma cabala insistente. João Ribeiro escreveu, então, um artigo para a *Revista Nacional*, estranhando o fato; e fazia vêr que essa mutação era de pasmar, ocorrendo num homem que até então tinha sido o campeão do Regimento. Nesse artigo, êle chamava Mario de Alencar *galopim eleitoral*.

Alma feita de sensibilidades delicadas, Mario rompeu com João Ribeiro. E, como, em tempos, tinha dedicado ao amigo e companheiro o seu livro *O que tinha de ser*, resolveu, ao dar a segunda edição, dessa novela, deixar um depoimento do seu recente estado de espirito. Escrveu uma nota abaixo da dedicatoria, declarando a sua decepção da amizade de João Ribeiro. No momento, João Ribeiro irritou-se com esse gesto, e escreveu um artigo fóra de sua suavidade habitual.

Mas essa indignação passou, e deixou o lugar á velha simpatia.

Mario morreu sem ter reatado as relações antigas. João Ribeiro, porém, tem para êle os sentimentos de sempre: os da amizade, os da ternura. Por morte de Mario, êle escreveu um artigo, celebrando-o com grande saudade. "Era um homem recolhido, cheio de desenganos, de si proprio, que mais parecia um doente imaginario... Durante largos anos fui grande seu amigo e companheiro leal e assiduo na admiração, no respeito e na ternura. E, hoje, conservo intactos os mesmos sentimentos, senão que os sinto agora mais profundos e mais merecidos".

X

Seu amigo dileto foi tambem Alberto Faria.

Embora fluminense de nascimento, Alberto Faria residia em Campinas, São Paulo. Era dali que êle acompanhava os estudos de João Ribeiro. Suas cartas, que existem nume-

rosas, dariam um volumesinho interessante, cheio de anotações criticas e de observações pessoais.

João Ribeiro escrevia-lhe, tambem, sugerindo ideias, discutindo temas de folquelore e de filologia.

Estabeleceu-se, assim, entre êles, um comercio afetuoso. Quando vieram a conhecer-se pessoalmente, já eram *amigos do coração*.

Tinha Alberto Faria outras bôas relações na Academia. E João Ribeiro, juntamente com esses outros amigos, verificaram que o lugar dêle devia ser na Academia. Mas, como elegê-lo, se êle não tinha um livro, e se os estatutos da casa exigem livros?

João Ribeiro concita-o a fazer o livro. Alberto cede á insistencia. Toma dos milhares de papeis que tem escrito, e escolhe, quasi arbitrariamente, uma parte infima desses estudos de erudição e investigação. Manda a coletanea para o Rio ainda sem titulo. E' João Ribeiro quem batisa o livro, dando-lhe o titulo de *Aerides*, que lhe parece *coordenar a poesia da mesma dispersão*.

Transferiu-se Alberto Faria para o Rio, e a amizade dos dois escritores continuou fraternal. Quando Alberto morreu, João Ribeiro dedicou-lhe um artigo comovido, que findava com estas linhas: "Era grande o seu coração e, como soe acontecer, dêle é que veiu a morrer enfim, deixando-nos imensa e longa saudade. Que posso dizer? Quanto a mim, nêle perdi um mestre, e, peior que tudo, perdi um amigo".

XI

Seu companheiro de velhos tempos, o poeta Guimarães Passos, divertia-o com a *verve*, a alegria abundante de boemio. Divertia-o, sobretudo, com o vicio do jogo do bicho, que era um dos seus traços caracteristicos.

O poeta empregava no jogo do bicho todo o dinheirinho que arranjava. Cada sujeito que lhe aparecia era um parceiro provavel. Aconselhava palpites, discutia possibilidades; sendo preciso, ia aos extremos, das vias de fato.

Suas aventuras, nesse terreno, eram muitas e pitorescas. Ele contava-as, com chiste. Certa vez, fôra á casa da lavadeira, buscar a camisa n. 1. Só possuia duas, e a n. 2, que trazia no corpo, já tinha urgencia em ser substituida... A mulher recebeu-o, impondo-lhe silencio, com um dedo sobre os labios, como os anjos de pedra dos cemiterios:

— Não fale alto! Seu José está sonhando com o bicho que vai dar!

O proprio João Ribeiro, que não acreditava em palpites, teve um dia uma aventura com Guimarães Passos. Encontrou o amigo e este lhe disse:

— Tu hoje tens que jogar comigo. Vamos ganhar matematicamente.

— Mas...

— Não tem mais nem menos... Vamos jogar é na cabra.

A' noite, Guimarães Passos apareceu, radiante:

— Não te dizia? Foi certissimo. Vamos receber as massas.

Repartiu: — quasi trinta mil réis levou cada um. E, enquanto fazia a operação, o cantor do *Lenço* ia dizendo:

— Hoje foram sessenta só. Amanhã has de vêr! Vamos cercar o elefante e ganharemos como milionarios.

Cercaram o elefante, com efeito. Mas perderam tudo!

CAPITULO DOZE

JOÃO RIBEIRO E JOAQUIM NABUCO

UMA CORRESPONDENCIA (1)

Na Academia, João Ribeiro estreita a amizade com Joaquim Nabuco. Sempre sentira, irresistivel, a atração por esse claro e alto espirito. Amava-lhe a limpidez do pensamento, a luminosa diafaneidade da forma. Tinham ambos ressonancias antigas na alma. E podemos dizer que êles se encontravam na melodia renaniana.

Em uma de suas cartas, dizia João Ribeiro a Graça Aranha: "A estima e a consideração de Nabuco são para mim dons tão preciosos que eu não desejaria estorva-los com a impolidez de uma recusa; e sem o direito de faze-lo. O Nabuco sabe, como tú, que a minha maior alegria seria atravessar o ocea-

(1) Devo a D. Carolina Nabuco as cartas de João Ribeiro escritas a Joaquim Nabuco. Aqui deixo o meu mais sincero agradecimento á ilustre escritora, pela gentileza com que ela atendeu ao meu pedido de examinar essa parte do arquivo do grande brasileiro.

no, e, com o seu espirito generoso e bom, oferece-me o braço. Foi sempre essa a ideia que tive dêle, mesmo antes de conhece-lo. Não era preciso conhecê-lo, porque me basta a luz difusa para adivinhar o sol. E eu já escrevi dêle, aplicando uma frase de Keller, que devia sentir o coração como a uma citara, tão suave e tão longe ondula até aos mais afastados."

Correspondia Nabuco a essa afeição.

Escolhido, em 1899, para delegado do Brasil, na questão de limites com a Guiana Inglêsa, êle cogita do nome de João Ribeiro, para ser um dos seus secretarios. Nesse sentido, encarrega Graça Aranha de falar ao amigo. João Ribeiro recusa formalmente. "Seja como fôr, diz êle, *não quero que o Nabuco peça ao Governo qualquer cousa para mim*, e sobre este ponto não deve versar mais, em tempo algum, a nossa correspondencia".

Mas, depois, João Ribeiro reconsidera o gesto. Já Nabuco se acha em Londres, quando êle escreve, pedindo para ir trabalhar na missão. Nabuco responde, (7-11-1900), lastimando ser um pouco tarde para realizar esse desejo. "Com que prazer teria eu arranjado a sua vinda para essa comissão, ou missão, se o Sr. mesmo não me tivesse mandado por nosso amigo Graça Aranha uma recusa preventiva formal! Depois as cousas tomaram outra feição e neste momento não vejo como poderei eu satisfaser um desejo que nutro desde o principio. Não me zanguei com a proibição que mandou. Ninguem melhor do que eu conhece os elementos que concorrem para tornar o seu talento tão interessante e tão cheio de misterio e de nuances, e para mim, dentro da amisade e da simpatia que me tem mostrado, o Sr. tem todos os previlegios. Creia que, se sua proibição não intervier de novo, terei grande prazer em conspirar com o Sr., para uma nova fuga sua á Europa, ainda que por pouco tempo. Por pouco tempo, é mesmo como deve ser sempre".

10 de Dezembro de 1900. — João Ribeiro escreve a Nabuco. Reconhece que tem suas incoerencias e volubilidades... Mas que Nabuco perdôe: tenha para êle "essa grande condescendencia que já entreli na sua vida e nas suas obras"...

João Ribeiro continua no melancolico sonho de sair do Brasil "Para a diplomacia creio que não servirei nunca; para uma comissão de pouco tempo e modesta posso ainda servir. E creio que será este o caso. Não hesite um momento em *conspirar comigo* como belamente o diz, para minha *nova fuga á Europa*.

Como sul-americano, agradam-me as conspirações, com ostracismo —e na minha qualidade de lusiada estou sempre pronto para as circumnavegações"...

A patria da-lhe um cançaço profundo... O Brasil é o infinito onde a gente se enfada... "Ando por aqui muito desempregado, e sem fazr nada. E como não ha nada que vêr, o tedio reflete-se e multiplica-se ao infinito como entre dois espelhos. Pela ausencia desses dois termos da vida, planejei um livro *Nem eu nem o mundo*. Mas não passei do titulo; e com razão, porque o livro devia ser em branco".

Mas as dificuldades que essas cartas indicam são afinal removidas. Nabuco consegue arrastar o amigo para Londres.

25 de Junho de 1901. — João Ribeiro escreve a Nabuco. Está em Marselha, á espera do navio que ha de trazê-lo ao Brasil. Lastima não ter podido ir a Londres, abraçar o amigo. Tem a esperança de que, um dia, com o auxilio prometido por Nabuco, possa viajar longamente... O Brasil é tão terrivelmente acabrunhante! "Continúo *la-bas* sem fazer cousa alguma, mas sem desgosto. O que faz mal no Brasil é a monotonia e a perpetuidade, para quem tem qualquer sentimento de artista, ainda que embrionario".

28 de Março de 1903. — João Ribeiro escreve a Nabuco. Acha-se possuido de um tedio cada vez maior da patria. Cresce o seu desejo de sair do Brasil, exilar-se, num consulado qualquer da Europa... Dirigira-se a Rio Branco, a quem formulara o pedido. Comunica a Nabuco a tentativa: "Aqui nada ha que eu possa querer, maxime agora com as desacumulações. Por todas as razões, pois, da fisica e da metafisica, me fiz pretendente... Não designei, nem podia designar, o consulado que me convinha. Exceto as duas Americas, qualquer lugar secundario na Europa, como por exemplo: Trieste, me serviria cabalmente e até preferentemente a outros. Serei tão despido que envergonhe o Brasil em Barcelona ou em Marselha? Espero pois que o meu caro amigo me recomende (escrevendo diretamente) ao Rio Branco; e diga bem do seu proximo, conforme mandam os Evangelhos".

21 de Maio de 1903. — Nabuco escreve a João Ribeiro. Pede-lhe que abandone as ideias de deixar o Brasil. Ele precisa de um meio que lhe seja simpatico, e de alguma for-

ma vassalo seu. "Confie na conquista que o seu talento ha de por fim fazer de todos, como já fez dos que teem a intuição do que é grande e singular sem que a nomeada primeiro a desperte. Uma carta minha ao Rio Branco de nada valeria, onde a sua aspiração não bastasse por si mesma. Ele é ambicioso de agradar aos homens que representam como o Sr. a suma e o cume da intelectualidade brasileira. Para mim, porém, seria uma extraordinaria violencia escrever-lhe naquêle sentido. Não quizera ser cumplice nessa espoliação, nesse atentado contra as nossas letras e o nosso pequeno patrimonio intelectual. Se uma carta minha servisse, esta serve, mas, pelo amor de Deus, não a mostre, não me associe a esse banimento, que, por ser voluntario, é ainda mais odioso para o governo que se submeter a êle. Se quer sair do Brasil, faça-o sem a responsabilidade dos que o consideram uma das superioridades e o orgulho da nossa terra".

20 de Junho de 1904. — João Ribeiro escreve a Nabuco. — Carta rapida, apenas para saúdar o amigo pela sua atuação na questão da Guiana. "Por toda a parte, na rua, no bonde, nas escolas, entre todos os grupos de homens que conheço, frequento ou sequer

ouço, vi e ouvi e senti o aplauso ao patriota e ao grande brasileiro".

10 de Abril de 1905. — Nabuco escreve a João Ribeiro. Agradece a remessa do primeiro volume das suas proprias *Obras*, escritas ha quinze anos. Onde fôra descobri-lo João Ribeiro?... "Como vai? Não tenho noticias suas nem dirétas nem indiretas, ha bastante tempo. Não o creio consumido pelo fogo sagrado, mas antes deixando as impressões da vida o apagarem pouco a pouco. Ha um certo pessimismo no seu modo habitual que me faz recear que seja esse o caso. Agora uma viagem me pareceria um refrigerio. A morte das ilusões atua sobre as fontes do talento genial como a destruição das matas sobre as dos rios. Nesse caso, que é o caso, uma viagem á Europa (aconselho a Sicilia) faria o efeito das chuvas no sertão, faria reviver aquelas ilusões, evitando assim a desolação moral da seca. Ou, pelo contrario, esta carta o encontrará em pleno otimismo, em plena Renascença. Deus o queira. Sabe que o inscrevo muito alto no nosso ativo intelectual".

5 de Dezembro de 1905. — Nabuco escreve a João Ribeiro. Agradece-lhe a remes-

sa de um exemplar das *Paginas de Estetica*... "Ha sempre nelas um *bombom* para mim. Creia-me, não tenho tempo para ler senão a sorvos tão espaçados que são antes uma privação do que um goso. Mas é que o Sr. é desses a quem o leitor se tem que dar por inteiro, sem nada reservar do seu tempo, da sua atenção, da sua emoção, e ler assim é cousa que ha muito me é prohibida. No fundo, isso é trocar a propria natureza e alma pela do autor que nos fascina. O Sr., a cada instante, está trocando a sua com a dos seus autores favoritos para a rehaver logo depois mais rica ou melhor mais disposta a criar, mais vibratil e mais imaginativa. Isso na minha estação da vida cança-me muito, é uma infidelidade ao meu ideal, que devo tornar exclusivo, murando-o entre as minhas quatro paredes".

1 de Setembro de 1906. — João Ribeiro escreve a Nabuco. — Agradece-lhe a remessa das *Pensées detachées*.

"Recebi ha poucos dias o seu grande livro que já li, estou relendo, e hei de reler sempre porque, de cristal como é, ha sempre centelhas novas a cada luz que se mire. Não o reli ainda na hora melhor porque estou vi-

vendo num crepusculo, adoentado como ando, com a saude mal ferida e abalada.

"Hoje, como você diz, *je ferais du fiel, même avec le parfum des roses*.

"Escreverei para o *Almanaque Garnier* de 1908 (que estou dirigindo e cujos originais se devem preparar no mez proximo) alguma coisa sobre sua obra d'arte, tão cheia de primores, tão transbordante de ideias alongadas e infinitas... Confesso que não posso ir talvez até onde ela vai e fico onde me surpreende a primeira vertigem.

A principio, com alguma prevenção, não gostei de ver seu livro escrito em francês; mas logo reconheci o meu erro; nem a nossa lingua, nem o nosso pais, todo debaixo do sol, têm a abundancia de sombras essenciais a tão delicados matizes.

No seu livro eu vi flocos de neve e ouvi o rouxinol".

1907. — Um postal de Nabuco para João Ribeiro. Duas frases apenas, o bastante para fazer-se lembrado... "Como são belas essas ruinas! E' o sorriso da Renascença!"

20 de Junho de 1908. — João Ribeiro escreve a Nabuco. — Agradece a remessa da conferencia de Yale sobre Camões.

"E' uma de suas melhores paginas... e quasi todas, senão todas as que escreve, me parecem melhores. E' que o seu pensamento tem sempre uma dimensão que nós outros não temos, que é a penetração assombrosa, tanto para o passado como para o futuro. São esses *longes* e esses ultimos planos distantes que ninguem tem, por aqui".

Envia a Nabuco um livro que acaba de publicar, e quasi lhe pede perdão pela temeridade... "Resolvi, depois de alguma hesitação, mandar-lhe um livro meu de agora, *Frases feitas*, livro miudo, enfadonho e sem perspectivas de conjunto. Não é, pois, para lêr, mas para assinalar que ainda vivo, ainda que mal, com um fio de vida... Não quiz mandar-lho no primeiro momento, pela conclusão a que cheguei de que seria inutil. Afinal, cristalizei-me em alfarrabista, mas ainda tenho a vergonha desse destino final".

14 de Julho de 1908. — Nabuco escreve a João Ribeiro, apreensivo com o estado de saude do amigo. "Uma palavra em sua carta deixou-me preocupado: — que está preso á vida por um fio. Os doentes enganam-se sempre no calculo da vida, e muitos, que se acreditam por um fio, estão amarrados a ela por grossos cabos. E' esta a minha convicção a seu respeito. Em nada o João Ribeiro que encontrei em 1906 no Rio se diferençava do meu "espanhol" de Paris, anos atraz, nem do companheiro da *Revista*, ainda mais longe".

Nessa carta, Nabuco mostra o mesmo velho interesse pelo espirito e a inteligencia de João Ribeiro. "Espero com anciedade o seu livro. Não creia que possa *nunca* ser rasteiro...

Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il à [des ailes.

Muito me desvanece a sua opinião sobre a minha conferencia de Yale. Não me mandaram o Almanaque Garnier deste ano. Ainda é tempo do Garnier se lembrar que eu sou um dos constantes afluentes, ainda que pequeno, do seu grande ramo Brasileiro.

Apesar do calor, tenho que ir em 28 de Agosto pronunciar a *Convocation Address* na Universidade de Chicago. Como vê as Universidades me estão tratando muito bem. Quando teremos a primeira aí?

Creia, meu caro amigo, que ninguem o admira mais do que eu, porque por assim dizer vejo o seu pensamento. E' um caso de simpatia intelectual, mais que outra cousa, mas o Sr. e o Graça Aranha são do metal de que, se eu não fui, quizera ser feito".

CAPITULO TREZE

JOÃO RIBEIRO E GRAÇA ARANHA

UMA CORRESPONDENCIA (1)

Cabe aqui uma referencia especial ás relações de João Ribeiro com Graça Aranha. Foram sempre as mais carinhosas. João Ribeiro sente a sedução de Malazarte, em cuja magia seu espirito se deixa embalar.

Conheceram-se na *Revista Brasileira*. Graça Aranha era a força do entusiasmo jovem, quasi adolescente. Vinha do Recife, onde ouvira as lições renovadoras de Tobias. Tinha um deslumbramento ardente por Nabuco. E isso era mais um ponto de contacto entre êle e João Ribeiro.

Graça Aranha cança do Rio, do calor e

(1) As cartas de João Ribeiro a Graça Aranha, cujos trechos transcrevo, pertencem ao arquivo do autor de **Cannan**. D. Heloisa Graça Aranha Rosa e Silva facultou-me essa parte da correspondencia de seu pai. Deixo-lhe as expressões do meu vivo agradecimento.

da monotonia da cidade. E quando póde, foge para a solidão, para a tranquilidade da roça. Do seio da natureza, escreve ao amigo, celebrando *a poesia ingenua dos bosques*; e declara que ali vive de *silencio e de melancolia*... João Ribeiro não acredita muito. E responde que sim: provavelmente é de melancolia e de silencio que se vive na roça; mas é tambem "do bom queijo suculento e do leite fresco e restaurador".

João Ribeiro está triste pela ociosidade em que vive. Diz êle (13 de Março de 1899) a Graça Aranha:

— "Aqui vivo e continuo carregado de trabalhos, isto é, de ferias. Desde Novembro que me acabrunharam com esse grande ocio...

Lavoro eterno!
Paga il Governo.

Disse Ugo Foscolo.

Um inglês acharia o meio de transformar tantas ferias e transforma-las em força motriz; — porque, como diz um aforismo: o homem, excepção feita dos inglêses, não sabe procurar a felicidade. E' de Nietzsche.

Pois bem, eu não sei o que fazer da mi-

nha preguiça... Imagina pois o que seria de mim, se eu amasse o belo sertão. Preguiça e roça, juntas, que horror!"

Na mesma carta, uma *boutade* contra os *novos*:

"Apareceu por aqui uma revista dos novos, a *Meridional*. Creio que entre os seus propositos está o de escachar a Academia. Os novos têm talvez razão, mas não têm ortografia. Não obstante eu os tenho animado por onde ando e de modo que êles saibam... Depois da republica dos *mulatos*, êles vão proclamar a literatura do *negro de ouro* (Cruz e Souza). Sabes bem que não sou muito *branco*; mas tenho birra desses pretos..."

Ainda na mesma carta um comentario feliz: Nabuco acaba de aceitar a nomeação para delegado do Brasil em Londres! Toda a familia da *Revista Brasileira* está deslumbrada com a ascensão do amigo! Nabuco compreende bem essa alegria. "Parece que o seu desejo seria levar consigo toda a *Revista*..."

João Ribeiro gostaria que o arbitro da questão fosse o Imperador Guilherme. Era o ensejo de dar ao espirito de Nabuco uma certa germanização. E que tezouros de ideias novas êle traria da Alemanha!

17 de Janeiro de 1900. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. — Custou tanto a escrever ao amigo, e contudo dá-lhe tanto prazer escrever cartas! "Gosto muito de escrever cartas; e se eu tivesse uma ambição literaria *ad posteros*, quizera tê-la deixando um volume de correspondencia que um amigo amoroso coligisse".

João Ribeiro fala da solidão em que vive. Habita um longinquo retiro, diz êle, com todas as precauções da impermeabilidade. "Leio, desenho ou pinto e ás janelas da minha solidão, as vozes da cidade chegam já sem sentido e servem-me apenas, indistintas, para marcar as horas. Não veja nisso uma tirada literaria; ontem fez quinze dias que não desci lá baixo".

Refere-se á forma de espirito de Graça Aranha, com a exatidão de um retrato: "O proprio do teu espirito é a travessura; conservas ainda (e que a conserves sempre!) uma parte da tua infancia muito viva — o que te faz ainda melhor do que serias, e um bocadinho cruel mas sem malignidade".

E agora trata de um assunto importantissimo: defende a sua atitude politica:

"Por um ou dois topicos da tua carta vejo que o Nabuco (e tambem tu) cogita de obter do governo uma comissão na Europa e

para mim. A esse proposito, preciso falar-te aqui mais longamente.

Depois que vim de lá, bem o sabes, nunca me pude curar da nostalgia da Europa. Achei logo na volta esse Brasil irrespiravel; mas tudo acostuma neste mundo, até a propria asfixia. Vou já readquirindo o meu pulmão antigo, as minhas guelras, com que faço e utilizo a minha atmosfera dificil.

Respiro todavia. Agora, a minha volta á Europa seria uma perturbação gravissima e irremediavel; estou disposto a não tentar essa crise. No momento em que vocês partiram, eu não resistiria; hoje, porém, quero levar a cabo a minha guerra dos cem anos.

Sabes que eu não gosto do atual Brasil. O unico laço que me prende a êle é o Imperador; porque não posso separar a minha patria do Imperio. Cessando de crêr num dêles, cessarei de crêr no outro. E quando isso eu verificar, emigrarei com os meus deuses, não sei para onde, a Deus misericordia. E' o que devem fazer os vencidos, se escapam do massacre triunfante.

Por isso mesmo resolvi nada escrever contra a Republica e depuz a pena, até que os proprios republicanos iniciem a reação. Demais não tenho prestigio para falar e não quero falar em vão".

18 de Janeiro de 1900. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha.

Ele se acha, ás vezes, enigmatico, e sabe que ha de ser essa a impressão do amigo. Assim faz a sua analise psicologica:

"Devo a franqueza de dizer-te que não vou quasi nunca á *Revista*. Desde Julho ou Agosto que fui espaçando o meu aparecimento aí, até que desertei de tudo.

Isso talvez te vá intrigar, porque não compreendes bem o meu genio. Tem-me sucedido desertar um lugar que frequentava dantes e faço-o sem razão clara ou *razão suficiente*, como diziam os filosofos. Mas eu divido o governo dos meus atos entre a razão e não sei que obscuros instintos. Acho que é um perigo entregar-me todo á razão; e a minha não é tão esclarecida que eu possa tudo fiar dela, fechando ouvidos aos meus instintos. Toda essa perifrase é para dizer que "deu-me na veneta não ir mais lá". E deixei de ir".

João Ribeiro cança-se de falar de si mesmo. Quer ouvir as confidencias de Graça Aranha... No seu carinho pelo amigo, êle o vê na terra doce e querida da Italia:

"Quando puderes conta-me um pouco das tuas viagens. Sei apenas que estiveste num logarejo da Suissa e agora em Paris e

outros logares que o carvão de pedra elevou ao dominio universal.

Mas não esqueças a Italia, e nem deixes de vêr Florença, Roma, Veneza, Milão, Napoles e cem cidades.

Se um dia fores á Italia, quero que me avises, e levarás um *bouquet* de flores á sepultura de meu filhinho em Milão, onde te deterás, para vêr o *duomo*, a *Ceia*, de da Vinci, o *Casamento de Nossa Senhora*, de Rafael e ...quanta cousa! Se fores na primavera, levarás lirios da campanha lombarda, os mais belos do mundo! Tenho a consolação de que o meu filho descansa onde descansam as cousas mais belas e nobres..."

7 de Junho de 1900. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. — Deseja ir para Londres, para junto da missão Nabuco. E' verdade que ha cinco mezes recusava-se terminantemente a aceitar qualquer convite nesse sentido. Mas agora está louco por ir: quer deixar o Rio e deixa-lo sem demora...

"Estou fatigado do Rio de Janeiro: letras, artes (que não ha) e politica, sobre o que ha mais de ano deixei de pensar. Neste mez entro nos meus quarenta anos como um animal macrobio e inutil. Tenho pavor ao fazer esse retrospecto da vida, de que se sal-

vam apenas alguns versos dispensaveis e uma facecia didatica que o meu povo tomou a sério.

Agora, vai haver uma recepção na Academia, a do Domicio, que tu bem conheces, e que será um respiro no meio dessa atmosfera de fogo. De fogo disse, porque o Brasil queima e nada resiste a essa eterna oxidação, que, aliás, como o mesmo inferno, não deixa de criar saudades aos seus expatriados".

Será possivel obter o que quer? Talvez sim... Se fôr, como pede, ha de escrever um livro — *A Historia do Brasil Holandês*. "Seria alguma cousa para o país, nada para a comissão de limites". No sentido de sua pretensão, já escreveu tambem a Nabuco...

9 de Novembro de 1900. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. — Nenhuma resposta á sua carta de Junho! "Que longura!... Não sei que cousas irrespondiveis te escrevi!" De Nabuco tambem nenhuma resposta! "Confesso que fiquei tonto e envergonhado (e ainda o estou um bocadinho) dentro de mim mesmo e da minha *gaucherie*. Mas sem amargura..."

Ele faz uma longa excursão na literatura inglêsa. E está sob esse fascinio;

"O teu presente do Kipling atirou-me aos romances inglêses e já devorei o R. Stephenson, o Meredith, Grant Allen, Hall Caine... sem excluir a detestavel Marie Corelli, o George Ohnet de saias. De todos os romances que pude ler recomendo-te, porque talvez o não tenhas ainda lido, o paradoxal, falso, porém, estupendo, de O. Wilde, — *The picture of Dorian Gray*. E' antes grego do que inglês e cristão, mas é extraordinario e sublime.

Enfim, vou terminar. Ainda havia muito que dizer. Mas, para responder ao silencio, já são demais, tres paginas".

25 de Junho de 1901. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. — Obteve a realização do seu desejo: viajou a Europa, é verdade que em poucos dias. Tornou a vêr Paris, Berlim, Veneza e Viena. Guardou um dia para Milão; foi levar um ramo de lirios ao tumulo do pequenino Neco. Em Berlim conheceu o barão do Rio Branco, de quem guarda *muito feliz impressão*. Está agora em Marselha, á espera de navio, para voltar ao Brasil.

Agora, uma analise psicologica:

"Era intenção minha ficar aqui na Europa 4 mezes ao menos; mas eu, na verdade,

não sou um homem são, tenho qualquer doença digo, doença no que ha de fundamental em espirito e corpo. Tu sabes a *vontade da Europa* que eu sempre tive; pois bem, desta vez eu não voltei de Dakar ou Las Palmas apenas por isso: por vergonha e impossibilidade de explicar a minha volta.

A razão que me acho é que já começo a ficar velho e já não posso ausentar-me da mulher e dos filhos, que são já cinco e são como o pedestal de bronze do qual a estatua da Inconstancia não póde mais separar-se.

Acabou-se-me a coragem de estar só! Sinto saudades e lamento-me".

De certo, êle está triste; anda apreensivo com a saude: teve uma hemoptise e não sabe que terrores isso lhe deixou:

"Era intenção minha demorar algum tempo em Berlim e de lá oferecer-te os meus serviços de ciceroni amigo, mas aí, como disse, por um frio excepcional, que aliás houve em toda a parte, adoeci e puz sangue pela boca. Era coisa insignificante, mas, como os cometas, ainda surpreende os incréos. Parti logo imediatamente para Viena, que é uma lindeza e não deves voltar sem vê-la. Mas a Italia cura todos os males e para lá voltará a civilização, quando ela depender mais do céo que do carvão de pedra".

Despede-se da Europa, apressado, ansioso por chegar ao Brasil, á Rua Oriente n. 8, onde o esperam a companheira querida, as cinco crianças alegres, felizes, magnificas!... Adeus, Europa! "Já no porto de partida sinto a emoção do filho prodigo que retorna aos lares. A' excepção de Veneza, nenhuma imagem dura ainda na minha retina!"

26 de Julho de 1901. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. — Continua em Marselha, á espera de um navio. Mas, por infelicidade, ha portos empestados, e as companhias de vapores têm medo da quarentena! Ele tem que esperar até o dia 10 de Agosto! Enquanto espera, faz cousas interessantes:

"Aqui, na França, sobretudo em Paris, com as festas de 14 de Julho, fiz uma colheita enorme de canções que ouvi, e belissimas, para ensinar ás crianças, que eu acompanharei no meu *harmonium*. Que belas que são!"

26 de Setembro de 1903. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. Ele está triste, magoado com as malicias que o perseguem...

"Escrevo-lhe quasi sem escrever, porque me reservo para mais tarde.

Saí do *Correio* e ando aqui ignobilmente

apedrejado pelos *humoristicos*, os quais creio que você não lê nem conhece por aí. Basta dizer que são tres ou quatro e não ha numero em que não me xinguem barbara e estupidamente. Sei por ouvir — não os leio; pintam, caricaturam-me, descompõem-me e atribuem-me todas as baixezas. Ora, aí está em que deu a *generosidade deste povo*, qual a previu o Nabuco, escrevendo-me e concitando-me a ficar por aqui. Declaro que não sáio do Brasil porque não posso e nem acho quem me ajude a tirar daqui. Trabalharei, contudo, para ver-me livre dessa terrivel companhia de *admiradores*...

. . . . . .

Digo-lhe que ainda não escrevo — porque suponho terei tempo pelas ferias proximas de coordenar meus artigos de estetica ou cousa que valha, corrigi-los e amplia-los e anota-los. Nêles, você teria e terá seu lugar, distinção que reservo para alguns, muito poucos, tres ou quatro dos nossos mais distintos escritores e amigos. Até lá, direi e falarei. Agora falo e escrevo apenas, para não parecer esquecido e não deixar sem responder as suas excelentes e sempre bem vindas e amadas cartinhas. Não repare, pois, nesses silencios que, ainda na mudez, traduzem

o eterno afeto que já fundamos. Demais aqui sempre estamos a falar de você quando nos ajuntamos. Que culpa ha que a distancia apague as vozes e os testemunhos que estamos a dar da amizade?

Escreva quando puder, que você terá mais tempo que eu. Estou a ensinar meninos, a rever gramaticas e a tratar asperamente da vida.

A carta do Nabuco, belissima e tão lisongeira, não me agradou porque falhou ao alvo que eu tinha em vista: tudo neste mundo tem um fundo, que é sempre a questão de finanças, e era e é a minha. E creio que até Deus foi inventado e só existe por motivos pecuniarios. E quando o idolo não é de ouro, não vale a pena idolatrar.

. . . . . .

Estou ficando atrazado com os meus classicos; — mas o de que tenho medo é de ficar mau ou perverso, ainda que seja só em ideias. Escreva-me, escreva-me, nas suas horas vagas, e é alegria que lhe peço a todo o instante.

Consta por aqui ha dois anos que você vem. Não lhe aplaudo a ideia, e terá muito que se arrepender.

Vá ficando por lá quanto puder e não

venha senão de passeio e por pouco tempo — assim será uma delicia".

29 de Janeiro de 1905. — Carta de João Ribeiro a Graça Aranha. — Ele nutre um projeto que lhe parece salutar; e escreve ao amigo fazendo-lhe um pedido:

"Vê o que me podes fazer, a meu beneficio, em uma pretensão que tenho agora, a um lugar no *Colegio Militar*: estão ultimando uma reforma e vai ficar vaga a cadeira de *Historia do Brasil*, que eu mereço por todos os motivos, a saber, de habilitação e pobreza, os quais dous são um só e o mesmo eternamente.

O Rio Branco poderia pedir ao Argollo; mas pedir eu ao Rio Branco não o faço; porque estou certo que não me presta nem liga a minima importancia; pode ser que um pedido teu, digo, com certeza, terá significação e valia. Mas nada pedirás ao Rio Branco; o principal é ter em vista o Rodrigues Alves, que tudo pode.

Petropolis governa e aí estás perto das redeas: cá em baixo só chegam as esporas.

Alegarás que eu sei a materia, e se ha mister alegarás que não sei, o que ás vezes é de bom agouro neste mundo de ignorancias triunfantes.

. . . . . .

Conforme prometi, hei de ir lá acima, eu e a Xaviera, como dois São-Lourenços escapos destas grelhas de 40 gráos; teremos lá a sensação bôa do paraizo após o martirio.

. . . . . .

Voltando ao negocio de que trato, a nomeação é do Presidente e do Argollo; a reforma, que está quasi concluida, deixa algumas cadeiras vagas, poucas para o muito que ha de famintos. Estou *trabalhando*... (considera bem: relendo o Southey? o Varnhagem? não. *Trabalhando*, isto é, perseguindo-te, e aos amigos e aos politicos e a quem puder. *Uff!* Estou *trabalhando!* E eis aqui uma pagina da nossa civilização!)

. . . . . .

Não ha mais papel para lagrimas e aqui termino".

2 de Fevereiro de 1905. — Carta de Graça Aranha a João Ribeiro. — Escreve-lhe de Petropolis.

"Sim. Tambem já comecei a trabalhar na tua vinha... Hontem mesmo remexi um pouco o terreno, mas não sei o resultado. Procurarei fazer furos por outro lado. O diabo é que não tenho bem vivo esse sentimento de minar, que é o fundo de toda a intriga. Falta-me o instinto do tatú.

Que triste coisa, meu amigo, a vaidade. Tenho aqui vivido muito fóra dela, numa doce mentira, num grande extase. Faço cousas inuteis, e por isso profundas e solenes.

Vem daí um instante. Dá-me umas horas de filosofia e mesmo do teu terrivel sarcasmo. Por êle terei a realidade dolorosa.

Vem com tua filhinha para encanto da minha. Petropolis é amavel e nos abranda com os seus copiosos aguaceiros. Então não vale a pena? Ha tambem dias de sol em que não ha côr... e dias encobertos que são esplendidos de nuanças. Tu conheces isto. Só tem de grande a solidão... e esta mesmo é limitada, como a vida humana. E' preciso olhar para dentro.

Minha mulher manda muitas lembranças á tua senhora. E eu fico esperando-te com ancia, meu querido João".

CAPITULO QUATORZE

IDEIAS DE ESTETICA

I

A vida corre. João Ribeiro passa-a em seus misteres de professor, de escritor, de jornalista... Frequenta a Academia. Redige o *Almanaque Garnier,* onde o seu espirito, feito de curiosidade, de tanta maneira se expande.

Em 1914, consegue evadir-se mais uma vez. Vai á patria de suas origens, á Europa. E' na Suissa que encontra de novo Graça Aranha. Mais tarde lembrará, com uma poesia melancolica, "a alongada saudade das horas que vivemos juntos ás margens do Leman tranquilo e azul, onde outróra respiraram o seu amado Rousseau, e Byron, Voltaire, Maupassant, Leopardi, Amiel..."

Graça Aranha está, nesse momento, numa de suas crises de hiperbolico amor ao pro-

gresso. Seu entusiasmo é todo pelas grandes cidades, os fócos radiantes da energia e da riqueza contemporanea. Nada de paisagens bucolicas! Nada das felicidades pastoris! A João Ribeiro, que quer botar os filhos no colegio, êle aconselha:

— Poupa aos teus filhos essa familiaridade mesquinha das cousas rusticas. Os ares do campo fecham o horizonte do espirito.

Mas o contacto dos dois amigos foi breve: a guerra logo chegou, para separa-los.

A deflagração do conflito veiu marcar uma separação nitida entre êles. Graça Aranha desposa, de alma e coração, a causa dos aliados. Toma parte no movimento de intelectuais, que ha de levar o mundo quasi todo a mobilizar-se contra a Alemanha. Faz parte daquêle numeroso grupo de entusiastas que, conforme a observação de um maligno, fez com que a França vencesse por subscrição...

João Ribeiro é fleugmatico. Sua analise é fria. Ele vê a verdade — um pouco da verdade — que se esconde sob a verbiagem vã dos exaltados. E' na Inglaterra tranquila e calculista que êle enxerga a verdadeira instigadora da luta — e não na Alemanha.

A oposição dos pontos de vista em que êles se colocam, com referencia á guerra e á

politica internacional, não determina a cessação da amizade entre os dois escritores.

II

Graça Aranha lê e relê as *Paginas de Estetica*. Tambem tem as suas doutrinas essenciais, em materia de filosofia e de arte. E encontra muita afinidade entre o seu espirito e o espirito do amigo.

Vem-lhe a ideia de escrever um livro em colaboração com João Ribeiro. Será um livro de abstração pura, de pensamento, de critica de arte. Procura amadurecer o plano. Vai organizando a sumula da obra. Os capitulos serão os seguintes: "Metafisica do Terror" — "A tirania dos gestos animais no homem" — "A Essencia da Arte" — "Metamorfose" — "A historia e o sentimento estetico" — "Humanização" — "Unidade estetica do corpo humano" — "A metafisica da consciencia metafisica" — "O sexo tragico" — "O fabulismo" (prodigioso nome da mentira) — "Veneza e o vago estetico" — "Livro de Eivanetos" (medalhões) — "A mulher, o animal e o homem" — "A fórma e o movimento" (estetica de escultura) — "A inferioridade da literatura" — "O futuro poema ciclico depois de Fausto" — "Os signos da Natureza" — "O panteismo triste" — "Unidade tragica da vida" — "A estetica de Velasquez" — "O que faz viver a obra de arte" — "O tempo infinito no espaço finito" — "As tragedias do espirito e do corpo humano" — "Os sortilegios de Shiva" (1).

O manuscrito, em que se encontra delineado esse livro, tem a data de 31 de Maio de 1917.

O livro nunca foi escrito. Graça Aranha esqueceu o projéto; e escreveu, sózinho, a sua *Estetica da Vida*, obra que, em suas linhas gerais, lembra a que êle imaginara outróra.

Sómente pela revista que publicara o plano de Graça Aranha, soube João Ribeiro da obra que havia de escrever. Ele comenta, num artigo sutil, a ideia de Graça Aranha. Confessa que não tem a minima ideia desse livro. Sua colaboração com Graça Aranha afigura-se-lhe uma cousa muito dificil, pois o espirito do romancista, cheio de entusiasmos febris, apaixonado pelas ideias, era diferentissimo do seu. Parece-lhe incrivel ter êle algum dia tido conhecimento desse plano de escrever uma obra de filosofia com Graça Aranha. E assim comenta o pro-

(1) **Vida Literaria** — Agosto 1931.

jéto do primeiro capitulo do livro, o qual seria um estudo sobre a *Metafisica do terror*. "Cabia-me talvez fazer o papel do *advocatus diaboli*, porque, em verdade, eu sempre me ri do *terror cosmico* de Graça Aranha e ainda mais havia de sorrir da sua sublimação em metafisica".

Detem-se, entretanto, diante do misterio desse plano de Graça Aranha. E chega, afinal, á conclusão de que o romancista o escolhera para colaborador, na falta de outro escritor mais habil ou mais afinado pelo diapasão da sua filosofia. Contudo, a não realização do livro dá-lhe certa melancolia. "Graça Aranha morreu sem realizar essa viagem sentimental, dêle Quixote, eu Sancho Pança, em busca do "Tempo Infinito no espaço finito". Perdi essa, como tenho perdido outras ocasiões de imortalidade" (1).

III

Será curioso olharmos mais de perto a obra paralela desses dois escritores.

Em João Ribeiro, como em Graça Aranha, uma das preocupações principais era a da estesia. Criança ainda, João Ribeiro imaginava um livro, que de certo havia de ser prodigioso: *As energias esteticas*. A vida transformou a obra — e êle publicou, muitos anos depois, as *Paginas de Estetica*.

(1) **Estado de São Paulo** — 14-8-1931.

Preocupação identica, de arte pura, inspira e orienta Graça Aranha.

Mas ha, entre as *Paginas de Estetica* e a *Estetica da vida*, diferenças essenciais

O espirito de Graça Aranha compraz-se nas longas especulações metafisicas. Ele não tem receio de cavalgar os pégasos da fantasia, e percorrer os intermundios radiosos. Seu pensamento, a que não é estranha a confusão e a desordem, tem alguma cousa da materia informe, antes que o *fiat* divino dissolvesse o cáos. Seu livro reflete essa disposição do espirito para o difuso e o complexo. E ali nós nos perdemos, no cipoal intrincado das formulas metafisicas. E vamos tropeçando aqui no terror cosmico, e ali no todo infinito...

João Ribeiro tem por si a simplicidade, a clareza, a medida, que Graça Aranha, esse renovador opulento da alegria tropical, não conhece.

Tambem João Ribeiro não se aventura a surtos audazes dentro da Metafisica.

Suas *Paginas de Estetica* não pretendem passar da superficie das cousas. Ou, pelo

menos, se êle se aventura a doutrinas, conserva-se sempre adstrito ao puro terreno da literatura. Certo, êle procura penetrar no amago das teorias da arte e da criação literaria. Busca interpretar os abismos insondaveis da dôr e do prazer, da criação do humorismo e da criação da beleza. Mas a prudencia o retem no limiar dos abismos filosoficos. Ele bem sabe que a verdadeira sabedoria consiste em não desafiarmos os misterios.

Ser-me-ia facil fazer aqui, com farrapos de opiniões e pensamentos tirados de um e de outro autor, uma conversação filosofica em que ficasse acentuada a orientação moral e estetica de ambos.

IV

Depois da publicação de *Estetica da vida*, Graça Aranha tomou, com referencia á Academia, um rumo que o afastou dos antigos companheiros. Soltou, dentro da propria instituição, numa sessão que se tornou memoravel, o seu brado de guerra:

"Se a Academia não se renova, morra a Academia!"

João Ribeiro não se agastou com a atitude do confrade. Ao contrario; sempre se

referia com bom humor, ao caso Graça Aranha. Falava do *mais doce e mais suave dos nossos amigos*, que um dia tinha tomado a atitude da guerra de exterminio contra a casa que glorificara anos antes.

Explicou, um pouco, a atitude de Graça Aranha como sendo uma revolta contra a falta que êle sentia de outros Machados e outros Nabucos. E fixou uma contradição singular do amigo: "O aspecto mais impressionante do academismo está no culto da linguagem. E se assim é, como poderia Graça Aranha escapar á pecha ou á virtude do bom academico?" Ele encontra em Graça Aranha um classico futuro da nossa lingua. E conclue: "Leio-o com as delicias e os agrados das genuinas formas de expressão. Sinto-lhe o ritmo do verdadeiro escritor como eu quizera ser; e o relevo de sua frase é quasi tangivel como a escultura".

De resto, João Ribeiro não crê nas etiquetas literarias. Não crê que, pelo simples fato de se rotular como novo, e de aderir ás tendencias de uma escola recente, o escritor se torne interessante ou consideravel. "Novos e velhos na maior parte, como é de regra, são intrujões de cabelos brancos ou de cabelos pretos. Como sempre, ha alguns cá e lá que não necessitam viver pelo escandalo

das teorias. O resto pode apegar-se aos novos ou aos velhos, inutil e indiferentemente; nada os fará sobreviver ás destruições necessarias".

V

Por ocasião da morte de Graça Aranha, novamente celebrou João Ribeiro a gloria e a obra do amigo.

Mostrou-o na mocidade e na maturidade, belo e radioso, criando os seus livros, arrancando da imensa poesia de sua alma as sombras inesqueciveis de Maria e Dionisia, de Milkau e Felipe, de Felicissimo e Radagasio. E concluía com estas palavras: "Hoje, que todos deploramos a sua morte, sem cogitar de pequeninas e inuteis animosidades literarias, o seu espirito paira na saudade serena das nossas admirações. Quanto a mim perco um grande e suave amigo, porque para mim a grande feição psicologica de Graça Aranha era a sua enorme ingenuidade e bôa fé".

VI

João Ribeiro e Graça Aranha...

Houve certo proposito, do meu lado, em alongar um pouco esta parte do livro. E' que,

pela força de humanidade, de dinamismo espiritual, de ação renovadora, que tiveram, esses dois homens me parecem representar os dois brasileiros mais interessantes que existiram na geração posterior á de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

Pags.

Advertencia 5

CAPITULO PRIMEIRO

O Homem 11

CAPITULO SEGUNDO

Poesia 35

CAPITULO TERCEIRO

Estudos de Historia 71

CAPITULO QUARTO

Estudos de Filologia 90

CAPITULO QUINTO

Na Catedra 117

CAPITULO SEXTO

Estudos de Folquelore 147

CAPITULO SETIMO

Jornalismo 164

CAPITULO OITAVO

Polémicas 185

Pags.

CAPITULO NONO

Ideias Politicas 215

CAPITULO DECIMO

João Ribeiro e as Mulheres 241

CAPITULO ONZE

Na Academia 259

CAPITULO DOZE

João Ribeiro e Joaquim Nabuco — Uma correspondencia 283

CAPITULO TREZE

João Ribeiro e Graça Aranha — Uma correspondencia 294

CAPITULO QUATORZE

Ideias de Estética 310

OFICINAS alba GRAFICAS

RUA DO LAVRADIO, 60 — RIO DE JANEIRO — BRASIL